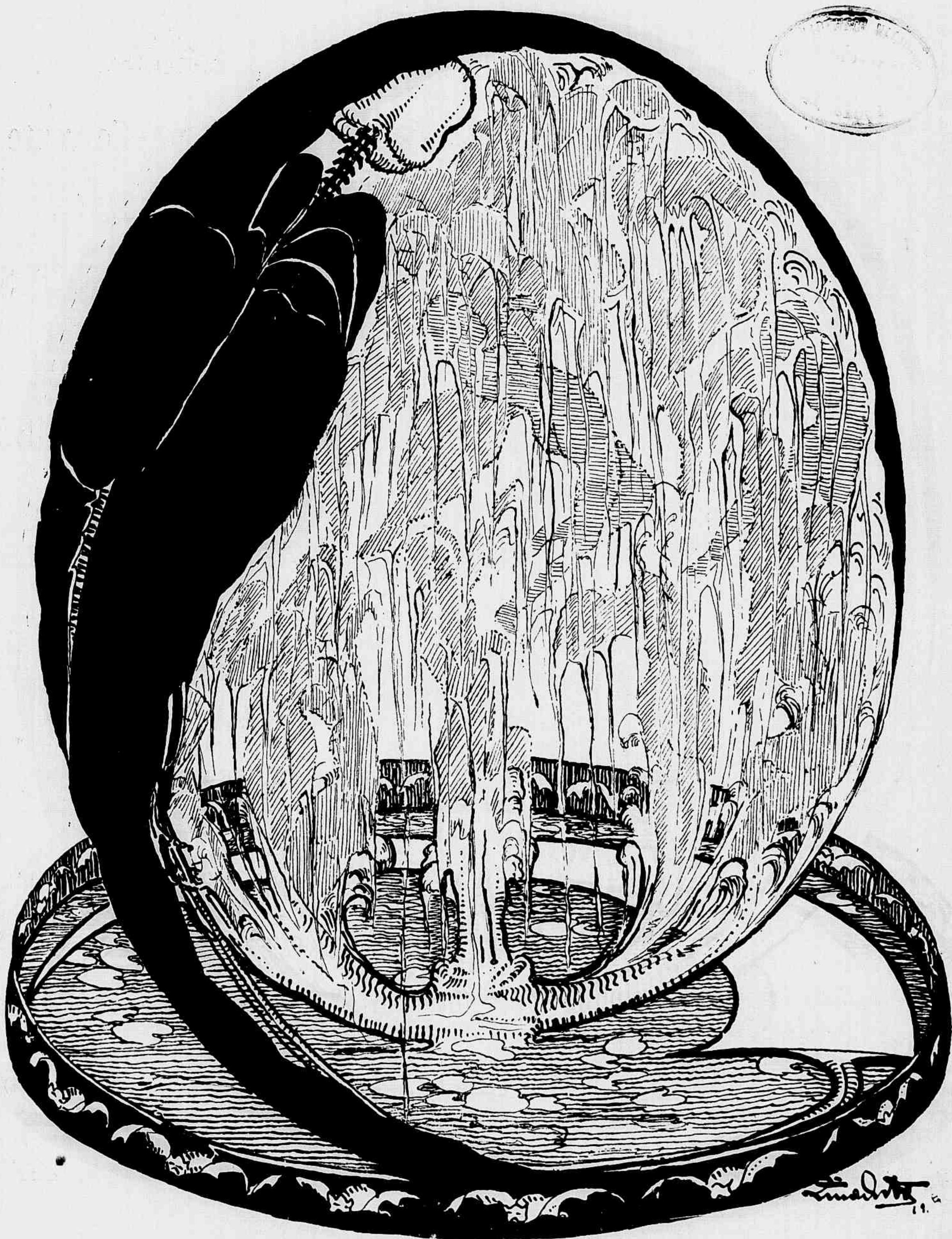


3094

AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: Elysio de Carvalho



Desenho de ZINA AITA

Anno II.

N. 23.

Novembro de 1923

Preço: 1\$000.

Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente
de movimento,
CONTAS CORRENTES
LIMITADAS COM
TALÃO DE CHEQUES,
Conta Corrente a
prazo fixo e
encarrega-se da adminis-
tração de
propriedades

FILIAES EM S. PAULO E SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

24, Rua da Candelaria, 24
RIO DE JANEIRO

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 23

$$\equiv$$

RIO DE JANEIRO

© 2004 Blackwell Publishing Ltd

NOVEMBRO, DE 1923

$$=||=$$

ANNO II

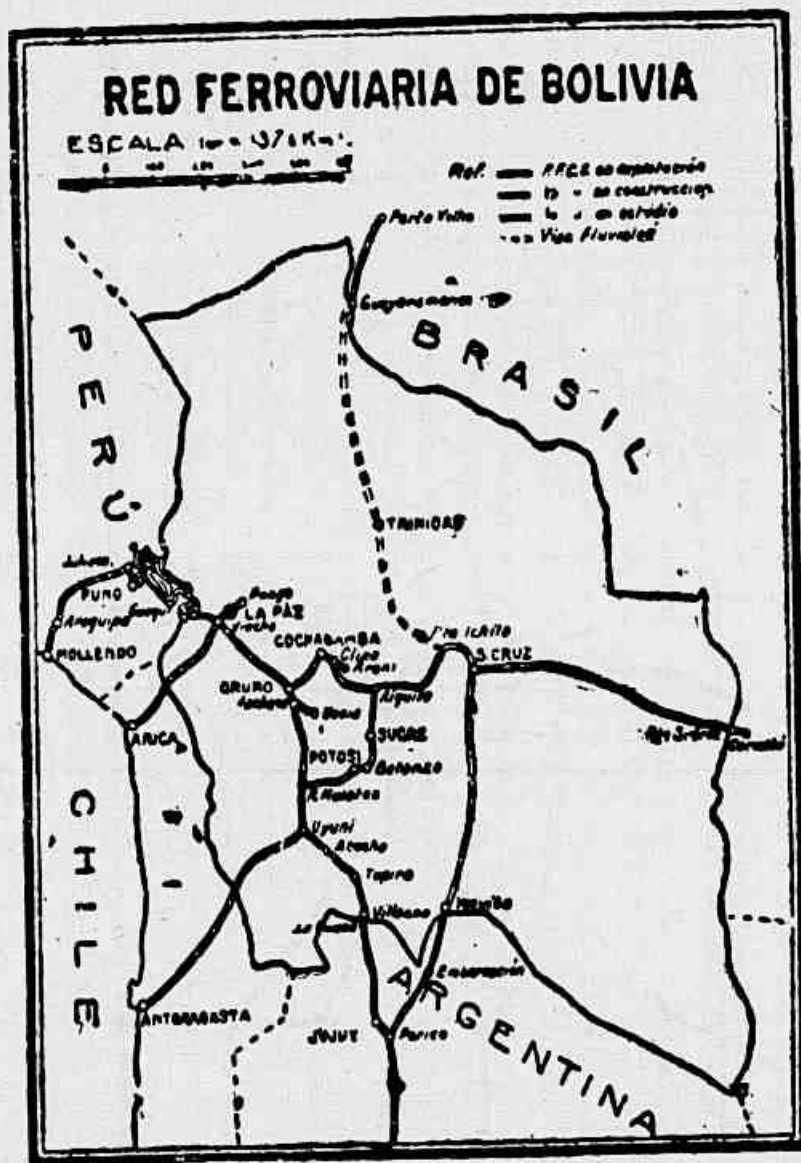
PROBLEMAS DE VIAÇÃO BRASILEIRA

O illustre Senador Paulo de Frontin, com a sua autoridade indiscutivel de mestre no assumpto, desenvolveu no Senado, a proposito da lei de imprensa, uma série de considerações sobre as nossas difficuldades de communicações, através do enorme territorio nacional, dentre as quaes salientaremos as referentes ás nossas ligações com o Paraguay e a Bolivia, que merecem o mais acurado estudo por parte do Governo, uma vez que estamos seriamente ameaçados nos nossos interesses. Sem duvida a culpa maior reside na falta de unidade, o que equivale a dizer, na orientação deficiente do problema viario brasileiro, nos seus multiplos aspectos, sobretudo quanto ás estradas de ferro.

Temos feito verdadeiros paradoxos e ha flagrantes absurdos no proprio tracado de varias rêdes, feitos em desacordo com as necessidades essenciaes de economia e defesa do paiz, ora para proteger interesses menos justos, outras vezes para satisfazer preleções regionaes, em detrimento do bem commun. Não se comprehende facilmente, porque ficou no esquecimento, com os mais graves prejuizos para o Brasil, a ligação das estradas de ferro de Assumpção, com o nosso systema viario, como planejou Rio Branco, segundo o depoimento do Sr. P. de Frontin, ligação que "desce pelo valle do Iguassú e atravessando o ponto mais conveniente do Paraná em trecho de largura excessivamente limitada e procurando ligar as estradas de ferro de Assumpção, em Villa Rica, viria trazer um beneficio ás nossas relações internacionaes, todas ligadas ao Brasil, quer pelo porto de Francisco, quer pelo porto de Paraná, passando por Curityba, quer pelo porto de Santos." Não levamos a termo o projecto, que a visão aguda do grande chanceller planejou, permittindo que o Paraguay se tornasse esphera de influencia economica da Argentina, pois ficou tributario do Porto de Buenos Aires, quando poderíamos, pelo menos, como observou o senador carioca, concorrer com aquelle porto, "conforme a natureza

dos productos e dos consumidores e o destino que tivessem essas mercadorias para a exportação." Ha tempos, renovou-se o projecto dessa ligação, cujos estudos já estão feitos, mas não parece que por ora se cogite de effectual-os. Sendo que será depois muito tardio, pois os interesses paraguayos já estarão radicados á Argentina em definitiva.

Em relação ás nossas ligações com a Bolívia, o protocollo Carril-Gutierrez, que concedeu á Argentina a construção da linha Santa Cruz de la Sierra e Puerto Suarez, constitue uma séria ameaça á nossa economia e viola o tra-



A concessão boliviana á Argentina

tado de Petropolis, pelo que se sabe, pelos jornaes argentinos, que o Itamaraty tem procurado defender os nossos interesses, grandemente feridos por esse accôrdo, aliás gesto intelligente e habil da Argentina. Pela construcção do ramal Tupiza-Lo Quiaca, La Paz se liga a Buenos Aires e tambem a Bolivia cõe sob a exclusiva influencia economica da Republica visinha, apesar do Brasil ter dado á Bolivia 2 milhões de esterlinos para a construcção de estradas de ferro ligando-se com as nossas, dinheiro esse que não teve até hoje a devida applicação.

Não precisamos explicar aos leitores o significado economico e militar da nossa ligação com a Bolivia, desde que a Noroeste chegasse a Corumbá, de onde se encontraria com a estrada de ferro boliviana que demandasse Santa Cruz de La Sierra, pelo Porto Suarez, cidade que dista apenas 7 kilometros de Corumbá. De um lado a attitude da Bolivia, deixando de cumprir as obrigações do Tratado de Petropolis, do outro, o nosso descaso pela solução do problema, preso a interesses de maior importancia para o Brasil. Ao que se sabe, o governo boliviano teve o maior empenho, e hoje grande alegria, em fazer essa concessão ferro-viaria á Argentina, concluida pelo protocollo Carril-Gutierrez, negociado em La Paz, entre o ministro plenipotenciario argentino Carril e o ex-chancellor boliviano Gutierrez, e cuja approvação foi solicitada ao Congresso da Bolivia, pela mensagem do Presidente Saavedra, de 9 do mez passado, concessão que, como disse o Sr. Paulo de Frontin, "affecta profundamente os interesses brasileiros e é tanto mais sensível quanto ha quatro annos, mais ou menos, o ministro boliviano, acreditado junto ao Governo brasileiro, Sr. Carrasco, teve oportunidade de apresentar uma proposta para que, em vez da construcção da ponte Guajará-mirim sobre o rio Mamoré e o ramal de cerca de 30 kilometros que vae até a cachoeira Esperança, fosse esse substituido pela construcção da linha até Corumbá-Puerto Suarez".

O que não sabemos é qual será a attitude do Governo brasileiro, mas esperamos que a acção, annunciada em Buenos Aires, da nossa diplomacia em La Paz seja bastante energica para defender os altos interesses nacionaes, que, aliás, não estariam em jogo neste momento, se tivéssemos prosseguido um rumo mais certo na nossa politica ferro-viaria, guiada sempre ao acaso, sem a imprescindivel continuidade, que lhe garantiria o exito necessario e a integridade na sua função propulsora da economia brasileira.

A PRONUNCIA DO DIRECTOR DO "RIO-JORNAL"

Tendo o "Rio-Jornal" publicado, em Dezembro do anno passado, editoriaes denunciando um supposto *complot* armamentista e incluindo entre os agentes dessa phantastica conspiração o nome do nosso director Sr. Elysio de Carvalho, este apresentou queixa-crime de calúnia e injúria contra o Sr. Georgino Avelino, director do mencionado jornal, ao Juiz da Segunda Vara Criminal. Processado o feito, foi o querellado impronunciado, tendo o querellante recorrido desse despacho para a Terceira Camara da Côrte de Appellação, que deu provimento ao recurso para pronunciar o Sr. Georgino Avelino. O theôr do acórdão é o seguinte:

ACÓRDÃO

Vistos e relatados os autos de recurso-crime n. 914, em que é recorrente Elysio de Carvalho e recorrido Georgino Avelino:

Acórdam os Juizes da Terceira Camara da Côrte de Appellação em dar provimento ao recurso para, reformando a decisão recorrida, pronunciar, como pronunciamos, o recorrido nos artigos 317 letras b e c, 319 § 2º e 22, letra c do Código Penal, entre si combinados, sujeito a prisão e livramento na forma da lei. A qualidade de editor do respectivo "Rio-Jornal", attribuída ao recorrido na certidão de fls. e porque elle responde no presente processo, não foi impugnada nas suas razões de defesa a fls. e do recurso a fls., tendo ao contrario o recorrido implicitamente a confessado, affirmando della não decorrer responsabilidade penal, como pretende o recorrente equiparando-a ao editor. No entanto, não procede a defesa do recorrido conforme em mais de um acórdão se tem manifestado esta Camara. No citado acórdão do recurso-crime n. 827, se pondera que tendo o nosso codificador penal procurado punir com efficiencia todos os que cooperam na produção e distribuição de impressos, inserindo injurias e calumnias, estabeleceu uma forma especial de responsabilidade, abstrahindo da cumplicidade, tornando-a solidaria e necessaria na alternativa e facultativa, como no citado dispositivo do artigo 22, ora suppletiva, como no § 2º. E nesse presupposto: sendo identicas as funções do director e do editor de um jornal, competindo a ambos a vigilancia e autorização das publicações, a mera differença de nomenclatura não é de molde a importar em conferir ao primeiro uma inviolabilidade, contraria ao fim que teve em vista o legislador e altamente perigosa á ordem social, assim exposta aos abusos naturalmente defluentes dessa impunidade nos delictos de imprensa. A doutrina de Garronet, que faz independer do nome adoptado, director, redactor, chefe ou editor — a responsabilidade penal daquelle que é o chefe encarregado de vigiar a sua confecção, de dar á obra collectiva essa unidade de direcção e pensamento que faz a sua força, bem corresponde, como elle assignala, á realidade das cousas, não sendo licito, como também pensa o eminente Flaoro, "que ninguém que tome parte na publicação se esconda sob o manto de director, em nome dessa liberdade de que abusou, pretendendo uma immuniidade tão estranha quão perigosa". Juridica é, portanto, a interpretação do referido acórdão, e conforme a jurisprudencia dos tribunales italianos, a que se reporta o mencionado escriptor Flaoro, os quaes, estabelecendo a presumpção da responsabilidade penal como já disse, permitem, entretanto, que o incriminado director dê a prova em contrario, de não conheci-

mento da publicação diffamatoria e da sua consciencia — não ha, pois, como insistir-se em que essa interpretação não é extensiva por força de comprehensão e sim analogica ou por paridade, prohibida pela lei penal, como faz o despacho recorrido. Provada como ficou a distribuição do periodico por mais de 15 pessoas, pelos depoimentos das testemunhas do summario de culpa, e nenhuma controversia podendo suscitar o caracter conculmioso das expressões empregadas contra o querellante nos artigos incriminados, e por elle indicados, na queixa inicial, contendo, como ellas contêm, palavras e factos insultantes na opinião publica e offensivas da reputação e da honra do recorrente, e o *animus injuriandi* na sua propria natureza se revela desnecessaria que era a precipitada divulgação dos factos apontados nos artigos quando fossem verdadeiros, nos termos em que foram feitos.

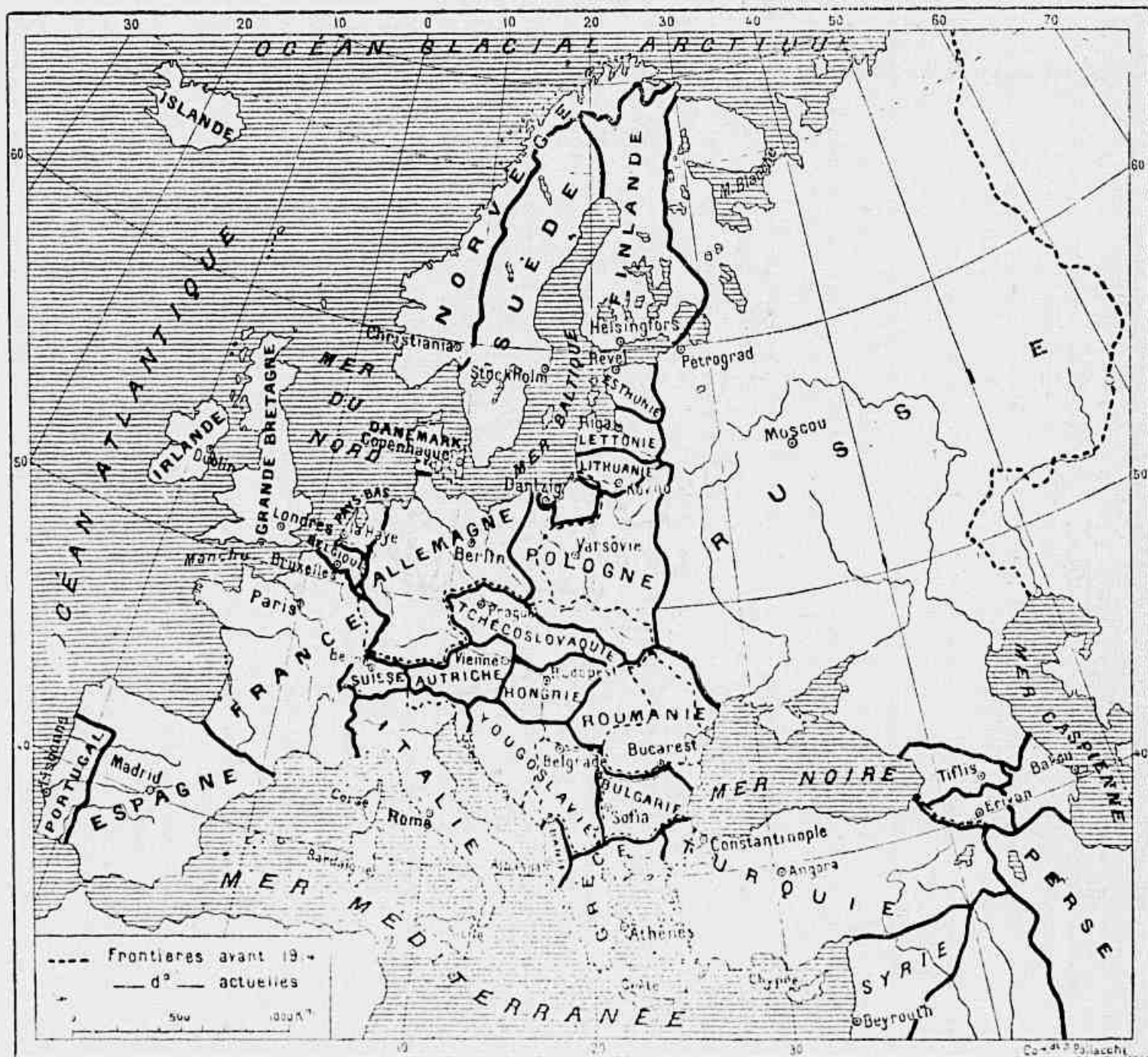
Excluida dest'arte a dirimente do *animus narrandi*. Assim entendendo, repelle esta Camara a pretendida existencia do crime de calúnia conjuntamente

com o de injúria, em que incidio o querellado — recorrido, por não envolverem os factos constantes dos artigos incriminados uma imputação precisa, nos termos dos arts. 317 e 88 do citado Código Penal, exigindo, como exige, este ultimo que a provocação dirigida a uma nação estrangeira para esta declarar Guerra á Republica seja levada a effeito directamente por factos. Ora, tal não succede nas publicações incriminadas que se reportam á descoberta feita de um "complot" para provocar a Argentina a declarar guerra ao Brasil, achando-se o recorrente entre os agentes para compra de armamentos. Insereva-se o nome do recorrido no rol dos culpados, expedindo-se contra o mesmo mandado de prisão, arbitrando-se a fiança a que tem direito na quantia de um conto de réis. Custas a final. Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1923. Sá Pereira P., Machado Guimarães, Relator. — Carvalho de Mello, Angra de Oliveira, vencido de acórdão com o meu voto no recurso crime n. 827. Foi presente, Moraes Sarmento, Procurador Geral.

A EUROPA TUMULTUARIA

Quando o leitor puzer os olhos sobre esta carta da Europa, é possível que não esteja ella mais de accordo com o momento, pois não sabemos os resultados das revoluções separatistas na Alemanha, nem até que ponto se effectivarão essas tendências, da Rumania e já agora da Baviera. Diante do mappa, vemos a península iberica manter o seu "statu quo", de um lado a Hespanha e do outro o pequeno e admiravel Portugal, que daquella nesga de terra deliciosa soube partir para se dilatar pelos mares immensos, para a descoberta de novos mundos. A França voltou a ter o traçado geographico de 1870, pela reincorporação da Alsacia-Lorena, ficando a Suissa, a Belgica e a Hollanda, bem como os estados nordicos sem modificações, salvo a Dinamarca que incorporou o Schleswig. Também a Gran-Bretanha manteve a sua situação geographica. A Alemanha soffreu certos recortes, mas si não vingar a scissiparidade continua a ser uma das grandes extensões territoriaes da Europa. A Austria, toda poderosa, foi a mais sacrificada e é hoje um paiz pequenissimo e sem maior importancia. A Hungria separada é também um estado menor mas a Tchecoslovaquia se tornou um paiz

respeitavel e de dimensões estimaveis. A Yougoslavia cresceu; a Italia incorporou os territorios irridentos; a Rumania dilatou os seus dominios, quer do lado da Russia, quer do da Hungria; a Polonia redimida é quasi dois terços da Alemanha; a Estonia, a Lettonia, a Lithuania resultaram do fraccionamento da fronteira occidental da Russia, que, apesar disso, e da independencia da Finlandia, mantem a sua enorme massa no oriente europeu. No entanto, perdeu territorios que equivalem á superficie e meia da França. A Grecia pouco variou, e a Albania ficou para decisão ulterior... A Turquia, hoje, depois das victorias sobre os gregos, augmentou a sua nesga europeia. Pelo mappa se verá a Europa em 1914 e o "Statu-quo" actual a menos que novas modificações surjam nesse espaço de tempo, medeiando entre a hora que escrevemos e a que circulará esta revista. Mas, até que ponto esse traçado será firme? Ainda não cessaram as competições e as queixas de ultima hora, contra os tratados que mudaram as fronteiras dos estados europeus. Os espiritos irriquiotos e excitados ainda não acceitaram como definitiva a obra dos diplomatas e ninguém sabe a solução dos conflictos latentes.



Carta geographica da Europa actual

A QUESTÃO SHAKESPEARE

ESPECIAL PARA A "AMERICA BRASILEIRA"

O que mais me impressiona na "questão" Shakespeare é que se tenha tido a idéa de inventar-a.

Sim, confesso, isso me aborrece.

O leitor dirá que não tenho razão, e que meu descontentamento indica um espirito pouco objectivo. Dir-se-ha ainda que no dia em que a erudição tiver demonstrado que o autor das peças attribuidas a Shakespeare não é o personagem até então chamado Shakespeare, mas um outro senhor, serei obrigado a acreditar.

Sim. Inclinar-me-hei diante desse facto brutal, mas com uma perfeita indiferença. O que me interessa aqui, e com toda certeza ha de sempre me interessar, é a obra e não o homem, são as peças (que eu as admiro no palco ou simplesmente lendo-as), os dramas e não a identidade mundana do seu autor. Percebe-se o alcance desta distincção. Respeito o autor, pois tenho-o por um dos genios mais completos e harmoniosos da humanidade, tendo sido a fonte donde nasceu o rio immenso de tragedias, dramas, "feerias", esse jorro infinito de lyrismo. Mas ao estado civil desse autor, seu traje humano, se assim posso dizer, ás apparencias corporaes em que o Destino encerrou essa alma prodigiosa, não presto nenhuma attenção, não dou nenhuma importancia. Os eruditos, que, com uma paciencia pasmosa, estão, desde muitos annos, a chicannar sobre os textos para estabelecer que Shakespeare não era Shakespeare, parecem-me desprovidos, num gráo elevado, de senso litterario. Evidentemente esse trabalho lhes é um divertimento, faz-lhes passar o tempo, esse tempo que têm de sóbra, não tendo mais que fazer senão classificar fichas. Mas nós, o publico, o que nos importa no fundo?

E, em primeiro lugar, nada ha de menos provado de que essa não-identidade de Shakespeare. Eu bem sei; existe uma copia formidavel de argumentos. O seu conjunto, porém, impressiona sem conveneer. Ha algo de intencional em tudo isso, uma especie de intimação. Querem nos envergonhar da nossa opinião, da nossa boa velha opinião, candida e tradicional, como se fosse completamente idiota o facto de pensar que um simples actor podesse ter um tamanho genio poetico.

Entretanto, não se chega a um accôrdo sobre a individualidade que convém substituir ao illustre comico. A these Stanley, habil e minuciosamente defendida, permanece plausivel e nada mais. A these Bacon, extraordinaria de complicação como um romance-folhetim, conclue de modo tão absurdo que nos põe estupefactos.

Não é por preguiça de espirito que me inclino para a hypothese tradicional. Eu a rejeitaria de boa vontade se a reconhecesse falsa. Todavia, até hoje, é pelo menos tão provavel quanto as outras.

Julgo que se proporciona grande prejuizo a Shakespeare actor, contestando-lhe a paternidade das suas peças, sob pretexto de que, socialmente, não era digno dellas. O genio sópra onde quer. Porque não teria visitado aquella cabeça?

E' um mysterio profundo nascer-se genio, mysterio analogo ao do primeiro fremito da vida. Em Stanley ou em Bacon, elle é tão admiravel, tão incomprehensivel como em Shakespeare; nem mais nem menos. Que papel representam no caso as considerações acerca da fortuna, da posição, das viagens diplomaticas? Tudo isso não passa de infantilidades. O genio tudo advinha, sem precisar ver cousa alguma. Não temos ainda, quasi sob os olhos, o exemplo empolgante de Balzac, a quem um trabalho esmagador e uma vida irrequieta não permitiam frequentar a decima parte dos personagens que creou, com tão flagrante realidade? Os homens de simples talento sim, são obrigados a verificar por elles mesmos aquillo que vão descrever... sob pena de fazerem obra incolor, incerta, artificial. Quanto aos homens de genio, é nisso precisamente que reside a sua força. Sabem tudo desde o berço, e o mais furtivo relance lhes basta para abranger um facto em conjunto ou comprehender um sêr até as profundezas.

O erro fundamental dos exegetas da questão Shakespeare, consiste em tratar um genio com os methodos ordinarios com que se explica as manifestações dos simples talentos.

Não pretendo estar seguro de ter sido Shakespeare o autor do Theatro da Rosa, mas affirmo que ainda não se provou que não o tenha sido. E persisto em acreditar que possue as maiores probabilidades de conservar o nome ao mesmo tempo que a gloria, porque o genio escolhe mais raramente os palacios do que as choupanas para morada. Sabe-se o que era Francisco Bacon? um triste individuo, apesar (ou talvez por causa) do enigma real da sua origem, um triste individuo e um philosopho cuja fria doutrina está nos antipodos da concepção radiosa do mundo que nos revelam as peças de Shakespeare. Quanto a Stanley, é presumivel que fosse um fidalgo encantador, culto, requintado — um europeu, se quizerem, um perfeito humanista. No entretanto, entre tudo isso e o genio ha um abysmo, que nada nos autoriza a considerar desaparecido. E, como no caso, tudo é probabilidade, que me seja permittido suggerir a minha. Sabe-se que, ao ponto de vista do lyrismo e da psychologia,

os viajantes extrahem pouca cousa da sua experiencia, por mais vasta que seja. Stanley não passou de um amator, e justamente por isso está condemnado como creador.

Pobre Shakespeare! Amava-o muito. Tornou-se ainda mais querido desde que se procura arrancar-lhe a propriedade ideal... Assignalou-se muitas vezes que nelle havia algo de fidalgo. Ninguem, porém, achava essa distincção espiritual contradictoria com a humildade de sua origem e do seu officio. Não se quer mais agora admittir que esse puro aristocrata tenha sido um simples comico. Foi preciso o nosso seculo democratico para chegar a esse extremado aulicismo, e aulicismo ingenuo ou estulto, porque, não contente em limitar-se exclusivamente ás grandezas materiaes, ainda quer respeitar as que foram abolidas ha tres seculos.

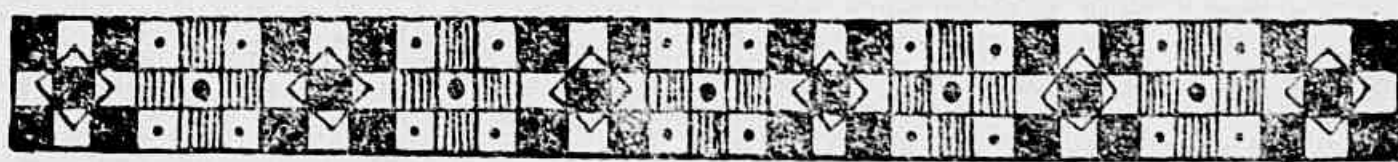
Amavel Shakespeare! Tu, cuja cultura e finos modos os amigos elogiavam. Gentilhomen Shakespeare, como elles ficariam espantados sabendo que te transformaram, para melhor te fraudar, num labrego ganancioso, num palafreneiro, num histrião analphabeto!

Num livro lucido e fervoroso que acaba de dedicar-lhe, *Essay sur Shakespeare* (Amiens, Livraria Malfère), o Sr. Faguz, com o bom senso superior que caracteriza os verdadeiros poetas e lhes dá sempre razão contra os eruditos os mais documentados, afasta com um simples gesto essa nuvem vã. Diz: "E, todavia, se elle não fosse Shakespeare? Pergunta ociosa mas obsecante".

Palavra soberana, definitiva! A questão é ociosa. Como o destino de todo creador é envelhecer e morrer, enquanto a sua criação, libertada do tempo, permanece eterna, que importa o que foi esse despojo? Shakespeare, para nós, é um nome. E esse nome é, não o de um personagem (com seus costumes, sua biographia, seu vestuario), mas de um espirito. Shakespeare é o que imaginamos.

O mais provavel, o mais proximo da verdade, é que Shakespeare foi Prospero. Que os inimigos do comico do "Globo" se riam quanto quizerem! Mas esse comico pertencia a raça daquelles que Gobinneau chamou os "kalenders fils de rois" na sua famosa pagina da *Pleiades*. Esse farçante, só pelo facto de tel-o sonhado, era o magico da "Tempestade", o principe iniciado que, pela sua sabedoria, tinha renunciado o poder... Eis o que esse palafreneiro occultava no seu sêr, essa luz poderosa cujos effluvios os roevos (esse testemunho vale bem o dos outros) percebiam através da pessoa, que chamavam o gentil Shakespeare".

Francis de MIOMANDRE



VIUVINHAS D'ALÉM

Em certa missa cantada com a epístola da *mulher forte*, deu-se a pèrros o subdiácono que devia então-a, por saber-lhe de cor unicamente a phrase: *Mulierem fortem quis inveniet?* Para illudir, entretanto, o auditorio ingénuo, á medida que voltava as páginas do Missal, na busca do texto necessario, repetia-a engrolando o latim: *Quis inveniet fortem mulierem? Quis mulierem inveniet fortem?* Transposta nos vocabulos, quiçá pareceria exprimir cousas differentes... Afinal, desesperando de achar o que procurava, cerrou o livro, confessando a verdade, mas ainda como si dicesse proverbio salomónico: *Mulierem fortem non invenio.*

Assim tambem acontece, algumas vezes, a *folk-loristas*, em ansia de curiosar, baldadamente manuseando instrumentos de officio. Oxalá não seja esta uma dellas, em que o leitor haja de perdoar-me logração menos enghenhosa! Pelo sim, pelo não, desde já fica impetrada a graça...

Quem encontrará mulher de virtude, sendo viuva bella e moça, ao lêr hoje contos antigos, cujo sentido religioso se obliterou? As lindas viuvinhas d'Além, figuras centraes de muitos, apparecem sempre em conflicto com a moral. Creio typicos da espécie dous tragicómicos, que estudarei cada um de per si: o da *Matrona d'Épheso* e o da *Matrona de Larissa*.

Não só por effeito de symetria, talmente designo aqui o segundo, falho de nome nas *METAMORPHOSES*, de Apuleio; é que o proprio redactor chamou á protagonista, uma larisséa — *matrona*, em significação exacta: "Aurum in gemmis, est in tunicis, ib inflexum, hic in textem, matronam profecto confidebatur." (O ouro scintillante ao redor das pedrarias, num ponto em bordaduras, noutro entretessido, indicava assás uma mulher de qualidade.)

Exame de superficie tem levado a sup pôl-os fábulas milesiannas, pelo mesmo espirito facecioso que se communicou a ambos, na corrente oral da tradição grega. Recolhendo-os escriptores latinos, preoccuparam-se em *fazer literatura*, o que melhor evidencia a redacção do primeiro, na qual a prosa de Petrónio engasta versos de Vergilio. Ora, tudo isso concorreu para a desnaturação dos dous, na essencia e na fórma.

Eis o do SATYRICON, em linhas geraes, furtivas de particulares escabrosas:

Havia em Épheso uma dona tamanha na fama de castidade, que mulheres de terras vizinhas iam vê-la, como si fôra a outava maravilha.

Fallecendo-lhe o cônjuge, não se satisfiz com ordinarias manifestações de dôr: desgrenhar-se inteiramente e ferir-se no peito desnudo, em meio de cortêjo funebre; quiz ainda custodiar os despójos amados, chorando perenemente junto do hypogéo, onde era de regra depositar os cadaveres. Tal afflicção a dominava, que inuteis se tornaram os esforços da familia, de amigos e até de magistrados, no empenho de demovê-la.

Voluntaria companheira no triste retiro, em que fundia suas lagrimas com as da senhora, dedicada serva avivava uma lanpada sobre o ataúde no curso das longas noutes de amargura.

Embora cheia de admiração por aquelle raro modelo de fidelidade, toda a gente lamentava o genero de suicidio escolhido, pois nenhum alimento provara alli, durante cinco dias.

Ainda fervilhavam na cidade os commentarios piedosos, quando o governador provincial mandou crucificar tres ladrões, proximo do maguado encerro. Devendo este espectáculo servir de escarmanto a criminosos, um homem d'armas guardava os corpos, porque os não arrebatassem camaradas, ou parentes, enterrando-os a occultas.

De uma feita, o guarda ouviu gemidos, procedentes do lado onde vasquejava a lucerna, para lá se encaminhando a verificar o que occorria de extranho. Como appareção

sobrenatural, avultou a seus olhos deslumbrados a viuva, pulcherrima e chorosa. Mas a acompanhadora deu-se pressa em tiral-o do assombro, explicando a realidade da situação, o que lhe infundio sentimento de ternura. Saiu a buscar uma ceia, com a qual mitigasse a fome ás desventuradas; só depois de grande relutancia, a castissima senhora annuiu em quebrar o jejum fatal, seguindo o exemplo da bôa serva, já seduzida pelo aroma do vinho. Durante o repasto, o guapo militar pôz-se a consolal-a da perda do marido, convencendo-a alfin de que um amor substitue sempre outro amor... Tambem, a viuva do extremecido Sycheu, rainha Dido, não foi amante de um soldado? Para encurtar razões do conto: consumou-se a bôda, qual a da phenícia e do troyano, alvergados na caverna descripta pelo Poeta.

Como não ha mel sem travo, breve se inteirou o novo Enéas de que, emquanto abandonara o posto, haviam levado um dos ladrões, em cujo logar o poriam, de castigo á negligencia. Referindo o caso á bella da gruta mysteriosa, asseverou não esperar a sentença do costume, fazendo justiça com a propria espada; apenas lhe rogava que, uma vez exânime, o reunisse ao primeiro defunto, na mesma tumba, em prova de igual affecto.

— Não me sobra coração para chorar, juntamente, dous homens tão queridos. E' preferivel collocarmos na cruz vacante o que já expirou, porquanto nada mais soffre.

De accordo com a réplica, prompta e vivaz, assim fizeram. E, na seguinte manhã, o povo acreditava num milagre: o ladrão morto, escapo ao madeiro, a elle tornara espontaneamente!

Agora, o historico da *Matrona d'Épheso*, na França.

Deparando-se o respectivo munuscripto, considerado do inicio da era christan, a um clérigo Hébert, este versificou-o meta, ou parafrasticamente, cerca de 1200, vindo o trabalho a figurar, sob o titulo *Fable du chevalier et de la femme veuve*, entre peças de Esôpo e de outros, num repositório miscellanico, que editou fr. Julien, da Ordem dos Agostinhos, no anno de 1475, um antes de impresso qualquer fragmento do SATYRICON.

Desse *fabliau* resultaria a narrativa, anonyma e popularizada, com pódas e enxertos, centenário após transmittida por d'Aurat a Brantôme, que a incluiu nas *VIES DES FEMMES GALANTES*. Na passagem do anecdotário, como que se cruzam os espiritos de Rabellais e Swift, havendo ahi um traço que não lembrou á alegre malícia de Petrónio, em agravo da heroína: "encor dit-on que le pendu de devant avoit un'oreille coupée; ell'en fit de memes pour le représenter mieux".

Corrido um seculo mais, dito conto se incorporou á literatura artistica, na versão de La Fontaine, assim prologada:

S'il est un conte usé, commun et rebattu,
C'est celui qu'en ces vers j'accorde à ma
guise.

Et pourquoi donc le choisis-tu?
Qui t'engage à cette entreprise?
N'a-t-elle point déjà produit assez d'écrits?

Quelle grâce aura ta matrone
Au prix de celle de Pétrone?
Comment la rendras-tu nouvelle à nos esprits?
Sans répondre aux censeurs, car c'est chose infinie,
Voyons si dans mes vers je l'aurai rajeunie.

Versando o assumpto, ao aspecto bibliographico e critico, disse Héguin de Guerle:

"Il est facile de reconnaître, dans la *Matrone d'Éphèse*, l'origine d'un charmant épisode du conte *Zadig*, par Voltaire, celui de la prude qui, croyant son mari décedé, consent à lui couper le nez dans son tombeau, pour guérir son amant d'une douleur de côté."

Sómente no accrescento do registo brantômico ter-se-ia inspirado Voltaire, para construir a moldura francesa de uma telazinha oriental, como veremos de *Le nez* (cap. II, do conto em questão).

Por este mais facil é reconhecer, antes — presentir, a origem da *Matrona d'Épheso*, sabido que o patriarcha de Farny accumulou em *Zadig* materiaes *folk-loricos*, na maior parte arabes, persas e chinezes.

Vejamos o trecho de interesse immediato.

De um passeio tornava Azora, colérica e vociferante.

— Que tens, minha cara esposa? Quem te poz tão fóra de ti mesma? indagou Zadig.

— Ah! Egualmente indignado estarias, si houvesse assistido ao espectáculo que presenciiei. Fui consolar a viuvinha Cosru, a qual, dous dias ha, erigiu um sepúlcro a seu joven esposo, junto do ribeiro, que orla esta campina, promettendo aos deuses não se afastar do mesmo, emquanto as aguas lhe humidecessem a base...

— Estimavel mulher, que ao marido tanto amava!

— Ah, si tu souberas em que ella se occupava, quando agora a visitei!

— Em que?

— Em desviar a liquida corrente.

E continuou Azora a deblaterar contra a viuva Cosru. Mas esse alarde de virtude enfadou o paciente Zadig.

Buscando o amigo Cador, em quem sua esposa distinguia probidade e méritos, que não enxergava nos outros mancebos, depois de confidenciar-lhe a scena passada, associou-a a uma prova, mediante grande presente...

Regressa Azora do campo, onde fôra passar dous dias com outra amiga, soube dos famulos que na ultima noute fallecera repentinamente Zadig. Sem coragem para o infausto aviso, naquella manhã o enterraram ao fundo do jardim, no jazigo da familia. Descabellou-se toda e rompeu em pranto copioso.

Ao entardecer, Cador pediu licença para fallar-lhe. Admittido a sua presença, disse que Zadig lhe testara muitos bens, herança que desejava fruir com ella. Azora carpiu; mas foi abrandando. E já a ceia durou mais que o jantar. Reinou a confiança na conversação. Azora elogiou o defunto: apenas lhe achava alguns defeitos, de que Cador parecia isento...

Subito, o hospede queixa-se de uma dôr agudissima no ventre. A dona de casa ordena que lhe tragam do toucador as essencias, para tentar com alguma allivial-o do mal. Sentindo não se achar ainda em Babylonia o famoso Hermes, permittiu-se de afagar-lhe a parte molésta.

— És sujeito a tão cruel doença? inquiriu.

— Põe-me as vezes á beira da sepultura. Um unico remedio me vale: o nariz de um morto da véspera, applicado no ponto.

— Exquisito remédio!

— Não é mais exquisito do que os saquiets do senhor Arnú (I) contra as apoplexias. Este motivo, adjuntado á probidade e aos meritos do mancebo, determinaram enfim a senhora, que dizia de si comsigo:

"Acaso, quando meu marido atravessar do mundo de hontem para o de amanha, pela ponte Tehnavara, vedar-lhe-á a passagem o anjo Asrael, porque elle leva para a segunda vida o nariz menos comprido do que tinha na primeira?"

Toma de uma navalha e dirige-se ao jazigo da familia: orvalhado de lagrimas o tumulo do marido, dispõe-se a cortar o nariz deste...

Em tal momento, ergue-se Zadig, ampa-

(I) Havia então um babylonio, que, com um saquinho, dependurado ao pescoço, prevenia e sarava — nas gazetas, já se vê — todas e quaesquer apoplexias...

rando com uma das mãos o nariz e com a outra afastando a navalha.

— Senhora, diz-lhe, não mais clameis contra a viuva Cosru; pois o projecto de cortar o nariz equivale ao de arredar o ribeiro.

De fóra parte sensíveis allusões e ironias do adaptador europeu, essa leitura impressiona como a de um conto longínquo, de sua patria budhica passado ao mundo mussulmano e de lá ao Occidente christão, tendo perdido a primitiva moralidade ascética, para servir-me de expressões abstractas do Sr. Gustave Lanson, justamente applicaveis ao caso concreto.

E para nortear pesquisa util, conducente á descoberta da fonte genuina, temos indicação no prefácio da *Histoire de la dame à l'éventail blanc*, que o Sr. Anatole France, extraiu da *Dame du pays de Soung*, versão de um conto chinês feita por Abel Rémusat (2).

O principal da mesma é o relato de velha mendiga ao philosopho Tchuang-Tsên, num encontro de cemitério, que traslado a seguir.

Esta mulher, que acabais de vêr sobre um túmulo, é a Sra. Lu, viuva de um letrado, por nome Tao, que morreu vai para quinze dias, depois de longa enfermidade, e aquelle túmulo é de seu marido. Amavam-se mutuamente, de um terno amor. Até expirando, ao Sr. Tao custava perdê-la; a idéa de a deixar no mundo, em plena flôr da idade e da belleza, era-lhe verdadeiramente penosa. Todavia, resignava-se pela natural doçura de caracter: sua alma submettia-se de bom grado á necessidade. Chorando á cabeceira do leito do Sr. Tao, da qual não se despegara durante a molestia, a Sra. Lu protestava aos deuses que lhe não sobreviveria e que partilharia de seu esquife como havia partilhado de sua cama.

Mas disse-lhe o Sr. Tao:

— Senhora, não jureis isso.

— Ao menos, contraveiu ella, si devo sobreviver-vos, si estou condemnada pelos Genios a vêr ainda a luz do dia, quando já não a virdes; ficae sabendo que jamais serei esposa de outro, que não terei senão um marido, como não tenho senão uma alma...

Mas, disse-lhe o Sr. Tao:

— Não jureis isso.

— Oh! senhor Tao, senhor Tao! deixae-me jurar, ao menos, que cinco annos inteiros eu não me casarei.

Mas, disse-lhe o Sr. Tao:

— Senhora, não jureis isso. Jurae apenas guardar fielmente minha memoria, emquanto a terra não tenha seccado sobre minha sepultura.

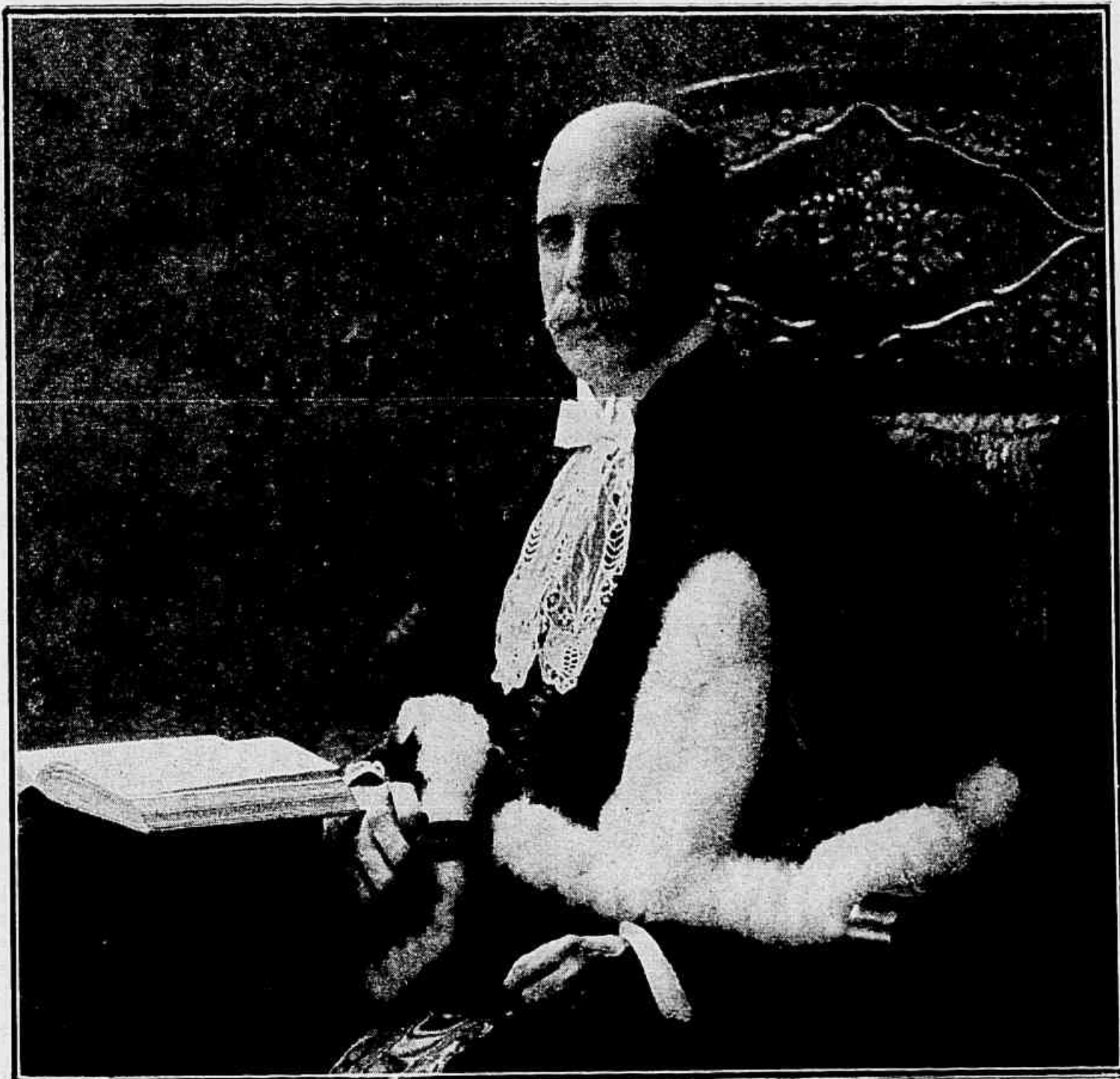
A Sra. Lu fez, então, um juramento solenne. E o bom Sr. Tao cerrou os olhos, para não mais abril-os. O desespero da Sra. Lu ultrapassou quanto se possa imaginar. Seus olhos eram consumidos por lagrimas ardentes. Dilacerava com as pontas das unhas, pequeninas, a face de porcellana...

Porém tudo passa. Tres dias após a morte do Sr. Tao, a tristeza da Sra. Lu tornou-se mais humana. Soubera que um joven discípulo do Sr. Tao desejava testemunhar-lhe a parte que tomava em seu luto. Julgou, com razão, que não podia excusar-se de recebê-lo. E o recebeu, suspirando. Elle tinha bella presença, sobre muia elegancia. Falou-lhe um pouco do Sr. Tao e muito della. Disse-lhe que era encantadora e que já a amava. Ella deixou-o dizer... Elle prometteu voltar. Em esperando-o, a Sra. Lu, assentada ao pé da sepultura do marido, onde

CONSAGRAÇÃO DE UM SABIO

As homenagens excepcionaes com que se celebrou o jubileu de magisterio do eminente mestre da medicina brasileira, Miguel Couto, foi uma surpreendente glorificação, de justiça e desinteresse, em que se exaltava um sabio e um apostolo, cuja vida inteira tem sido consagrada á nobre profissão de medico e de professor. De toda a parte do paiz e de todas as espheras, partindo do Governo, pela palavra do Ministro do Interior, pelas Casas do Congresso, pelo Conselho Municipal, pelas associações intelle-

dico, em quem o carinho não é menos sabio que a sciencia mesma. Miguel Couto conseguiu a mais invejavel situação, de ser o mestre incontestado da medicina brasileira e são os seus proprios collegas que mais o exaltam e veneram, posto acima de todas as competições, obtendo aquillo que mais raro se vae tornando entre os homens — a Justiça. Não faltaram pennas e vozes que escrevessem e falassem das virtudes e dos meritos do insigne professor, num culto ao seu espirito e á sua sabedoria.



O professor Miguel Couto

ctuaes, pela classe academica e pela imprensa unanime, surgiram os louvores, os applausos e os agradecimentos ao grande sabio, que tem elevado o nome brasileiro, pois é largamente conhecido no estrangeiro, onde tem chegado a repercussão de sua obra medica. Essa apothese mais honrosa ainda para os que a fizeram, uma vez que significa um acto de justiça e admiração, a quem não dispõe de parcellas fascinantes de poder, mas soube se impor pela sabedoria e bondade, marcando o prototypo do me-

Não ha mais como pôr brilho em derredor, nem nós o pretenderíamos, neste simples registo, uma nota apenas nesse hymno magestoso de consagrações. Mas para os espiritos como o de Miguel Couto, habituados a ouvir todas as palavras, sejam de grandes ou pequeninos, não será a eloquencia o estalão da sinceridade. Procurando servir á cultura nacional, a *America Brasileira*, partilhando das homenagens ao mestre, apenas exalta a sua figura modelar, para maior gloria do espirito brasileiro.

a vistes, passa todo o dia a seccar a terra do respectivo cómodo, aventando-a com o leque

matronas orientaes, senão burlar idêntico juramento de felicidade conjugal e póstuma?

As viuvinhas d'Além
Só queriam casar...
E acertavam com quem.

Seccando a terra ao túmulo ou do túmulo desviando o ribeiro, modalidades graciosas de um unico thema remoto, que faziam as duas

A tercina vulgar, negando esse final, parece obra de alguma viuvinha d'Aquém...

Alberto FARIA

(Da Academia Brasileira de Lettras).

(2) Provavelmente n'um dos volumes do sinologo, publicados em 1825 e 1828, *MÉLANGES ASIATIQUES* e *NOUVEAUX MÉLANGES ASIATIQUES*.

GRAÇA ARANHA Á PROCURA DA TERRA PROMETTIDA

O DRAMA E A PHILOSOPHIA DO AUTOR DE "CHANAAN"

Creio que foi esse incansável polemista brasileiro, Sylvio Romero, quem escreveu que o ser escriptor em seu paiz era um verdadeiro triumpho do espirito sobre a materia. Entretanto, depois de se percorrerem as suas centenas e centenas de paginas — 'folk-lore', philosophia, critica litteraria, discussões pelos jornaes, etc. — concebe-se que o triumpho de Sylvio Romero, se não foi completo, foi indubitavelmente decisivo. Além das desvantagens do clima e methodo empregado, elle trabalhou debaixo de uma necessidade premente para todos os escriptores que buscam interpretar uma 'minor litterature': teve de tornar a escrever a historia da cultura moderna para os seus patricios, afim de que os conhecimentos delles pudessem ser encarados pela sua propria perspectiva.

Entretanto, depois do apparecimento da sua 'Historia da Litteratura Brasileira', a sorte dos escriptores latino-americanos, que nunca foi uma sinecura, alterou-se para melhor. Alguns homens das republicas espano-americanas e do Brasil estão tratando de ganhar a vida sómente pela penna. Embora a consagração ainda dependa da approvação estrangeira, o espirito de autonomia litteraria torna-se evidente cada vez mais, desenvolvendo em certas cousas — sem duvida como reacção — uma tendencia notavel para o regionalismo. Nem faltam Menckens locais para proclamarem a emergencia de linguas distinctas da linguagem das mães-patrias. Poucos escriptores brasileiros são conhecidos na França — e é em França e não em Portugal que o Brasil intellectual tem procurado de ha muito a direcção — e esses poucos são particularmente conhecidos por especialistas como Lebesgue, Gahisto, Orban, Martinenche ou por espiritos curiosos como A. France, que deve remar em todas as aguas, e C. Maclair, cuja torre de marfim está calçada com pedras preciosas dos quatro cantos do mundo. Foi A. France que presidiu na Sorbonne a sessão em memoria de Machado de Assis, por occasião da morte deste escriptor. Raro espirito era elle e da propria estirpe de France. Foi o proprio France quem saudou 'Chanaan' de Graça Aranha como "a grande novela americana" (esqueçiamo-nos de que houvesse outra America além do sul do Panamá). Foi Maclair quem acolheu o drama philosophico de Graça Aranha, 'Malazarte', após a sua representação por Lugué-Poë no Theatre de l'Oeuvre, reunindo á edição impressa uma excellente interpretação. E por fim o proprio 'Malazarte' foi escripto originariamente em francez.

Graça Aranha é uma das personalidades representativas do Brasil contemporaneo. Desempenhou importante papel na vida diplomatica de sua patria, tanto no interior como no exterior, e o que é ainda mais interessante, sua obra creadora está livre de quaesquer referencias a taes temporalidades. Embora não seja mais um moço, tem sido recebido por uma consideravel parte da mocidade brasileira como o symbolo de suas aspirações, e isto por causa do vigor dos tres livros, o primeiro dos quaes 'Chanaan', remonta aos primeiros annos do seculo; o segundo, 'Malazarte', é doze

annos mais velho; o terceiro, 'A esthetica da Vida', collecção de ensaios em que se ostenta a philosophia do Grande Inconsciente de Graça Aranha, appareceu ha já dois annos. Entretanto, tão lenta é a diffusão da litteratura na America do Sul que isto parece uma inteira novidade; actualmente, em sua terra de origem, escreve-se sobre 'Chanaan' — e pelos mais ardentes moços — como se fosse um livro novo. O segredo do seu continuo interesse reside em ter-se a novella do cadinho brasileiro tornado parte da historia espiritual da nação.

O lugar de Graça Aranha, no coração da mocidade brasileira, foi recentemente assignalado pelo apparecimento de um duplo numero de 'Klaxon', revista mensal de arte moderna quasi que lhe exclusivamente dedicado. Houve mesmo a reproducção de uma pagina de motivo musical — um sexteto mystico do compositor nacional, H. Villa-Lobos, para vozes masculinas, saxophones, celeste, violas, harpa e cythara, em que as vozes devem trillar com a lingua. Porque 'Klaxon'? Porque klaxon é uma busina poderosa. No entanto nada ha de klaxonico em Graça Aranha — um pouco do "modernismo" espasmodico e do obscuro intencional desses jovens admiradores. O estylo de Graça Aranha é limpo, melodioso, fazendo mesmo da sua 'Esthetica da Vida' um volume de leitura agradável, estimulante e mesmo facil. Pôde ás vezes ser difficil, mas nunca obscuro; é-se levado a crer em suas visões de belleza, desde que o autor transmite a suggestão dellas em linguagem de correspondente substancia, cor e musica.

De 'Chanaan' precisa-se falar, mas brevemente; foi ha poucos annos traduzido para o inglez. (1). No fundo ella está para a novella o que 'Malazarte' está para o drama e o que a 'Esthetica da Vida' está para a philosophia. A vida de Graça Aranha, no seu aspecto ideal, é a procura dessa terra promettida do seu primeiro livro — terra em que aquelle que procura e o procurado, abandonando a dor, o terror e o incompleto de suas identidades separadas, se confundem no vasto Inconsciente, onde só reside a verdadeira felicidade, porque é a unidade verdadeira, primaria. Entretanto, ha pouco de evasivamente mystico em Graça Aranha; sua philosophia de "self-completion" no inconsciente não é, como muitos dos cultos quasi hindus, que ella suggere externamente, uma fuga da realidade. Procura antes ser um enriquecimento, um embelezamento da vida pela realização do lugar proprio do homem na natureza. Em 'Chanaan' a fusão no cadinho fica incompleta; dahi a felicidade escapar aos seus perseguidores. Em 'Malazarte', situação analogá, desta vez entre amantes, conduz a essa separação que para Graça Aranha é sempre dor, porque é o symbolo vivo da fallencia da união do homem com o grande inconsciente da natureza. Em 'A Esthetica da Vida' esta deu de dez annos.

(1) Isaac Goldberg occupou-se largamente de 'Chanaan' no seu livro recente: 'The Brazilian Litterature' — anterior a este estudo, philosophia torna-se explicita. Está mais accessivel no drama que a prece-

'Malazarte' é um drama philosophico enxertado em uma ou duas figuras do 'folk-lore brasileiro. Originariamente um espirito de que as creanças ouvem falar com os tremores deliciosos dessa idade, quando as historias de fadas parecem verdadeiras, elle foi elevado por Graça Aranha á importancia de um symbolo philosophico. E' de algum modo, uma contraparte da rainha Mab, a a "parteira das fadas" ('fairies' midwife'), orgulhoso como ella de galopar "sobre um nariz de corteção" ou de "fazer coegas no nariz de um padre enquanto dorme". Mas elle é mais. Nas palavras de Maclair:

"Malazarte é ao mesmo tempo um espirito e um mortal. Tem em si algo do diabo tal qual foi concebido pelos contistas philosophicos do seculo XVIII. E', como Asmodeu, um motejador. Tem o espirito inventivo de Scapino e de Figaro, e o genio inextinguivel delles para o logro; tem a velhacaria dum e o encanto do outro. Lembra tambem um dos muitos irmãos do norte, o flamengo Till Ulenspiegel... Ha um pouco de Mephistopheles em Malazarte... Entretanto, ha qualquer cousa de D. Juan, não em casos de amor, mas nos logros que prega aos maridos caçados e ás donzellas affectadas."

Mais importante sob o ponto de vista do drama de Graça Aranha, é a significação de Malazarte como um liame entre o mundo da realidade e o mundo da imaginação; Malazarte torna-se não só o arauto das opiniões do dramaturgo, mas tambem a encarnação dellas. Elle é, em resumo, a philosophia do inconsciente em acção; elle mima de Mephistopheles para o Fausto-Hamleto de Eduardo, e para a Ophelia-Gretchen de Almira Eduardo, symbolizando a humanidade, após a morte de Almira, enamora-se de Dyonisia. Por ella é levado a deixar sua mãe viuva, a esquecer o seu primeiro amor, a abandonar os laços que o ligam ao mundo que elle conheceu. No entanto, lhe é difficil tomar a decisão final, engana-o esta Lorelei brasileira. E eis Malazarte illimitado pelas considerações materiaes que estão nas mãos de Eduardo. Elle é o pretendente nietzschiiano desta rapariga nistschiana, que, como elle, é uma elaboração philosophica de uma simples figura do "folk-lore" brasileiro, a "mãe d'agua", ou espirito d'agua da lenda popular. Sómente estas naturezas, livres dos estorvos do artificio social, podem achar uma união que é negada a taes como Eduardo. A terra promettida delles é a ilha das palavras de Dyonisia — uma ilha, onde C. Maclair vê o retiro de Prospero, a mysteriosa Thule dos nevoeiros, a radiante Paphos, ou essa "ilha feliz" para onde "o nostalgico, divino Watteau embarca os seus peregrinos para Cytherea. Todas estas ilhas talvez nada mais sejam que uma só, para onde Malazarte e Dyonisia se fazem de vela, voltando as costas para a vida — enquanto nosso espirito consciente, atormentado por toda a tristeza de Eduardo, perseguido pelo antigo côro de lamentos da familia e da sociedade, os enxerga da praia numa inveja muda e sombria".

Eduardo entrevê — e mais do que entrevê — a verdade, mas é impotente em segui-la. "Ha uma vida universal", affirma elle, "que se reflecte na arte, na

philosophia e na religião. E' a consciencia do infinito, a vida suprema acima dos codigos e dos gestos de terror e que faz do mundo uma maravilha... A minha vida é esta tortura: comprehender a inutilidade de todo o esforço... Como poderei salvar este patrimonio de familia, que se terá de perder em minhas mãos?

E' muito pesado o fardo que nos lega o passado... A grande pergunta central de Malazarte elle mal pôde oppôr o seu raciocinio característico. "Porque comprehender a vida?" pergunta o espirito pantheista. "Basta viver-a". E' esse o meu quinhão. Posto em face de gente triste, enferma e pusilanime e ser responsavel pelo seu destino! Por toda a parte, essa maldição dos covardes que precisam responsabilizar alguém pelas misérias que lhes vieram da propria natureza... A minha presença é funesta! Sou eu que altero as coisas e torno em maldades os beneficios que elles esperavam para a sua vida mesquinha. Sou eu que faço nascer o soffrimento e a expiação. Eu sou a praga! Sou o personagem sinistro que tudo geita como um flagello formidavel. Se o sol os abraza, eu sou o sol; se o vento os derruba, eu sou o vento; se o raio os fulmina, eu sou o raio; se o mar os traga, eu sou o mar... Ah! miseraveis, que elles olhem para si mesmos e vejam se são dignos de viver. O proprio mal que trazem em si, revolta-se e os destrói. E o odio delles se ergue contra a minha serenidade... Eu continuo impassivel e zombo dessa colera que me amaldiçoa. Outros se alegram em mim, os fortes, os grandes, os que não temem e sabem que tudo é fatalmente bello, e fazem do mundo um encanto e um prodigio. Para esses é que eu existo, e toda a minha energia, o meu sangue, a minha alma é para lhes dar a alegria e a belleza."

As palavras de Dyonisia e Eduardo estão da mesma forma cheias de uma extraordinaria poesia.

"Lá nós somos um com tudo o que existe. Os meus homens são rochedos, toscos, asperos, e os rochedos são como os homens do mar, rudes, calados, meditados. A's vezes, dentro da luz, sobre o mar calmo, os barcos parecem passaros de azas abertas, são gaivotas ou cysnes; outras vezes os cysnes e as gaivotas abrem as azas e são barcos..."

Em Malazarte, Dyonisia vê a bella mentira que é a mais bella, mais verdadeira do que a verdade que o homem conhece.

"Não sei me explicar, elle tem mais vida, mais sangue, mais côr. Vale mais do que a verdade, porque representa as cousas que deviam ser o que não são por culpa nossa".

Eduardo fica vencido pela nova e perigosa opinião.

"E a inconsciencia suprema (diz elle a sua mãe) que dá o amor... A sociedade nos occulta a natureza, e o amor a revela... E' o extase e o esquecimento... A consciencia fez-nos monstros a ti e a mim. Estamos em frente da natureza como phantasmas amedrontados. Tudo nos espanta: as forças do Universo, a belleza, a vida, a alegria, e nós fizemos da sociedade uma organização contra a natureza... E' preciso matar a vida! E' o pacto de aliança... Oh! os seres livres!... Vê Malazarte, vê Dyonisia; eu quero a inconsciencia delles".

Entretanto, é em vão que elle pergunta: "Oh, quando seremos nós, verdadeiramente, as simples expressões da vida?" Permanece aterrorizado por esse mesmo desconhecido, cujas bellezas cantou. As Dyonisias pertencem aos Malazartes, enquanto que os Eduardos ficam na praia, apoderados pelos pensamentos que estrangulam a acção, igualmente separados do passado que elles renegaram

e do futuro que não podem vencer. "Tudo é separação e dor".

"Malazarte" é a philosophia de Graça Aranha escripta em imagens em vez de palavras. Maclair denomina-o "immaterialismo philosophico". Desde que um nome é tão bom quanto o outro, eu escolheria antes alguma designação composta como amoralismo pantheistico, nirvanista. Quanto á procura do vasto Inconsciente, parece que Graça Aranha seria consciente de sua fusão no infinito.

Considerando de pouca importancia a questão do interesse do leitor pelo drama, ficar-se-á admirado do que seja o seu effeito no palco. Não é, como se poderia ter tornado hoje tão facilmente, uma obra "expressionistica"; lê-se com clareza crystallina, a sua acção é uma mistura estranha do real e do irreal, com uma situação tão convencional como uma amea-

MIQUEL COUTO

Poesia não é tudo o que nos falta, nosso desejo, ou pesar, quando encontra uma expressão? A vossa porém traz o remedio, que cura ou alivia, e no mel, que embevece. Um grande medico é isto: um sabio que investiga, atina e trata, e um poeta que acolhe, consola ou faz esperar.

Vós sois, senhor Miguel Couto, esse grande medico, sabio e poeta num só genio. A Academia Brasileira fazendo-vos dos nossos, apenas distinguindo esse toque do nosso engenho, repetindo na predilecção da escolha daquelle symbolismo grego que faz do mesmo Apollo, comparsa das Musas e mestre da Medicina.

Já de uma occasião, para traduzir o vosso affecto filial, dissetes, de Vossa Mãe, que lhe foreis mais que um filho, uma filha, que se privara de constituir familia, enquanto ella viveu, para não dividir-se o affecto que lhe querieis; também para os vossos doentes, alumnos, collegas e confrades sois mais que um amigo, no delicado e carinhoso do vosso sentimento, sois uma irmã, irmã de caridade e de ternura, no conselho e no amparo; de fé, na sciencia de que sois mestre insigne e de esperança, na bondade com que sois um poeta delicioso; está porque, senhor Miguel Couto, a Academia Brasileira por uma festa tão fóra de seus habitos, vos quis dizer que vos ama, tanto como vos admira."

AFRANIO PEIXOTO

cada prorrogação de prazo de uma hypotheca para mover a vivacidade de uma Dyonisia, enquanto que Malazarte ora é mortal, ou espirito de accôrdo com o papel intermediario para o qual o designou o autor. Entretanto, como symbolos victas da profunda tendencia para essa "all-consciouness", esse Inconsciente, os caracteres parecem muito conscientes da sua importancia philosophica. Esta, creio, é a principal objecção á peça como drama vivo. No entanto, ha nelle algo de differente que o colloca de algum modo á parte no drama deste século.

"A Esthetica da Vida" é a flor do pensamento de Graça Aranha; é a sua proclamação da vida como esthetica. Entretanto, não num sentido estreito, "wiltista". A separação inicial do homem da natureza, resultando em consciencia, foi

producto da dor e do terror. O problema então se transforma em indagar como attingiu uma vez mais a essa união primeira, onde sómente reside a verdadeira felicidade? Ha tres caminhos, illusorios todos, conduzindo por fim á maior de todas as illusões. A religião dá a illusão de uma união extatica com Deus; a philosophia desempenha o mesmo papel no reino do pensamento; o amor, fundindo dous seres, representa numa escala humana essa fusão cosmica que se acha na religião e na philosophia. Por todos tres o homem lança uma ponte sobre esse abysmo de separação do resto da natureza que é o abysmo do seu isolamento consciente e o seu mysterioso terror. Agora como converter estes elementos numa esthetica da vida? O homem deve, pois, fundir a sua personalidade com o resto da natureza de tal modo que se considere apenas um simples elemento do todo.

"Façamos de todas as nossas sensações, sensações de arte. E' a grande transformação de todos os valores da existencia. Não só a fórmula, a côr, o som, mas também a alegria e a dor e todas as emoções da vida sejam comprehendidas como expressões do Universo. Sejam para nós puras emoções estheticas, illusões do espectáculo mysterioso e divino, que nos empolguem, nos arrebatem, nos confundam na Unidade essencial de todas as cousas, cujo silencio augusto e terrivel perturbamos um instante pela consciencia que se abriu, como um relampago nas trevas do acaso..."

A attitude de Graça Aranha torna-se então uma retirada, não essa volta freudiana ao seio da mãe natureza com que ella facilmente se pôde parecer, mas antes uma profunda e mais universal participação na vida. E' em tal estado inconsciente que Freud encontra os sonhos reveladores que Rémy de Gourmont vê a origem do verdadeiro estylo do escriptor, que Benedetto Croce descobre a intuição. Sou levado a encarar "A Esthetica da Vida" como um poema. "O pensamento projecta-se na arte para existir. A philosophia, que não se faz arte, não será vida". E se pôde accrescentar que a vida que não se faz arte, não será vida. "It has always been difficult for Man to realize that his life is all an art", escreve Havelock Ellis como palavras iniciaes da sua nova "Dance of Life".

Eis Graça Aranha o artista, o poeta. E ainda — ha nelle o humano, o eu humanissimo, o Eduardo que deve ter a sua opinião. "Porque?" pergunta elle a si proprio numa pequena composição chamada "Inexplicavel Tristeza" — "Porque me compadeço dos outros seres e das coisas? Porque sinto o que se denomina tristeza? E porque para um ser como eu tudo não é indifferente, excepto o goso esthetico?"

Onde a fonte da minha compaixão? As raizes da minha tristeza?

Porque soffro e porque desejo? E porque não existo sómente para a contemplação e o arrebatamento do espectáculo universal, e o meu espirito é carregado de dor extranha á belleza?

Explica-se o soffrimento do amor, que é a necessidade fundamental do ser que aspira pela confusão de toda a sua individualidade desaparecer no todo Universal e abysmar-se no infindavel silencio da Inconsciencia. Mas porque esse soffrimento que vem da sympathia e se chama compaixão?"

Pôde a sua philosophia ser um esforço da parte do intellecto de Graça Aranha para subjugar os seus sentimentos? Entra Eduardo para explicar Malazarte encarcerado. E a vida continúa a ser a cousa embaraçosa que era dantes.

Isaac GOLDBERG

TRANSFORMAÇÕES DO PANGERMANISMO

Este é o primeiro de uma série de quatro ensaios, que aqui serão estampados, acerca das tendências philosophicas e politicas predominantes na Alemanha de hoje, e os demais versarão sobre *Spengler e o declínio do Occidente*, *Nicolai e a biologia da guerra* e *a Cultura contra a Civilização*, sendo que o ultimo pretende ser uma synthese critica ou analytica das idéas e doutrinas spenglerianas.

1

A philosophia bellicosa que se inspirou da implacavel dialectica hegeliana parecia ter sobrado com a Alemanha vencida. Despedaçada a taboa de valores que a cultura germanica oppôz á civilização mediterranea, nada mais natural que a mentalidade tudesca procurasse desembaraçar-se dos imperativos categoricos, postulados e preconceitos que a fizeram perder a guerra, pela critica historica considerada antes de tudo como um conflicto entre dois principios fundamentaes antagonicos, e, ao mesmo tempo, se decidisse recompôr a sua estrutura ideologica mediante revisão de todas as idéas nacionaes. Commetteria grande erro quem concluísse ter a Alemanha abandonado as formulas truculentas com que sonhou loucamente apossar-se do mundo, depois da parábola de sangue e fogo que terminou no desastre. A realidade é menos risosa. Como fatalidade do seu entendimento, a ideologia que pretende refazer a nação prussiana conserva os inquebrantaveis moldes teutonicos, continúa a florescer no mesmo quadro traçado pela sua falsa concepção da vida, (*Weltanschauung*), persiste inalteravel, tenaz, immorredoura, com as illusões e as ameaças de outrora. De varios modos e por toda a parte, o espirito allemão se affirma o continuador da *Kultur*, que tão profundamente alterou a eurythmia da secular espiritualidade greco-latina e os destinos do Occidente. Entre as angustias que nos atormentam e os perigos que nos espreitam, o allemão, numa postura que é um desafio, julga-se ainda uma creatura viva no centro do universo.

2

Não ha duvida que só aparentemente a Alemanha rompeu a moldura em que guarda o seu pensamento. A guerra prostrou o Estado prussiano, mas não abateu o orgulho teutonico, nem tão pouco destruiu a metaphysica allemã, quando a historia ou a experiencia exigia que o imperialismo encerrasse definitivamente o cyclo das suas devastações. De feito, os allemães se mantêm identificados com o seu longo, tenebroso e enigmatico passado, mais do que nunca se mostram fieis aos antigos dogmas, em flagrante contraste com a forte e predominante corrente dos sentimentos da nossa epocha, permanecem no absurdo dualismo separador da patria germanica e do cosmos. Por um phenomeno talvez explicavel pela hereditariedade psychologica, não se curvou a Alemanha a nenhuma divindade estranha aos seus mythos seculares, que são representações do ideal da força escravizadora. Oswald Spengler, Herman Keyserling e Thomas Mann, por exemplo, são curiosos testemunhos deste magno facto da consciencia metaphysica allemã, fóra da qual, segundo continuam affirmar, o mundo não se realiza e só pela sua manifestação o universo se pôde explicar. Deante dos nossos olhos attonitos, surgem elles discutindo, defendendo e renovando as theses perturbadoras que os germanos da antiguidade, os *Meistersinger*, haviam implantado na Europa e os prussianos do século XIX tentaram impôr á humanidade. Os três reclamam a doutrina da cultura contra a civilização, que, tendo raízes em Fichte, Hegel, Treitschke e outros philosophos,

nada mais é do que cambiante do pangermanismo e do idealismo guerreiro daquelles terríveis paladinos da cruz de ferro, cujos gladios ostentavam, gravada em letras gothicas, a famosa legenda *Ich diene*. E esta "nova" philosophia, que pretende crear novas forças culturaes, pôde assim ser traduzida: a *Allemanha contra a França*, conquanto a pesada lança de Wotan, que tantos golpes vibrou e tantas hostes venceu, fosse despedaçada afinal pela flexivel espada gauleza.

3

Spengler, Keyserling e Mann são os actuaes mestres e mentores, ou *Führer*, da Alemanha. As suas obras suscitaram a mais profunda impressão nos meios intellectuaes tudescos, e as novas gerações (a *Jugendbewegung*) lêem com avidez e irreprimivel entusiasmo esses catecismos do teutonismo revigorado por não dissimulada vontade de luta, de poder e de dominio. Thomas Mann, o menor dos três prophetas, declarado discípulo de Schopenhauer, é autor da *Considerações de um apolitico*, publicado em 1919. Ensaio notavel, mas obscuro e pedante, ostentando opulento cabedal de proposições, parallelismos e paradoxos, o systema algebrico de idéas que exhibe resume-se no estudo de certas antinomias com o objectivo de mostrar que a cultura, idéa germanica, e a civilização, conceito greco-latino, são coisas diametralmente oppostas. A cultura, a *these*, é protestante, pessimista, ironica, aristocratica, solidarista e musical — é "o eterno protesto do espirito allemão contra os herdeiros de Roma", e a civilização, a *anthithese*, é pagã, optimista, radical, democratica, individualista, eloquente — o contrario da primeira. Fundando-se em affirmativas de significação universal e contradictorias entre si, e sendo impossivel toda synthese, a cultura protestante e a civilização latina pelejarão necessariamente até a morte. Até aqui o schema da luta tem sido este — os Germanos contra os Cezares romanos, Luther contra o Papa, chefe da igreja catholica, a Prussia contra Napoleão, os Imperios Centraes contra o ideal humanitario dos Aliados e agora o socialismo prussiano contra a democracia. Mann conclue que a "cultura" triumphará á proporção em que fôr exterminando o radicalismo e o catholicismo que caracterizam a civilização romana. A doutrina apolitica de Mann é, como se vê, de pura essencia germanica. Sente-se nas suas considerações e nos seus postulados, sem disfarce, a alliança inquebrantavel do velho ideal prussiano com a falsa concepção racial a que continúa emprestar fundo mystico e reconhecer origens de pura nobreza.

4

Nas obras do conde Hermann Keyserling, o futuro politico e a missão social da nova Alemanha apparecem tratados com eloquencia mais impressionadora e, ao que parece, *Das Reisetagebuch eines Philosophen e Politik, Wirtschaft, Weischaft*, esta apparecida em 1922 e aquella em 1919, reflectem todavia os anseios do pensamento allemão. Affirma Keyserling, cujos escritos têm character messianico, que a Alemanha tem uma grande tarefa a realizar, não mais de accôrdo com as idéas correntes na *Wilhelminische Epoche*, mas inspirada por outros e poderosos estimulantes que levarão o país "a pensar nas categorias do futuro e não do passado", abandonando tudo o que é essencialmente votado a desaparecer. A nossa epocha é marcada por um forte traço separando os antigos tempos, a civilização demodada, o passado historico, a fallencia do mundo occidental do futuro enigmatico. O objectivo da obra de Keyserling é a reforma da ordem social vigente, e nella, fazendo a critica das suas imperfeições e incoherencias, mostra a possibilidade de uma transformação fecunda. Das suas conclusões resulta que o problema economico, social e politico só o socialismo poderá resolver, tanto mais que a guerra engendrou uma mentalidade capaz de favorecê-la. O movimento que, em 1918, se apoderou do Estado prussiano, não foi obra casual e irreflectida, como em certos paizes vizinhos, mas, ao contrario, effectuou-se por phases successivas, desde as sublevações locais e os debates parlamentares até a guerra civil. Todo o esforço dos constructores da nova Alemanha, depois do fragoroso revêz do ideal que a inspirára durante meio século, deve consistir em estabelecer outra base ideologica para o desenvolvimento da sua actividade creadora. No entender de Keyserling, as catastrophes pouco influem na existencia de um organismo dotado de grande energia, e, por isso, a tragedia militar não annullou a finalidade politica da Alemanha. Derrotada, mas não supprimida, guarda as suas qualidades ethnicas e moraes, que não poderiam desaparecer num dia. As forças motoras da vida representam valores absolutos, e não se eliminam facilmente. Tem ella uma alta missão no mundo, que é ainda o programma de Bismarck, desvirtuado pelo ultimo Hohenzollern, cujo imperialismo egoista

GABRIELE D'ANNUNZIO, COMPOSITOR

Parece que Gabriele d'Annunzio nunca deixará de reservar novas surpresas ao mundo. Pensava-se no anno passado que o ex-dictador de Fiume fosse fazer opposição ao Mussolini e levantar legiões por sua vez. Falou-se em seguida na sua entrada par um mosteiro. Eis agora que o celebre poeta ambiciona ser um grande compositor. Está actualmente escrevendo uma opera, cujo titulo provisório é *Frate Sole* e que será levada, talvez no anno que vem, no amphitheatro do castello de Brescia. Até hoje Gabriele d'Annunzio nada quiz dizer a respeito da sua futura obra musical nem onde e como elle estudou a harmonia e o contraponto. Qual foi o seu mestre? Ildebrando Pizzetti talvez, que escreveu varias partituras para tragedias e illustrou com sonoridades originaes as concepções grandiosas do poeta? Um outro, quem sabe? D'Annunzio gosta do mysterio. Entende que *Frate Sole* seja uma revelação. Sonha ser tambem sagrado mestre no imperio dos sons. Jean Jacques Rousseau não escreveu o *Devin de Village*? Esperemos curiosamente a musica dannunziana. O autor do *Triumpho da Morte* sempre teve uma adoração pela musica. A analyse que elle fez de *Tristão e Isolda* nesse romance ha de ficar entre as suas mais bellas paginas e as que consagrou ao mestre de Beyreuth no *Fuoco* são symptomaticos do grande frenesi lyrico, que anima constantemente o autor dos *Laude*. Não escrevia um dia a Pescara: "Que tortura. Eu, o assiduo apaixonado de todos os concertos de Roma, eu o fanatico das mais puras e altas emanações da arte musical, eu que tive horas de esquecimento total ouvindo tocar obras de Chopin, de Beethoven e de Schubert, não ouço musica ha sete mezes. Só ha aqui a banda local e odeio essas bandas que são antes bandos de bandoleiros." A paixão do poeta italiano pela musica italiana não é uma indicação do modo de inspiração que o guiou, inspiração em opposição ao actual *verismo* dos maestros italianos?

e brutal, que arruinou a nação, não correspondia á verdadeira vontade ou á tendencia interior do povo germanico.

5

No intuito de persuadir a gente allemã, ferido no amor proprio nacional, de que a derrocada da Alemanha teve por causa uma concepção erronea do seu verdadeiro papel, esforça-se para demonstrar que o conceito da força material determinando o direito e a fé imperialista que delle decorria, nas quaes muitas gerações foram educadas, deixaram de ser idéas nacionaes. O Estado prussiano transformára-se gradualmente numa especie de sociedade de responsabilidade limitada (*Gesellschaft mit beschränkter Haftung*), composta de milhões de organismos mais ou menos autônomos e funcionando com precisão automatica: a estrutura militarista e feudal do antigo Imperio não passava de uma fachada. A prova está no facto da revolução triumphante, que nada inventou, e apenas adheriu ao estado de coisas existente. "O Estado allemão, diz elle, era, na essencia, desde muito tempo, uma república social." Keyserling crê então que para crear a nova Alemanha, para abreviar o advento do "inevitavel", que é a futura grandeza allemã, é mister estabelecer um Estado autoritario, que, evitando o predomínio de uma classe sobre as outras e liberto do humor variavel das massas, assegurasse o direito de governar aos technicos, aos capazes, aos mais competentes, e pretende que a mesma esteja melhor preparada que as nações occidentaes para semelhante reforma politica. Essa obra só será realizada pela *idéa socialista*, hoje tão universal como outrora o christianismo, mas adaptado o principio de solidariedade ás condições ethnicas, historicas e politicas. Keyserling crê que as grandes corporações economicas destinam-se a um papel decisivo na vida social allemã. Neste sentido, professa a opinião de Rathenau, que é tambem a de Ostwald e de outros philosophos seus compatriotas que emprestam á Alemanha o merito de ter descoberto o factor da organização, a que deve a riqueza. "A ideologia marxista, inculcada como dogma no cerebro e na alma de milhões de individuos, subsistirá ainda por muito tempo, mas a nova ordem social será effectivada pelo espirito de corpo, hostile ao marxismo e representando uma adaptação moderna da sociedade dividida em casta, tal como existia na Idade Média."

6

Observa ainda que o sentimento de disciplina, sendo innato á natureza ou á cultura allemã, inimiga das idéas igualitarias, a Alemanha nunca será um país democratico no significado occidental da palavra. Da antiga casta dominante, em grande parte absorvida ou submergida, subsistem, notadamente na Prussia, nucleos reduzidos mas poderosos, que conservam as suas qualidades superiores, a experiencia secular da raça, ao lado da classe dos funcionários, dos burguezes e dos operarios, conscientes da distancia que os separa dos homens qualificados pela pureza do sangue e aos quaes se acham presos por obediência hereditaria. A ascensão dos revolucionarios á notoriedade historica e ao poder, não destruiu o character essencialmente patriarchal dessas relações entre o inferior e o superior, que persiste attestando que o respeito á autoridade e a subordinação (*Befehl und Gehorsam*) são qualidades germanicas, infiltradas nas massas e aperfeçoadas pela intuição de ordem, o desejo de crear e a vontade mystica do poder. Walter Rathenau, escreve no *Von kommenden Dingen* que o proletariado e a pequena burguezia vivem numa perpetua dependencia: um e outra obedecem ao funcionario na vida civil, ao patrão, ao engenheiro e ao contra-mestre na fabrica, ao official e ao sub-official durante o serviço militar, e se o inferior algumas vezes se revolta, seu acto não é a arrogante reivindicção de um direito, mas simples rebeldia, e elle por fim acaba submettendo-se ao chefe. O tedesco é fiel á supremacia do Estado, como

prova ainda, e de modo eloquente, a permanencia das duas organizações prussianas, o exercito de origem rural e primitiva, e o socialismo, nascido nas cidades sob o influxo da industria.

7

Graças ao instincto hierarchico, o autor de *Politik, Wirtschaft, Weisheit*, não julga o systema monarchico definitivamente relegado por longo tempo. O actual regime é ainda sem duvida muito imperfeito para que pretenda servir de exemplo ao mundo. Ao contrario, é urgente que se proceda á revisão dos valores sobre os quaes se apoia a vigente organização e se procure realizar a idéa do Estado nacional. Entende, porém, que o chaos reinante será substituído, não por uma ordem completamente diversa, mas por um ajustamento do regime antigo ás condições da vida moderna. "É" provavel, escreve Keyserling, que a Alemanha se torne um Estado monarchico, mas a nova monarchia tomará o character de cazarismo, que effectuará a unidade da Alemanha socializada." Vê, então, em Bismarck um verdadeiro Cezar, porque, do mesmo modo que Cezar, mantendo a formula republicana, lançou as bases do futuro Imperio romano, Bismarck, preso ao antigo conceito prussiano, creou um principio que deveria abolir a tradição logo que se manifestasse prejudicial ao *Reich*. Julga ainda que, achando-se comprometido o principio dynastico pela politica de Guilherme, a futura monarchia renascerá sob forma electiva.

8

Por fim, Keyserling insinúa que os erros de passado não seriam mais praticados pelos que forem dirigir os destinos allemães, porque respeitariam elles as "conquistas da revolução" e as aspirações das massas operarias, que, embora irrealisaveis no conjuncto, constituem elementos de grande importancia que não podem ser mais esquecidos ou desprezados. Povo dotado de maravilhosa organização economica, e sabendo hoje que a diagonal do poder é resultante de muitas forças, o que lhe assegura a superioridade no sentido indicado, o novo regime será consequencia natural do determinismo historico da Alemanha, mediante o esforço de sessenta milhões de indi-

viduos dispostos a restituir-lhe o lugar preponderante no mundo. A transformação do *geschlossener Handelsstaat* de Fichte em Imperio socialista unificado, tal como concebeu Bismarck, é o que annuncia a tentativa da primeira Republica germanica. E precisamente a derrota da Alemanha, conclue Keyserling, contribuirá para que o rythmo dessa evolução se accelere, libertando-a da deploravel e dolorosa desordem em que presentemente se debate.

9

As idéas de Mann ou de Keyserling ácerca da missão da Alemanha no futuro coincidem em muitos pontos com as theorias de Spengler. Oswald Spengler é vulto de grande relevo, talvez, no momento, a mais robusta e brilhante mentalidade de pensador entre os germanos, e todavia quem melhor traduz e compendia as tendencias politicas e as inquietações moraes da "élite" intellectual do seu país. O apparecimento em 1918 de *Der Untergang des Abendlandes* (O declinio do Occidente), livro provocador que obriga a pensar, grangeou-lhe exito excepcional, só comparavel, na sua essencia e significação, ao que alcançou H. S. Chamberlain com *As origens do XIX seculo* (*Die Grundsätze des XIX. Jahrhunderts*). Mas é no *Preussentum und Sozialismus*, editorado em 1921, que se encontra a sua verdadeira profissão de fé na resurreição da Alemanha. Spengler, que conjuga o pessimismo protestante, o delirio hegeliano, o historismo de Treitschke e a politica de Bismarck, na affirmação da Alemanha resurgida para immensos destinos, impõe-se á consciencia moral do tempo.

10

Spengler, como o conde de Keyserling, proclama que o socialismo terá a virtude de operar o milagre da renascença da Prussia, e affirma que a idéa socialista se identifica perfeitamente com o antigo espirito prussiano, mas sustenta que deve libertar-se das superstições, dos erros e dos absurdos do marxismo, que é tudo quanto ha de mais opposto ao instincto, ao espirito, á cultura allemã. Na critica cerrada, e ás vezes original ou profunda, que faz do materialismo economico marxista, declara que a revolução republicana re-



Desenho de Di Cavalcanti

presenta um dos formidáveis erros políticos que assignalará a philosophia da historia. Não só acha espantoso e lastimavel esse equivoco, mas considera-o ridiculo, porque os revolucionarios destruíram um regime que representava precisamente a organização que ambicionavam, para substitui-lo pelo despotismo partidario. A revolução allemã, diz Spengler, procede de uma idéa que pertence, não á Karl Marx, mas ao grande Frederico, que, declarando-se "o primeiro servidor do Estado", se revelava o mais completo revolucionario. Desde o XVIII seculo, o instincto prussiano havia comprehendido que o Estado, obra de utilidade e de bem publico, é tudo e que o individuo existe para servir á sua soberania de accôrdo com as aptidões de cada um. Esse socialismo autoritario, essencialmente anti-liberal e anti-democratico, opposto ao liberalismo inglês e á democracia francêza, em perfeita identidade com a idéa germanica anti-revolucionaria, existe nas grandes linhas fundamentaes no Estado prussiano. A revolução victoriosa tinha apenas uma tarefa: adaptar o organismo saído da doutrina do seculo XVIII ao espirito do seculo XX. Na sua furia destruidora, esquecidos de que a Alemanha é um povo de camponeses e de funcionarios, os radicaes praticaram o contrasenso de dividir a nação, mantendo o egoismo ou a disputa das classes. Creou-se o privilegio do quarto Estado com uma parte minima do povo, ao mesmo tempo que a idéa socialista assim desvirtuada se distanciava da maioria nacional, composta por innumerables profissões, submettida a intoleravel dictadura. O Estado deve ser o centro da vida economica, dispôr de todas as forças e meios de exercicio da nação, personificar a consciencia do país. Toda a actividade social se realiza por elle e para elle. Ora, o Estado, que apparece como a materialização da vontade creadora do povo inteiro, nunca será um Estado de classes, mantendo divisões arbitrarías, o que é absurdo. O systema capaz daquella funcção é o Estado nacional, constituído conforme o principio de que nenhuma das partes da collectividade não será dominada ou explorada em beneficio de outras, que todas as qualidades distinctas se reflectirão no seu desenvolvimento e toda força intellectual disponivel será empregada convenientemente. Nesse regime reinará harmoniosa distribuição e ordenação do trabalho, mantida pela autoridade. Assim concebido, o Estado é o nacional, ampliado, immortal sobre a terra que lhe serve de moldura. Ao mesmo tempo, um profundo sentimento de responsabilidade deve unir o homem á actividade functional do Estado e revelar-lhe que todos os seus actos são acções do Estado, pois, assim como no dominio transcendental nada é desprezível ou indifferente, do mesmo modo na estrutura do Estado não existe nenhum ramo que não se integre na responsabilidade. A' proporção que se affirma em nós a idéa dessa sciencia estadística, tão perfeitamente que se torne uma segunda natureza, creámos em nós uma mentalidade que considera a nação um todo superior ao individuo e a faz eterna. Essa dupla directriz ou parallelismo produzirá o maravilhoso equilibrio necessario á liberdade e ao poder. Ora, desde que o Estado germanico se constituiu em desaccôrdo com o socialismo prussiano, a Republica não poderá realizar a verdadeira tarefa historica da Alemanha, porque o marxismo, como idéa e organização, não é de essencia allemã, mas inglesa. Neste sentido, Spengler, quasi sempre tendencioso, explana uma série de argumentos ineditos e subtilezas, ás vezes paradoxaes, para condemnar o actual Estado allemão e mostrar a accentuada differença entre o espirito britannico, inspirador da ideologia marxista, e o espirito genuinamente prussiano.

11

Segundo Spengler, os espanhóis, os ingleses e os prussianos são os três povos europeus dotados da tendencia para a hegemonia mundial e do *Wille zur Macht* faustiano, ao passo que os italianos e os francezes repre-

zentam o opposto. Nos italianos e francezes o poder politico se reduz a meras questões de fronteiras. Leibniz tentou em vão convencer Luis XIV conquistar o Egypto, e bem assim Colombo inutilmente bateu ás portas de Paris e de Florença para levar a termo a grandioza empreza do descobrimento da America. "Subjugar Piza, ganhar a fronteira rhenana, diminuir o vizinho, humilhar o inimigo" — eis o pensamento politico desses povos. Ao contrario, os espanhóis (Spengler esquece que os portuguezes mantinham o mesmo pensamento imperialista) aspiravam a conquista do mundo, a posse de um imperio onde o sol nunca se occultasse. Desde então, a idéa de hegemonia não desapareceu da politica do continente, e, com a decadencia de Espanha, os ingleses a adoptaram no seculo XVII e os prussianos no XVIII. Pretende Spengler que foram esses povos que

A LEI DE IMPRENSA

Durante a discussão da lei de imprensa, ou seja pelo espaço de um anno, esperava-se que os nossos publicistas, jurisconsultos, escriptores, bem como as associações intellectuaes do paiz, abordassem o assumpto, ventilando-o e discutindo-o sob os seus multiplos aspectos, de sorte que a nação se orientasse, acompanhando a obra do congresso. Tal não aconteceu. O marasmo permaneceu e a propria imprensa, salvo excepções, apenas tratou do caso, ao sabor de suas intransigencias politicas. O Congresso votou a lei, sem que o paiz falasse claramente, e apenas os senadores Paulo de Frontin e Irineu Machado, numa attitude nobre e vigorosa, com um trabalho exaustivo e energico, não raro sobrehumano, discutiram artigo por artigo da nova lei, estudando-a em suas varias feições, comparativamente á legislação moderna e de accôrdo com as contingencias nacionaes. Lutando contra a maioria da Camara Alta, apressada em votar o projecto, tornado capricho, os senadores cariocas fizeram um trabalho herculeo, por si só bastante para justificar o silencio da opinião publica. A elles se deve a lenta elaboração da lei, a elles se deve a poda de varios absurdos e si mais não lhes foi possivel obter, ao menos não passou em silencio dispositivo algum. Honrando o mandato popular, fizeram uma obra de patriotismo e os seus discursos serão de futuro o unico repositório, onde o exegeta dessa lei se poderá inspirar, como elemento historico. Não mais é opportuno falar da lei ora vigente sobre a liberdade de imprensa. O tempo e a experiencia da sua pratica constituirão o melhor depoimento sobre a sua efficacia e beneficio, dizendo como se houveram os legisladores republicanos da época, na factura de uma obra desse alcance dessa magnitude. Inutil prolongar o debate.

emprestaram idéas universaes á civilização occidental, taes como o ultramontanismo, o capitalismo e o socialismo, encarados no mais alto sentido. No decurso do seculo XIX, a historia se resume na luta diuturna e implacavel entre o espirito inglês, ou o individualismo, e o espirito prussiano, ou o socialismo, peleja que deve terminar pelo triumpho de um ou de outro, visto ser impossivel a coexistencia das duas concepções de vida. A Inglaterra, continúa elle, encarna o espirito dos Vikings e a Alemanha o sentimento da ordem e da obediencia, e ambas obedecem, portanto, a imperativos moraes antagonicos. Explica esta opposição demonstrando que a divergencia psychologica entre os dois povos é

determinada principalmente pelo factor geográfico, enquanto o allemão, vivendo num territorio desprovido de fronteiras naturaes, está exposto a invasões inimigas. "A ilha substituiu na Inglaterra o Estado organizado, e sómente nestas condições a existencia de um país sem Estado é possivel. No lugar do Estado, o inglês collocou o individuo livre, cruento na luta pela vida, porque só por esse meio pôde dissimular o ancestral instincto de pirata. A politica inglesa é uma politica de pessoas privadas e de grupos de taes pessoas". Muito diverso é o imperativo moral prussiano, que exige, antes de tudo, a submissão do individuo á collectividade, deixando-lhe apenas a *libertas obedientiae*. O individuo, perfeitamente consciente de que nada é fóra da collectividade, dissolve-se na communhão, no Estado, que é tudo. A' esta idéa, que é o desdobramento da formula inicial de Hegel deve-se, por exemplo, a existencia da organização militar, do corpo de funcionarios e da classe operaria, solidos alicerces do Estado prussiano. Tal discordancia de concepções envolve uma differença na estrutura social da Inglaterra e da Alemanha. "Na Inglaterra, é a *riqueza*, ou melhor, o exito na luta pela existencia, que estabelece a distincção entre as classes. Na Prussia é o *rang* que crea essa divergencia, quer dizer, não o resultado do trabalho, mas o proprio trabalho. Na Inglaterra, são a riqueza e a pobreza que apparecem como contrastes do organismo nacional. O operario deve esforçar-se para tornar-se rico. Esta tem sido a politica dos *trade-unions*. Ao contrario, na Prussia, o regime social é definido pela opposição entre a ordem e a obediencia numa collectividade disciplinada, seja o Estado, o partido, a classe operaria, o corpo de officiaes ou de funcionarios." Dahi, a existencia de duas ethicas differentes: a do exito e a do dever. A moral inglesa diz: trabalha para tornares rico, e para a conquista da *riqueza*, que é a finalidade para o inglês, a consciencia puritana justifica o emprego de todos os expedientes, os mais crueis como os menos escrupulosos. A ethica prussiana ordena: trabalha afim de cumprir o teu dever, que é o bem da collectividade. Assevera Spengler que a ethica do país sem Estado, feita pelo instincto dos Vikings, sempre disposto para o combate, suppõe o direito do individuo assegurar a sua felicidade ainda mesmo em detrimento de outrem, contanto que disponha da força necessaria para isso. O pensamento do inglês é enriquecer, accumular indifferentemente thesouros, exceder-se, dominar sempre, o individuo mediante os pequenos processos da astucia ou da violencia, e o Estado recorrendo á intriga diplomatica e ao augmento de suas armas em terra e no mar. É uma especie de darwinismo economico. "O instincto de pirata de um povo vivendo numa ilha, concebe a vida economica como ambição por uma prêsas e notadamente por uma prêsas individual. O fim é a criação de utilidades individuaes, o esforço contra a concurrencia privada, o dominio nas relações entre a offerta e a procura — e não o desenvolvimento da riqueza nacional conforme um plano estabelecido. Isso determinaria a essencia da economia inglesa, identificando-a com o commercio, conquanto este seja uma fôrma civilisada do banditismo. Toda disputa entre os proprietarios de empresas industriaes e os trabalhadores gyra, a partir da metade do ultimo seculo, em torno da mercadoria "trabalho", que uns querem comprar ao mais baixo preço possivel e outros vender tão caro quanto possivel. O termo "liberdade de trabalho" provém de uma concepção economica de piratas. A doutrina prussiana, ou socialista, reclama uma regulamentação da troca pelo Estado, que reserva ao commercio papel subordinado e não dominante." A ethica prussiana, que reconhece como dever individual o destino da raça, nada mais é que o proprio socialismo, que remonta a Frederico o Grande.

12

A significação da democracia inglesa é a possibilidade de cada um tornar-se rico, e

a base da sua organização social é a riqueza, o capitalismo. O socialismo prussiano tem fundamento no principio de autoridade, supõe um regime legal, em que a conquista do *rang* se faz sem atropellos nem obstaculos, é profundamente influenciado pelo sentimento de hierarchia. A este respeito escreve Spengler: "A França, como a Italia, nunca conheceu uma divisão natural em classes, nem mesmo antes de 1789. A anarchia social era a regra. Existiam grupos de privilegiados de todos os generos e de differente importancia, sem que houvesse determinada relação social entre elles. Basta lembrar a existencia da nobreza da magistratura ao lado da corte, o *typo* do abbade, o rendeiro, a distincção entre os burguezes da cidade. O espirito nitidamente francês da igualdade manifestou-se sempre em todos os tempos incapaz de gerar uma ordem hierarchica. Na Inglaterra, a nobreza transformou-se pouco a pouco numa classe baseada na riqueza, ao passo que na Prussia se tornou militar. A nobreza franceza jámais conheceu essa unidade social. A revolução ingleza era dirigida contra o Estado, quer dizer, contra o "regime" prussiano na Igreja e na vida publica, enquanto a revolução allemã foi contra o systema "inglês", baseado na differença entre rico e pobre, que havia penetrado na Allemanha no XIX seculo com a industria e o commercio e se tornára o centro das tendencias anti-prussianas e anti-sociaes. Só a revolução franceza se insurgira, não contra um estatuto estrangeiro e, portanto, immoral, mas contra a propria ordem em geral; e a isso é que se chama democracia no sentido francês". A antinomia que apparece nas idéas nacionaes dos dois povos, Spengler assignala com argumentos fortes, embora discutíveis, e até muitas vezes falseando a historia da evolução espiritual da nação ingleza ou franceza.

13

Filiando os preceitos marxistas á concepção ingleza da vida, pretende Spengler que Marx errou grosseiramente quando confundiu um Estado como a Prussia, onde cada individuo é considerado servidor da collectividade e funda o conceito de sua dignidade na consciencia dessa submissão, com um país de piratas como a Inglaterra, onde toda a luta economica se desenvolve entre rapinantes e saqueados. "O erro de Marx foi transformar a opposição do instincto das duas raças anglo-saxonias em divergencia material de duas classes, attribuindo ao "proletariado" a idéa prussiana do socialismo e á "burguezia" a idéa ingleza do capitalismo". A existencia dessas duas classes antagonicas, é inconcebível em relação á Prussia. A ethica do marxismo, que erige em principio o egoismo de classe, tambem em cada formula revela a sua procedencia ingleza, e, portanto, anti-prussiana. A começar pelos termos "socialismo" e "capitalismo", que correspondem na theologia marxista ás idéas religiosas do bem e do mal, representando o burguês o diabo e o operario o anjo, vê-se que Marx raciocina á ingleza. Marx ensina ao povo o desprezo do trabalho, concebendo-a, á semelhança dos inglezes, como um caminho que conduz á riqueza e não como um dever, ao modo prussiano. Considerando o trabalho como maldição, odêa, por isso mesmo, a todos quantos não são obrigados a trabalhar, e incita insidiosamente a luta de classes. O trabalho é para elle simplez mercadoria: o industrial vende a mercadoria "dinheiro" e o operario a mercadoria "trabalho". Nos calculos de Marx não entra o Estado, pois para elle existe apenas o conflicto entre o operariado e o partido capitalista, e o que préga é a dictadura daquelle, revelando-se tudo quanto ha de mais opposto á idéa prussiana. No Estado socialista prussiano, o povo inteiro identifica-se com o *Reich*, e os partidos de classe servem á causa commum. O operario considera-se antes um funcionario que um commerciante, e esse é igualmente o sentimento do industrial. Spengler mostra como o conceito allemão de propriedade é differente da concepção dos francezes ou italianos. A idéa corrente nesses

povos intrigantes e ambiciosos de que a propriedade é conforto, bem estar, posse restricta de certos bens, differe da noção do homem faustiano que só a aprecia ou estima enquanto força productiva ou exerce acção dinamica. A posse nada é fóra da vantagem momentanea do dinheiro, da satisfação material, da felicidade ordinaria. A propriedade deve ser uma coisa verdadeiramente viva. O orgulho do conquistador, do negociante, do especulador e até do colleccionador de obras d'arte, é inspirado pelo pensamento de que a propriedade lhe assegure a alegria perpetua do poder "A Renascença italiana e a França, diz ainda Spengler, oppõem a essa concepção energica da propriedade o ideal do rendeiro, cuja essencia não é a acção, mas o prazer. O italiano ou o francês, na sua ambição, aspira não tu-

MIGUEL COUTO

As qualidades e maneiras do escriptor e do homem fazem-me crer que o professor Miguel Couto seja differente desses que nas faculdades superiores, de curso mais ou menos livre, têm as aulas frequentadas de auditorio numeroso e espontaneo por prazer de escutar a suggestão de fama transmittida, de geração a geração, entre os estudantes. De outros que taes tenho ouvido fallar; não delle; e por mim mesmo, em conjectura, já eu o excluirei da classe dos oradores de cathedra, á qual não pertencem os verdadeiros mestres que "lêem" aos alumnos as suas lições de sciencia.' E é o que justamente parece demonstrar essa commemoração do meio jubileu do seu professorado.

Descontada mesmo a parte de influencia social do clinico, primeiro entre os do seu tempo, no Brasil, significa esta festa que, onde outros com eloquencia deleitam os ouvintes, ensina este mestre aos seus discipulos o saber que forma os mestres: e agora, discipulos e mestres, reconhecidos e congregados dentre os que em 25 annos não definharam ou desapareceram, representam a solidez, a continuidade, o valor, a repercussão do trabalho da sabedoria, menos scintillante, porém mais proficuo, mais consciencioso, mais duradouro, de que as galas da eloquencia e as forças da loquacidade, que levantam a popularidade ephemera.

Em Miguel Couto o mestre não podia ser senão o que é o homem e o que é o escriptor.

MARIO DE ALENCAR.

do possuir, mas possuir muito. Os "condottieri" só prezavam a riqueza na proporção em que lhes permittia usufruir plenamente a cultura ociosa do seculo. O banco dos Médicis, um dos primeiros da Europa, não ambitionava a conquista do predomínio no mercado mundial. Luiz XIV occupava seus generaes em assegurar uma base solida á existencia olympica do Rei Sol. A nobreza franceza de Versailles era inteiramente dominada pelos sentimentos da Renascença, e sua cultura não tinha caracter dynamico. Essa aristocracia do XVIII seculo era o contrario da nobreza ingleza ou prussiana, activa, laboriosa e conquistadora. O "grande senhor" de 1750 era o precursor do burguês de 1850" Ao mesmo tempo que a idéa prussiana da propriedade se approxima do conceito inglês da riqueza, aquella se differencia substancialmente deste, porque, como já vimos, o inglês considera a propriedade como uma presa individual e o prussiano como um bem que

lhe é confiado em nome da collectividade e cuja administração exerce no interesse do Estado. A riqueza nacional, para o prussiano, não é a somma das propriedades individuais; estas, ao contrario, representam para elle funções do todo economico.

14

Por fim, chega Spengler ao termo extremo da questão. No seu entender, debatem-se no mundo duas concepções economicas irreconciliaveis, o socialismo, ou o prussianismo, e o capitalismo, ou o individualismo inglês, e o problema consiste em saber se o universo será uma exploração capitalista ou uma organização socialista. Não seria talvez prematuro definir o Estado através da visão spengleriana como um agrupamento armado de produção sobre base nacional. Quanto á sua natureza intima, o ideal não é mais "governar", no sentido de uma so vontade dirigindo o povo para determinado fim, mas "administrar", significando que uma autoridade suprema, que se impõe aos individuos e á vida collectiva, se esforce por bem gerir os negocios publicos, regulando os numerosos interesses contradictorios, organizando todas as fontes de energia submettidas a methodos identicos, unificando os trabalhos da collectividade. Nenhum systema exerceria influencia mais benefica em favor da unidade nacional do que este, para cuja realização Spengler declara necessario todo o entrave que facilite attingir o fim fixado e inutil, inorganico, o que não contribua para alcançá-lo. O Estado nacional seria dirigido por homens de experiencia superior, que se inspirariam de um conjuncto harmonico de crenças com profundas raizes no genio da raça, e não mais pelos inventores de dogmas e politicos profissionaes, que servem a doutrinas superficialissimas ou a interesses immediatos. Nelle, o problema da liberdade seria moral e transcendente, e o bem colectivo decidiria o que é oppressão ou liberdade. O equilibrio permanente entre dirigentes e dirigidos se estabeleceria, como num organismo vivo, pelo fluxo e refluxo continuo dos espiritos e das forças, porque todo membro da nação, valor ponderavel, poderá governar e servir, dirigir e trabalhar, tudo dependendo de sua capacidade, cultura e intelligencia. O advento de tal systema, que, valendo-se da propria terminologia allemã corrente, se poderia chamar *organocracia*, no pensar de Spengler, está longe de ser utopico, porque o povo allemão encontraria um corpo de poderosas individualidades para constitui-lo.

15

Examinando a luta entre os dois principios na Allemanha, considera que entre conservadores e socialistas existe um simples equivoco, porque estes como aquelles são partidos essencialmente prussianos, que, embora divergentes, se oppõem ao principio economico inglês do capitalismo. Ambos, com o caracter anti-liberal e anti-parlamentar, concebem o Estado baseado na ordem e na obediencia dos individuos, supprimindo a differença entre operarios e funcionarios, diversamente do que pratica a Inglaterra. O inimigo do socialismo prussiano não é o capitalismo allemão, porque este se nutre da idéa social prussiana, mas o marxismo, que oriundo do capitalismo inglês, deve desaparecer como fórmula social da vida economica, por contrario ao velho espirito prussiano (*Preussentum*), donde procede o verdadeiro socialismo, que significa poder. Ha mister, pois, que os dois partidos comprehendam, que não deve subsistir a opposição entre conservadores e socialistas, porque elaboram num engano julgando o espirito prussiano hostile ao socialismo, mas, ao contrario, colligarem-se para combater o marxismo, que corrompeu e paralysoou a vida economica allemã, inculcando um falso socialismo, e fazer do trabalho organizado uma força da nação. A odiosa guerra de classes perderá o caracter aviltante e seu aspecto doloroso, porque o trabalho commum,

enobrecido pelas leis que regem toda produção de ordem superior, scientifica ou artistica, terá sua finalidade em si mesmo, será realizado com amor e libertado das condições de miseria ou soffrimento. Trata-se de escolher entre a idéa prussiana e a concepção ingleza, entre o socialismo e o capitalismo, entre o Estado e o Parlamento. O salvamento da Allemanha está, conclue Spengler, num Estado, que, na sua essencia, seria uma monarchia, não hereditaria, mas socialista e democratica no sentido prussiano.

16

A despeito de algumas divergencias, repetimos, ha intimo accôrdo entre o pensamento de Spengler e a doutrina do conde de Keyserling. Ambos possuem lastro philosophico de identica origem, procedem da mesma ideologia e crêm na grandeza futura da Allemanha pela reorganisação das suas forças vitaes sobre eguaes bases politicas. Os dois são adversarios do liberalismo occidental, representado pelo regime democratico e parlamentar praticado na França, na Inglaterra e na Italia, e, allemães de boa polpa, confiantes nas virtudes da raça e no poder da tradição historica, reclamam para a vida social e o desenvolvimento economico do país as formulas do socialismo prussiano, com a differença de que o primeiro opta pelo Estado e o segundo acredita no papel das fortes corporações independentes regulando a economia nacional, do mesmo modo que Rathenau, para quem era um postulado fundamental o poder da organização. Tanto Spengler como Keyserling defendem e aconselham a união dos partidos conservadores e operarios allemães para o estabelecimento da monarchia autoritaria e socialista, baseada numa estrita hierarchia e no principio da ordem e da obediencia prussianas. Assignalando essa afinidade de idéas entre os dois pensadores, Regina Zabloudovsky, a subtil divulgadora e commentadora das novas fórmulas do pangermanismo, e que muito nos valeu para comprehensão da obra de Spengler, escreve: "O exercicio, o funcionalismo e a social democracia (tal como a concebêra Bebel) são tres principios analogos, mediante os quaes Spengler e Keyserling pretendem organizar a vida social allemã. Uma combinação da antiga ordem prussiana e de um socialismo que não reconhece os interesses de classe, eis os contornos por elles traçados do desenvolvimento futuro da Allemanha. Desse arranjo surgem, de um lado, o culto de Bismark, que apparece nos dois autores e é presentemente o *leitmotiv* da ideologia dos intellectuaes allemães, e, de outra margem, a approximação aparentemente paradoxal de Bismark e de Bebel, do fundador do Imperio Allemão e daquelle que organizou a classe operaria modelada pelo exercito e pelo corpo de funcionarios prussianos." Bismark e Bebel, eis a synthese preconizada no momento.

17

Observa Zabloudovsky que Keyserling e Spengler, podem facilmente se entender, máo grado os matizes que os façam divergir, mas que entre as idéas de ambos e as da democracia occidental existe profunda divergencia, derivada de uma concepção essencialmente differente da vida, que as torna irreconciliaveis. É por isso que os creadores da nova ideologia allemã condemnaram o regime politico instituido pela Constituição de Weimar, que, aliás, não deixou de manter a unidade nacional, que, consagrada no dia seguinte á victoria de 1870, se achava ameaçada com a derrota de 1918, e bem assim de reduzir as attribuições do Parlamento, creando um conjuncto de direitos e garantias chamadas democraticas, idéas que sempre inspiraram, desde 1849, a politica de Francfort ou de Berlim. Segundo elles, a revolução desvirtuou o papel indicado á Allemanha por seu desenvolvimento historico e pelas qualidades nacionaes,

a qual seria a criação de "um estado prussosocialista, cujo centro de gravidade seria deslocado da esphera politica para o dominio economico, organizado este, como o corpo de funcionarios allemães, segundo o schema da ordem e da obediencia". No novo systema preconizado para a Allemanha por Spengler e Keyserling, a direcção suprema pertence exclusivamente á minoria designada pela sua competencia para governar o país, ao contrario do regime democratico, onde todos se julgam no direito de participar da administração publica, mas Keyserling vae até a aconselhar que o melhor seria confiar as funções de director a um monarcha eleito. Vem a proposito lembrar que Walter Rathenau, o malaventurado autor de *Zur Mechanik des Geistes*, e que tão relevante tarefa executou na Republica allemã, também prégava a transformação do Estado allemão num Estado nacional allemão e opinava que para assegurar a boa direcção do Estado era preciso recorrer ao principio monarchico. "Tenho a convicção, escrevia elle, que é preciso collocar á frente do Estado um homem profundamente responsavel, ao abrigo de todos os desejos, appetites e tentações da vida commum, um homem consagrado, e não um ambicioso vulgar." Tal homem, pelo facto de ser por todos reconhecido como autoridade superior, não precisaria ser submettido á lei do renovação perpetuo a que estaria sujeitas todas as outras forças da nação. O antagonismo entre o soberano e o povo, até então mantido pelas dynastias decaídas, desapareceria numa organização cujo poder se fundasse na totalidade da nação e na autoridade nascida da confiança reciproca entre o monarcha e o povo, não a massa, enquanto povo elevado ao poder, mas um povo educado politicamente, capaz de reflexão e de pensamento, espiritualizado nos partidos, que seriam representados pelos seus chefes, seus homens d'Estado e seus pensadores. A vontade desse povo, vontade consciente e creadora, expressa pelos seus melhores elementos, é que faria viver o Estado, a sua essencia espiritual. Sobre a base desse accôrdo natural e franco, julgam elles possivel uma monarchia viva e robusta, em que o principe não sómente seria "o primeiro servidor do Estado, mas também membro da grande associação nacional". Apenas, os mais scepticos objectam que ha mister purificar o ambiente deleterio em que se desenvolve a mentalidade allemã para que se funde o Estado nacional. Se as grandes lições da guerra são aproveitaveis, o passado politico da Allemanha é formidavel carga de que facilmente não podem desembaraçar-se as gerações novas. A intelligencia allemã e a força prussiana, realisando a mais immoral das alianças, aviltaram-se mutuamente.

18

As idéas dos prophetas da nova Allemanha estão muito longe de ser originaes. O entusiasmo que despertaram, explica-se pela força de convicção dos systematisadores, que souberem dar novo envoltorio a velhos dogmas tão caros ao orgulho dos allemães de antes de 1914, nisto residindo, talvez, o segredo do exito alcançado. Com effeito, a sua philosophia da historia e a sua doutrina do Estado, expostas de accôrdo com o temperamento pessoal de cada um, conservam-se fieis á tradição allemã, devem muito ao socialismo, resentem-se da influencia dos theoricos do seculo XIX, sobretudo de Hegel e de Treitschke, creador e coodificador da idéa do Estado — Força. Hegel, engendrado por Fichte e tendo na memoria as proezas do Santo Imperio romano-germanico, combateu as doutrinas classicas do direito natural e do romantismo politico para conceder ao Estado uma omnipotencia com que ninguem nunca sonhára — divinizou-o. Consoante á dialectica hegeliana, que ultrapassou o proprio christianismo, a unica realidade objectiva suprema no mundo da existencia é o Estado, e realidade que existe em si e para si. O Estado é a idéa maxima da Razão, é o espirito visivel e tangivel, é a vontade substancial que se co-

nhece como tal e que se realiza tal qual é conhecida. Sendo a superior affirmação da Idéa, é também o poder incontrastavel e o soberano direito. O dever do individuo é ser membro do Estado e, diz Hegel, adorá-lo como Deus. Hegel porém, foi mais longe, porque a sua concepção perdeu o caracter de doutrina geral para tornar-se um conceito puramente especifico e só applicavel ao Estado prussiano. "Hegel, escreve Treitschke, foi o primeiro que, justificando scientificamente a rica actividade civilizadora que a Prussia já exercia ha muito tempo, creou o pensamento prussiano do Estado, fornecendo ao historiador o criterio para aferir a moral politica dos heróes sem a mesquinhez burgueza". É o Estado absoluto, guerreiro e amoral, collocado acima do bem e do mal, que só conhece uma lei, a força, que só tem uma moral, a vontade de poder, e que só possui um objectivo, o desenvolvimento do seu eu. E a guerra vem a ser um momento essencial no desenvolvimento da Idéa. A Hegel deve o germanismo seu dogma fundamental, o culto do Estado, que tem ainda a coroá-lo a mythologia da raça.

19

Treitschke, que singularmente contribuiu para formar a mentalidade allemã contemporanea, continúa a exercer malefica influencia. Historiador apaixonado, servido de grande talento e de temperamento rude, sempre se mostrou um caracter de tempera nobre, e por ter sido um homem integro, austero, intransigente, é que o ardoroso apostolo da hegemonia prussiana e ao mesmo tempo obstinado reacionario, mais facilmente actuou sobre os espiritos. O mestre de Spengler, Keyserling, Reimer, Moritz Aindt, Mann e Hoetzsch, como fora o mentor de Lamprecht, Schiemann, Delbrück, Droysen e Sybel no tempo da *Realpolitik*, é a figura primacial dessa escola de historiadores germanicos que puzeram sua mentalidade, seus methodos de pesquisa e seu cabedal de erudição ao serviço de um ideal politico exclusivista, violento e cruel. Inspirado por Hegel, tomou da chaotica historia germanica o conceito do Estado prussiano. Sustentando cynicamente o postulado de que a historia não tem finalidade em si mesma, contra os que emprestam á historiographia função generosa e cavalleiresca, transformou essa nobre sciencia em vilissimo instrumento de combate para justificar cégos rancores, odiosos preconceitos e illimitadas ambições. "A historia imparcial é coisa que não convém a uma nação viril, apaixonada e batalhadora", e escreveu a *Deutsche Geschichte*, para uso do povo no tôrpe estylo prussiano, indo até ao descaramento de deturpar textos no intuito de divinizar a Prussia e denegrir os seus inimigos. O famigerado apologista do Estado prussiano, que se tornou celebre na primeira phase do Imperio, em plena vertigem oriunda das victorias de Sandowa e Sedan, não era historiador conforme o classico modelo de Thucydide ou de Tacito, mas um pamphletario da historia, terrivel forjador de immoralissimos paradoxos, grosseiros subterfugios e funestas superstições, conquanto possuísse meritos excepcionaes como letrado. Antes e depois d'elle, nenhum tratador de factos historicos foi mais fanatico do que esse palafreineiro da "imponente experiencia da verdade prussiana". Nenhum levou tão longe o desprezo das noções seculares da justiça, do direito e da humanidade do que esse adversario irreductivel do liberalismo e defensor da theoria de que o mundo só pôde ser constituido pela força. Nenhum também desfigurou com tanto despudor o sentido da historia. Ninguém, por fim, celebrou a guerra com igual furor mystico. A guerra, no seu conceito, era uma necessidade, um instrumento indispensavel de cultura. "A guerra, escreveu, com ser inevitavel, é moral e santa. A paz é a renuncia preguiçosa aos grandes designios e ás grandes ambições. O ideal da paz perpetua não só é irrealizavel, mas ainda um escandalo moral, verdadeira maldição. O Estado é poder, e só existe enquanto poder, e é pela força organizada que realiza sua essencia. A força do Estado supõe, é verda-

de, certas qualidades moraes, que não representam senão meios em vista de communicar á sua organização militar o maximo de efficiencia. Os Estados que procuraram a grandeza e a gloria nas artes, nas letras ou nas sciencias faltaram á lei da natureza e caro pagaram seu erro. O Estado não é uma academia das artes. Quando sacrifica seu poder a aspirações ideaes da humanidade, elle se contradiz e condemna-se á ruína. Não foi Fichte, Pfizer ou outros professores que fizeram a Allemanha, mas Guilherme I e Bismarck. O homem de Estado deve possuir ambição, intelligencia realista, vontade intransigente, caracter de ferro." Tal é o ensinamento de Treitschke, o Machiavel dos principes allemães, que emprestou ainda á doutrina da força uma forma mystica que muito bem corresponde á alma allemã. Póde-se dizer que o pae espiritual da geração allemã contemporanea, dando ao pangermanismo fundamento philosophico e justificando a idéa de conquista pelo direito politico, constituiu os alicerces theoricos do furor guerreiro dos prussianos. Sem sua doutrina o Imperio allemão não teria se organizado como systema de forças aggressivas. Quando von Bernardi e o principe de Bulow fazem a apologia da Prussia, evocam seus principios e aphorismos, e confessam-se seus discipulos fieis. Ora, o pangermanismo, movimento de idéas muito complexo por suas causas e por sua origem, mas facilmente comprehensivel em seus effeitos, é producto monstruoso dessa grosseira materialisação da historia, iniciada por Treitschke e continuada até os nossos dias, é fructo da *Realpolitik*, revigorada pelo culto idolatrico da força e do ideal do exito, é obra da systematização do orgulho prussiano. E o néo-pangermanismo spengleriano é ramo florescente dessa arvore malsan, que envenenou a Allemanha de Lessing, Leibniz, Herden, Kant, Goethe, Schiller e Beethoven.

20

Antes de tudo, os néo-pangermanistas crêm na supposta superioridade da raça allemã sobre as demais, por ser a unica detentora das qualidades extremas do ariano, e pregam a germanização do mundo. Neste particular, nada mais fazem que repetir os scphismas de Lamprecht, Ammon, Chamberlain, Driesmans, Woltmann, Wolff e outros muitos pedantes theoricos do "teutonismo tentacular". Se a idéa de raça que serviu de base a uma philosophia geral da historia e a um ambicioso programma politico, submergiu nos escombros da derrota militar, o sentimento racial conserva-se intacto, vivo e palpitante. Os germanos, expressamente concebidos como a raça eleita, julgam-se ainda destinados ao imperio do mundo, porque, dizem, conservando-se incorruptiveis e fortes, continuarão a desenvolver a pura tradição ariana, enquanto os latinos e os anglo-saxões, em adeantado estado de degenerescencia, apressarão a obra do chãos ethnico, em que se afundará o Occidente. Fundada sobre um conjuncto apparatuso de falsas noções scientificas, a mythologia da raça germanica só subsiste como uma das manifestações mais typicas do fanatismo allemão, o que nos dispensa examinar detidamente essa doutrina.

21

A critica ás idéas fundamentaes do povo inglês deflue do irreductivel odio germanico á patria do liberalismo politico. Spengler valeu-se dos mesmos factos, argumentos e diatribes de Treitschke para rebaixar a Inglaterra ao razo da vileza. No seu rancor pelo inglês, Treitschke, como Spengler, vae até á offensa, á falsidade, á mentira. Na obra de ambos os sarcasmos se atropellam com as injurias. Quando se lê o *Prussianismo e Socialismo*, tem-se a forte impressão de que se está diante do arrogante autor da *Deutsche Geschichte*, tão flagrant'e é a identidade de sentimento e até de expressões. Para Treitschke, o inglês não passa de "um baconiano, um vulgar utilitario, um insular egoista e pequenino, um hypocrita, que, com a biblia numa mão e o cachimbo de opio na outra, defunde sob pomposas phrases de unctuosa theologia".

Sentencia ainda que "o amor do dinheiro apagou no inglês o sentimento da honra e toda distincção entre o justo e o injusto", e que elle "disfarça a covardia e o utilitarismo pelo universo os beneficios da civilização". A hypocrisia inglesa, o *cant*, é o objecto de aguçadas ironias. Ainda de accôrdo com a lição do theorico do absolutismo prussiano, historiador eminente mas intolerante, que nunca manifestou o menor respeito pelas convicções alheias, a politica inglesa é um expediente monstruoso de dominio, "a mais immoral de todas", e o inglês só faz guerra com o unico objectivo de conquistar mercados. O preconceito anti-inglês de Treitschke expressa-se com máis violencia no ensaio intitulado *Dois imperadores*, em que o autor accusa o celebre cirurgião britannico Morell Mackenzie de haver intencionalmente morto o Imperador Frederico III, calunnia que se tornou crença popular graças a esse prussiano furioso. Assim, pois, se nada tem de estranho a animosidade de Spengler á Inglaterra, tambem pouco original é o exame que faz das idéas politicas, sociaes e moraes do povo britannico, revelando, ainda, sinão incapacidade philosophica, pelo menos lastimavel má fé e completa ausencia de imparcialidade, postura impropria de um philosopho para quem os admiradores reclamam o titulo de continuador de Goethe. Tambem não é novidade a aversão á França revolucionaria e aos principios que guiaram os creadores da França entemporanea. Como o autor da *Deutsche Geschichte*, Spengler maldiz as idéas da revolução franceza, "obra demoniaca do genio celta" (quer dizer francêz), e assevera que a paixão pela igualdade apenas conseguiu destruir, anarchisar e corromper, enquanto a monarchia prussiana gerou bellas coisas.

22

A Spengler o catholicismo inspira o mesmo horror que ao sophista Treitschke. Para elles, catholicismo e latinismo se confundem, são uma e a mesma especie odiosa, e assim se explica porque a civilização mediterranea, sempre fiel á Roma, lhes provoca invencivel repugnancia. Admiram e veneram Luthero, não só porque foi reformador genial, proclamando o livre exame, mas principalmente por ter se revelado um authentico allemão, ou melhor, um verdadeiro propheta prussiano. Não preconizam o protestantismo como idéa religiosa. A reforma libertou o Imperio do dominio da Igreja, tornou possivel o advento da Prussia e robusteceu a unidade nacional allemã: ahí está a principal razão, exclusivamente politica, que justifica o culto tributado ao lutheranismo. O Estado, livre de toda opposição interior, emancipado de qualquer limite ou reserva, poderá assim reservar as energias para a expansão dos appetites de conquista, ser um agente da ambição e da cultura prussiana. A consciencia religiosa na Prussia cõe sob o dominio do principe, que reúne em mãos o poder espiritual e a autoridade civil e politica. Ligada ao Estado por mil laços moraes e materiaes, a intelligencia prussiana professa que a vontade do Estado é a lei suprema. A igreja lutharana é incontestavelmente um elemento de força, transformada pelo mysticismo germanico em religião imperialista, em correspondencia intima e directa com o Estado prussiano. Por isso, do mesmo modo que catholicismo e romanismo se identificam, o protestantismo e o germanismo completam-se, e uma Allemanha não protestante é inconcebivel, por constituir anomalia contraria á hegemonia prussiana. Tão, só por ser o lutheranismo uma religião de caracter politico, e que Spengler e seus adeptos, como os Hohenzollers e Bismarck, Treitschke e os pangermanistas, pregam a conversão de todos os allemães ao protestantismo, inimigo da democracia e força preservadora contra a orgia revolucionaria.

23

Ainda com a abominavel sophistica de Treitschke está Spengler quando combate com violencia os progressos da democracia e o

exitto do maxismo, que representam perigo para a idéa prussiana. Affirma Treitschke que irreparavel falta foi Bismarck ter introduzido na Allemanha o suffragio universal, porque, "num Estado de cultura nobre como o Imperio allemão, o direito popular de voto é a indisciplina organizada". Ha, segundo elle, contradicção fatal entre a igualdade democratica, consagrada pelo suffragio universal, e a formação, necessariamente aristocratica, de uma sociedade superior. Os Estados monarchicos e aristocraticos levam vantagem sobre a democracia pura no desenvolvimento pacifico e permanente das forças vitae da nação. "Sabem respeitar a aristocratica formação da sociedade e empregá-la em beneficio do Estado, o mesmo não aontecendo com a democracia que aspira apenas destrui-la, perdendo a solidez das tradições politicas e moraes". Spengler pensa como o historiador pangermanista quando este escreve que existe na Allemanha forte linha de demarcação separando os individuos em duas categorias: a dos que nasceram para ordenar, formada pela nobreza prussiana, e a dos que foram gerados para obedecer, representada pelo resto da nação. A igualdade não existe nem no cosmos nem na historia. Ambos entendem que a desigualdade de classes procede tão necessariamente da natureza, como a opposição entre dominadores e dominados deriva da propria essencia do Estado. Ora, facilitar a classe popular a conquista do poder, que é privilegio exclusivo dos nobres, é rematada loucura. Dest'arte, o socialismo marxista, que para Spengler é de invenção inglesa e para Treitschke é de origem franceza, constitue para a ordem e para a verdadeira cultura prussiana immenso obstaculo. Treitschke professa desde pelo dogma da "guerra de classes", dizendo que Lassalle e Marx são judeus, e não allemães, e que o allemão, por si só, não era capaz de inventar a perversão democratica. Não differe, repetimos, da doutrina politica de Treitschke a these que com tanta eloquencia e convicção sustentam os néo-pangermanistas, que persistem na antiga opposição contra a democracia, a liberdade e o espirito revolucionario.

24

Do mesmo modo os principios economicos que pretendem fazer admittir não são novos. A despeito de que muitos de seus conceitos não se confundem com outras theorias conhecidas, e provoquem certas hesitações e protestos, procedem de Bebel e outros. Do socialismo marxista elles se separam pela sua concepção do capital, pela emancipação espiritual da classe operaria e pelo seu individualismo, para acceitarem a absoluta autoridade do Estado ou o principio da socialização systematica de todas as forças productivas. A noção do Estado nacional e de seus fins, ardentemente defendida por Spengler, era moeda allemã que teve curso durante toda a metade do seculo XIX. Depois de Fichte, Hegel e Treitschke, os philosophos, os sociologos e os historiadores haviam abandonado o conceito racionalista do Estado como simples e artificial associação de interesses, fundada sobre o contracto social, para affirmarem a doutrina que, emprestando ao Estado origens historicas, o considera organismo infinitamente superior aos individuos que compõem a sua unidade e susceptivel de só ser modificada no sentido da evolução historica. Sabemos que se para Fichte "a noção do homem não é a dum ser insulado, porque é inconcebivel, mas a de uma especie", para Novalis o Estado "é uma individualidade mystica" e "para Hegel representa "a realização da idéa moral, a vontade moral realizada". Por fim, Adam Muller e os demais definem o Estado como "a totalidade das actividades humanas, a fusão intima de todas as necessidades physicas e moraes, de toda a riqueza material e espiritual, de toda a vida exterior e interior de uma nação num grande todo organico, dotado de energia e vitalidade infinitas". O postulado do homem inconcebivel fóra do Estado, foi acceito pelos promotores do socialismo de Estado Rodbertus, Lassalle, Wagner e Schmoller, que ajunta-

ram á missão de Estado o papel de educador moral e supremo da nação. O Estado é um fim em si, que não precisa ser demonstrado, e se afirma pela força inexpugnável de sua soberania, remata Treitschke. Todas estas idéas que proclamam a divinização da história, e a identificação do facto e do direito que della resulta, não cessaram de viver no cerebro allemão, de Bismarck aos menos graduados dos funcionarios, e dellas está imbuída toda a politica prussiana. Foram estas formulas abstractas que inspiraram a Spengler e a Keyserling a concepção do Estado prusso-socialista, monarchico, detentor de uma autoridade absoluta e perpetuo regulador dos valores da vida economica nacional, em completa incompatibilidade com o idealismo latino, e em nome dellas é que exhortam a nova Allemanha a tomar consciencia de sua missão no universo. Não desapareceu no naufragio em que se afundou a Allemanha imperial, a metaphysica delirante de Hegel ou de Treitschke.

25

O néo-pangermanismo é a bandeira do actual partido nacionalista allemão. Organizado com os antigos elementos conservadores, comprehende a casta aristocratica dos grandes proprietarios então dominante, os altos funcionarios do regime decaído, os officiaes, que perderam sua situação, e, despeitados, mantem-se em postura aggressiva, batalladora, disposta a tudo arriscar, os professores e estudantes das universidades, educados na escola da "politica de poder", os camponeses, conservadores por tradição e anti-collectivitas, e mais a massa de descontentes que se sentem lesados em seus interesses ou ambições pela guerra. Toda essa gente, em cuja mentalidade, máo grado o espectro da guerra, floresce ainda o orgulho prussiano, explora em nome da idéa nacional, monarchica e germanica, o rancor das antigas classes privilegiadas, o resentimento do exercito dissolvido, o pavor do bolchevismo e do comunismo, a paixão anti-semita e o odio á França e seus alliados, e no seu programma figura a restauração do poder allemão, com todos os vicios e illusões. Desesperados pela derrota, mas acreditando que a catastrophe mundial lhes deu uma nova fé na efficacia da força, procuram os nacionalistas subtrair a Allemanha das consequencias de uma "paz inaceitavel", reclamam a revisão do tratado de Versailles, accusam de pusilanimidade os socialistas, democratas e todos quantos pretendem consolidar o regime republicano e preconizam uma politica externa de conciliação, forcejam por manter vivo o espirito guerreiro entre os compatriotas e concitam o povo allemão a resistir a todas as medidas e iniciativas tendentes a tirá-lo da desordem em que se encontra. A convicção intima dos nacionalistas allemães, é que a Allemanha, reconciliada com as nações anglo-saxonias e ligada estreitamente com a Russia, possa mais tarde voltar-se contra a França e arrebatar-lhe a hegemonia que se arroga neste momento sobre a Europa continental: é a *revanche* pela força que querem.

26

Não ha, pois, como illudir-se: o pangermanismo não está morto. O allemão é sempre germano, com os seus instinctos sequiosos e bravios. Em Berlim, atraz da fachada republicana, o espirito de junker é mais vivo do que nunca. A idolatria da força impera sobre as almas. A' sombra de Thor reinam agora irmanados Bismarck e Bebel. Os deuses combatentes, que pareciam succumbidos na poeira das refréguas e foram desbaratados pelas legiões latinas, reivindicam para futuro não muito distante o advento de Odin, mais furioso do que outróra e sanguinario como sempre. O velho imperialismo germanico, que tem por fundamento psychologico o orgulho desmedido e por dogmas principaes a delirante vontade de poder, a absorpção do individuo pelo Estado e o culto da guerra, vive, vibra e se desenvolve com mais virulencia no

MIGUEL COUTO, INTIMO

Miguel Couto — uma das religiões do Brasil, parodiando o que se pôde dizer de Bossuet — tem a intimidade feita de um sorriso espontaneo.

Elle o constrôe na alegria da phrase que brota simples como qualquer cousa que a gente encontra entre as cousas simples, as que são da maior naturalidade. Por exemplo, quando procuramos no tufo pequeno da folhagem propria, a nobreza espontanea da violeta. E' da mesma maneira, certa, que a gente já sabe que ali se acha a flor classica da modestia, já sabemos, tambem, que, em Miguel Couto, a gente encontra o sorriso da bondade espontanea, que é delle, só, como della é a folhagem caracteristica.

O homem simples que, ha vinte annos, já celebrisado, fechava, todas as tardes, conmigo, as janellas do seu velho consultorio da rua da Quitanda, em vez de entregar esse mistér, ao seu enfermeiro, é o mesmo homem simples que temos sempre visto, ás onze horas da noite e ás tres da madrugada, a servir aonde ha um amigo enfermo. E está ainda áquella hora, sem jantar ou dormir, porque parece que elle não janta nunca a não ser quando dorme, quando janta — o que para muito intimo é ainda uma enigmatica interrogação.

Se a gente o procura no seu gabinete, elle se encosta no braço da cadeira e nos senta na melhor poltrona, mas isso é raro, porque, quasi sempre, é elle que nos procura no quarto nosso. Então, senta-se na cama de um de nós, enfermo, que somos do seu reito, para saber qual é o mal que a gente sente. Ainda que a gente já mal não sinta, pela sua presença vivificadora, elle se sente mal se a gente se sente bem, porque não nos pôde fazer bem que é todo o seu desejo.

Se acaso, estamos de perfeita saude, quasi o diríamos a pensar a nosso respeito: "Não teria a bondade este querido amigo de ficar doente para que eu lhe possa fazer alguma cousa de bom?" E o peor é que tão ligado está o nosso pensamento á sua vocação de servir, que a gente não o vê sem que venha o espanto de não estarmos a solicitar a sua benevolencia. Mas, o curioso é que elle advinha o que pensamos, e antes de o pedirmos já elle vae dizendo que sim, ainda que não saiba o que é, e nós mesmos não tenhamos ainda pensaço o que ha de ser.

Elle fica encantado quando um amigo do peito o importuna. Mas, para os indifferentes, o seu espirito malleavel baixa logo a pressão ou a eleva, de modo a restabelecer sempre o equilibrio de intelligencia, identico ao do seu interlocutor, que, assim, não percebe nunca a superioridade delle, na demonstração dessa hydraulica social de finissima delicadeza.

Elle é bondoso e igual para todos, como um de nós é... brasileiro. E' sem querer. Mas elle é grandemente responsavel pela farta mèsse de beneficios prof'ssionaes que dispensa a todo o mundo, e disso quasi nos pede desculpa.

Emfim, só ha um homem que o pôde egualar em trato, em distincção, em discernimento, em visão psychologica da sua época em procedimento de rectidão, em serenidade... é Miguel Couto.

Por isso, a religião do "Miguelcontismo", que se desenvolve ha vinte e cinco annos para attingir, no dia de hoje, á apothose da entronisação, tem o sacramento no dogma do naturalismo da Amizade, que fez Diderot, referindo-se ao grande Van Loo — exclaimar a phase sacramental: "Moi, j'aime Michel..."

Este é o preito de solidariedade ao homem intimo, a quem todos nós votamos a grande consagração da estima. Até eu, que sou o antipathico irreverente, por temperamento, me presc de ser o mais moçesio dos innumerados fundadores dessa religião.

Ha vinte e cinco annos, tambem, ininterruptamente: "Moi, j'aime Michel..."

Francisco Eiras

espirito de uma minoria activa, apaixonada, fanatica, que, reflectindo o pensamento das gerações anteriores e falando como os mestres de 1813 ou 1870, aspira com energia restabelecer sua ascendencia sobre as massas desorientadas. A doutrina prussiana, sem alterar a essencia, faz apenas como a serpente que muda de pelle para não morrer: procura adaptar-se ás novas exigencias dos tempos modernos. No dia, pois, em que a politica nacionalista allemã apoderar-se do poder, a paz mundial será ainda uma vez ameaçada pela Allemanha cruenta, obstinada e recalcitrante. Assim sendo, o dever da civilização é combater, vencer e destruir essa philosophia que pretende idealizar a violencia, o odio, o desprêzo de todas as formas suaves e requintadas do espirito, continuando, no dominio das idéas, a guerra contra o *Alldeutschtum*, até que a Allemanha se convença de que, por maiores que sejam seus meritos e virtudes, não é verdade ser o

povo escolhido por Deus para dominar o mundo, modelando-o á sua imagem e semelhança, e que a unica grandeza humana é feita de liberdade, de sabedoria e de belleza, fóra deste conceito nada existindo de bom e perduravel. Sem esse acto de fé e de amor, enquanto não demolir seus falsos idolos, adoptando as idéas moraes de paz e de solidariedade, jámais poderão os máos europeus aspirar o respeito dos povos e obter a salvação.

Die Labung, die dein Leiden endet,
Beut nicht der Quell, aus dem es fliesset.
Das Heil wird nimmer dir gespendet,
Wenn jener Quell sich dir nicht schliesset.

Assim canta Parsifal, repellindo, entre sortilegios e evocações, a tentação diabolica de Kundry, redimida alfim pela piedade, e tambem deste modo é que se curará a Allemanha das mortaes ficções da *Kultur*.

Elysio de CARVALHO

A ARTE DE JEAN BARD

Foi uma formosa festa de arte o recital de declamação do Sr. Jean Bard, o applaudido professor do Conservatorio de Genebra e do Theatro Pitoeff, de Paris. Para dizer da sua admiravel interpretação, transcrevemos o discurso com que o Sr. Renato Almeida apresentou-o ao nosso publico:

Será sorprendente e forte a emoção que vos dará a arte do Sr. Jean Bard. Por ella, se transforma a poesia numa maravilha nova do seu estro creador. E a arte é uma suggestão permanente. A essencia é una. Multiplicam-se as impressões, variam as fórmás, succedem-se os momentos, os artistas passam, tudo transcorre no seu fluido interminavel, mas subsiste o espirito inquieto e insatisfeito e dessa ancia, desse desejo fremente e louco de uma vida mais intensa e mais perfeita, que transfigura a realidade — eis a arte perenne. Cada qual realiza á sua maneira o seu perpetuo sonho. E como a ascensão espiritual, finita para os ephemeros, é infinita na sua imaginação. o sentimento artistico é da essencia humana. Tudo que nos permittir esse momento de contemplação, em que a vida jorra mais abundante, e nos comunicar a esse fluido interminavel de força e de belleza, será arte. Qu'importam fórmás e modelos? Escolas e preconceitos? O homem domina a sua criação e não se escravisa a ella. O artista é o homem livre e universal

Vereis em breve como o Sr. Jean Bard transformará, pela sua emoção intensa, a poesia, e da palavra e do gesto vae surgir toda uma theoria de estatuas, de sons, de imagens, sorprendente e extranha. O interprete não tem leis. Elle as crea ao seu entender, ao toque da sua sensibilidade livre. O Sr. Jean Bard realiza uma arte inteiramente pessoal. Sonhou em dar á poesia uma representação", e, partindo do principio de que toda arte deve procurar o movimento, seja subjectivo, ou objectivo, a sua interpretação é plastica por excellencia. Não só a musica do verso, mas a sua imagem, o seu lado visivel, busca traduzir, para dahi revelar o motivo interior, que não se esconde, antes avulta translucido. "Todas as artes, escreveu o Sr. Jean Bard, numa lucida explicação, têm o movimento como base, mas esse movimento é apenas indicado e logo se neutraliza. O movimento é um producto de dois factores, o espaço e o tempo. As artes visuaes não desenvolvem senão o primeiro, as auditivas o segundo. A arte do gesto, que reúne os dois elementos, dá ao movimento a sua liberdade e faz obra de synthese.—E' a melodia plastica.

Deformação! Bem sinto o vosso temor. Mas elle é um preconceito, porque nenhum de vós poderá dizer até onde o artista é livre e até onde é conforme a natureza. O espectáculo das coisas é monstruoso, foge aos nossos olhos no seu "fieri" continuo e o movimento, bem o sabeis, deforma todos os objectos e as suas proprias dimensões — prova-o o sabio Einstein — variam na sua fuga interminavel. Portanto, o artista que movimenta, não se póde aperceber si os aspectos variaveis e multiplos seguem os canones da medida commum, procura e quer traduzir o mysterio da arte e não se detem nessa ardente indagação. Quando o Sr. Jean Bard recitar "La Pluie", de Verharen, por exemplo, sentireis o seu esforço para vos dar, aos vossos olhos, a imagem do que ouvem vossos ouvidos, e fundindo as duas impressões, vos suggerir a poesia na sua realidade. Não declama versos, vive nelles, busca a essencia e, porque é um creador, transforma-os pela sua esthesia.

Nem toda poesia poderá ser assim representada, diz uma objecção. Na poesia intima e subjectiva, na poesia lyrica, não haverá materia para a arte do Sr. Jean Bard. Sem desconhecer a necessidade objectiva da sua criação, que procura o dynamismo, tenho que a poesia interior não se abysma nessa interpretação e terieis commigo, ouvindo-o em Verlaine ou em Samain. Porque o Sr. Jean Bard, que é um sorprendente colorista, sabe tratá-la com singulares effeitos de claro-escuro, onde o accento intimo, as vozes do coração, vibram e repercutem mais intensas ainda, mais agudas e penetrantes.

Colorista disse e, por extranho que pareça, devô insistir. Na *Chanson de la vie quotidienne*, do Sr. Ronald de Carvalho vereis effeitos de luz maravilhosos, toques de sol, incidencias faiscantes, verdes, doirados, vermelhos, nesse epigramma admiravel a que o Sr. Jean Bard emprestou um raro fulgor. Procurando a essencia pela realidade, vivificando as imagens e movendo-as, o artista, que tenho a honra de vos apresentar, não dá apenas ao verso a plastica da sua expressão. No exemplo do epigramma do Sr. Ronald de Carvalho, sentireis em breve que toda a objectivação é intencional, não para apresentar a figura poetica, mas, independente della, para attingir ao motivo, para traduzir a emoção esthetica. Luz, movimento, desolação, perdura o contraste entre a "rua pobre e pequenina" no quadro maravilhoso da natureza, gerando a melancolia. E a melancolia é a suggestão que vos dará o Sr. Jean Bard. A plastica não trahe, confirma.

O mysterio é o motivo permanente da arte. Para que haja arte é preciso, bem o sabeis, que perdure o vago, onde o espirito transforma a realidade, gerando a emoção, que apreende o Universo e o sente integralmente. O material póde ser a propria arte e o interprete é um creador, sempre que procura livremente o seu sonho, a sua idéa, ou a sua fantasia, através da obra que traduz. Assim o Sr. Jean Bard. Não ha que indagar se exprime o verso tal como elle é — e isso que o saberá? — porque o interprete segundo o seu temperamento, dentro da sua vontade e do seu subjectivismo. Na arte procura a arte, transformando em imagens, em sons, em expressões, a emoção que lhe causou a obra revelada. O movimento, a fórmula, o gesto, são apenas elementos pelos quaes nos elevamos á contemplação, onde a arte se realiza pelo milagre do rythmo e o Universo se transfigura.

Ides ver e ouvir esse poderoso artista, cujo renome na Europa já é notavel, sendo louvado, e o que é muito mais, discutido e atacado. Tambem actor, tendo trabalho ao lado de Pitoeff, o Sr. Jean Bard percorreu a Europa com pequenos grupos de artistas, alcançando um exito extraordinario, o que o anima a tentar no anno proximo — e não lhe negareis o vosso apoio, a vinda até esta Capital com um desses magnificos conjuntos.

Não preciso continuar. Diante da maravilha da arte do Sr. Jean Bard e perante um auditorio tão illustre, a minha modesta apresentação é apenas uma alegria, a alegria de vos annunciar um grande artista, alegria de vos assegurar, Sr. Jean Bard, os applausos e o entusiasmo do nosso publico.

Renato ALMEIDA



Desenho de Zita Aita

CHRONICA DE MALAZARTE

II

Deu-se agora um facto muito importante na minha vida: fiz trinta anos. Que tenho eu com isso! dirá o leitor que sabe livros e se presa. Com efeito: não tenho nada. Eu é que tenho. Não basta? Malazarte sempre me repete: Intelectual, nunca te preocupes com o preceptuario dos leitores. São vaidades. Leitor que se presa é absolutamente desprezível.

Esta maneira de pensar de Malazarte me agrada, embora lembre Wilde — e eu não seja grande admirador das "Intenções". Para mim Wilde é artista eminentemente caduco. Peneirando bem só me ficaram o "De Profundis" e a balada. O resto envelhecerá. Já envelheceu. Não se lê tres vezes. — Cale-se! — Hei de falar. Não se lê tres vezes. Todo esse artificialismo sem dôr, aquella idolatria sem critica pela Grecia, o paradoxo á força, a colecção das suas personagens de estufa, etiquetadas como avencas raras... Wilde reeditou essa coisa curiosa, que ás vezes é moda, mas não é fonte: o dandismo artistico. Outros leões houve na historia das letras. Faceis exemplos. Camões, Gæthe, Nabuco. Ha distincção. Wilde transplantou o almofadismo para a região das letras; e si Byron e Musset foram leões entre a elegancia do tempo, leões foram tambem na poesia. Mas este leão derradeiro não é significado extensivo da palavra. Faz metáfora. Foram leões de lirismo pelos attributos que de leão animal trasladaram para o verso: potencia viril, tumultuaria belleza, generosidade. Ha generosidade nos leões? Foram leões na poesia, como Napoleão é *fondre* masculinizado, *le foudre* — exemplo invariavel de gramaticas francesas.

Abandono Wilde. Si continuo nesta parolagem associativa será não acabar mais. Ora eu ainda tenho assunto e penso que crónicas devem ter fim, embora se qualifique de crónico isso que nunca mais acaba, como por exemplo insultar modernistas. Eis aí crónica doença que a milhares de milénios perdura, com a mesma agitação e ararice. Para esta última não ha remedio. E' ingênita. Agitação no entanto é coisa que a velhos não fica bem. Uma certa calma prudencial, apesar de realmente não existir por dentro, pôde esconder essa agitação. Deve fazer-o. Sobre isso, com seu pacato e delicioso dizer, Baltazar Castiglioni deixou-nos boa advertencia no "Cortesão". Aos velhos a serenidade assenta, avisa o italiano, e aos moços é certo que leveza e jovialidade vão bem, como predicados de juventude que são.

Eu, por mim, preferi sempre a companhia dos moços. Aprendo nela muito mais. A velhice espeta no canavial da conversação o espantinho da experiencia. Afugenta. Ninguém aprende pela experiencia dos outros. Isto é certo. Doutra fôrma a Historia não seria um eterno repetir-se e os homens uma continuada lamentação. Que cabeça, examinando os actos passados dos membros que lhe obedeceram, não dirá: Si me fosse dado voltar para trás, agiria doutra maneira? Mas si toda a vida a experiente velhice andou a avisar essa cabeça que a estrada real perlustrada era notoriamente um descaminho!... Qual! a experiencia só de nós nos vem.

Ainda por cima os velhos nos apresentam o espantinho sob um aspecto didatico, unica maneira de fazer a experiencia para sempre aborrecida. Raro homem volta aos estudos de escola. Vergilio muito pouco é lido, por causa duma tempestade latina e umas "horrentia Martis arma" engolidos malbaristamente aos escolares 13 annos de nossa vida. Já li na escola!... Então a gente compra Macedo, Wilde, Fogazzaro e outros ineditos franceses.

Tenho um ginasio imaginario na cabeça em que os alunos estudam philosophia em Nietzsche, latim em Petronio, psicologia em Gerdely e Bourget. As tragedias que adopto são de Bataille, Ibsen, Maeterlinck e Sudermann. Ali se aprende o português em Guerra

Junqueiro, em Silvio Romero e na Revista da Lingua Portuguesa. Deste geito meus alunos se aborrecem de coisas pernesticas, de coisas inutilmente nebulosas e simbolicas, de maus versos, maus romances, e nunca mais quererão escrever mal o português. Mas é um ginasio apenas imaginario. Não tenho inclinação para director de consciencias, como se vê.

Pensas que isso me entristece? Ao contrario! Sou aluno. Inveterado aluno. Escolhi para me bacharelhar nas sciencias e nas letras as doudas prelecções dos moços. Adoro a mocidade! Principalmente a minha. Apeguei-me a ela. Agarrei-a com tais unhas que agora, creio, não me deixará nunca mais. Assim seja! Respeita-se a velhice... Porquê! Nada vejo de respeitavel nessa máquina que já não sofre e sentença. Eminentemente repleta de si e incapaz de errar. Admiro os erros e os que sofrem de seus proprios erros. Admiro a mocidade que erra e sofre. Eu canonizei a mocidade — essa martir dos entusiasmos.

Estou a afirmar todas estas verdades irritantes por uma razão capital para mim: fiz trinta anos. Considero esta idade importantissima. Comparam-na ao verão... Chama-na de outono... Que embrulho essa baldeação trimestral de estações! Não entendo dellas neste Brasil primaveral. E positivamente não quero saber si colheitas se fazem no verão ou no outono. Isto são metodizações europeas, que muito bem mostram o depauperamento muscular e espirital do velho mundo. D'ahi essa necessidade de metodizar os actos, propria de velhos e depauperados. A Europa é um sanatorio onde por meio de termas e hormone, artes e homens buscam se revigorar em vão. Ora, apesar de sete annos mais moço vivo a cantar como Whitman:

"I, now thirty-seven years old in perfect health..."

Em pletorica saúde, pois não! Graças vos sejam dadas, Higea, filha de Esculapio! Por tudo isso não gosto mais da Europa, que é sanatorio e tem 4 estações.

A idade não deve ter estações, nem trinta annos é outono ou verão. Isso de infancias, juventudes, idade adulta, velhice... prédicas de sanatorio! Ha sómente mocidade. Porção delias! Cada nova decada é uma. Primeira mocidade... Segunda mocidade... Isso me comove. Comove, porque uma era nova deserta para mim, nesta quarta mocidade em que Outubro me transporta. "Era nova" a muitos se antojara palinodia... Que palinodia essa! Não dei para neo-classico nem para arrependido. Vou para diante, apenas isso.

Dirão tambem que estou a falar de mim? Estou. Mas, embora já me aborrea o paradoxo, falar de mim é falar dos outros tambem. Mas creio que não sou lá muito são de espirito. Volto a afirmar essa verdade porque me lembro das palavras de Shestov: O homem são de espirito, inteligente ou imbecil, na realidade não fala de si, mas do que pôde ser necessario e util aos outros. Mas, pergunto eu, quem é são de espirito? Que coisa é util na Terra? A demais falar de si, falar dos outros... Tudo o mesmo. Nem nós, homens diferentes deste mundo, somos tão diferentes assim. A questão se limita a volumes de narizes e morais. Qual a diferença entre os homens? Um tem dois milímetros quadrados menos de nariz, outro maior cubagem na moral. Mas todos nós temos nariz e moral. E é por causa destes recipientes que quando digo Eu, o leitor entende tratar-se dele. Por causa de termos, sem excepção, moral e nariz, homens somos todos —

um universal, como aprendi a dizer nessa fantasia linda e inutil, posta por vocês no departamento das sciencias e por mim no departamento das malazartes, a Filosofia.

E' verdade que nas minhas crónicas se mede o tamanho de meu nariz. Mas não posso andar por aí medindo narizes de leitores. Seria indiscreto. Mostro o meu, aos 30 annos. O leitor que observe si é maior ou menor que o seu. Vá lá! Quanto? Dois milímetros? Pois sejam dois milímetros. Mas o leitor aprendeu por si, e por comparação, que é ainda a melhor maneira de pensar. Substituamos o verbo *pensar* por *experimentar*, que tambem é da primeira conjugação. Tantas coisas e tão contrárias se têm pensado, que não tenho mais nenhum gosto em conjugar o verbo. Ponho decidido: EXPERIMENTAR.

Talvez isto seja culpa do seculo, que pela sciencia experimental se conduz. Epstein lançou agora a Lirosophia, segundo elle, o *dernier bateau* abordado em plagas de humanidade, para substituir pensamento e experiencia. Mas eu ainda não me dou bem com a nova mézinha do sanatorio francês. Sou passadista — confesso, desde os tempos eruptivos do desvairismo. Ainda continuo no verbo experimentar e digo ao leitor: Mediste os dous narizes. Adquiriste experiencia e por ti mesmo a adquiriste. Pois que te faça bom proveito! E continuo a lembrar os meus 30 annos.

Entrei para a quarta mocidade! Um sem-número de imagens comovidas ronda no meu ser profundo. E' uma poracé maravilhosa na clareira da mata. São geruparis, caoporas e uiaras a bailar. Saltam anhangas das moitas, surgem maraguengas das fumaças odorantes da fogueira. Filtra-se a Lua através da folhagem, adensando nos troncos e nos festões dos cipoais architecturas invisas. Que Partenões de marmore e ardentes policromias! Que Santos Apolinarios do oiro e ultramarino! Oca rupestre onde sapateia o guau do passado, do presente e do futuro.. Vitorias, nobrezas, bondades e... Ambições immorredouras, orgulhos immorredouras, erros morituros e amores dum só dia... Tudo surge, dansa e volve e volta, numa fantastica orgia de entusiasmos. Eu treino. Ambições immorredouras me constroem! São elas que me fazem viver. Sufoam-me os orgulhos? Mas são elles que, emquanto a carne faz o seu officio e me traz melancolizado e desgostoso, como diria Frei Luis de Souza, me dão esse pincel que agora anda a pintar sorrisos nos meus proprios labios. Amores dum só dia? Como as rosas. Quem trocara os rosais de Paulicea por flores artificiais? A rosa seca. Outra nasce. "Improbe amor, quid non mortalia pectora cogis!" Os erros morituros me saúdam... A luta principia. Escorre sangue. Rubro agora. Negro adiante. Gritos. Cadaveres, num acervo de redes, poeiras e lagrimas. Morrem os erros. Mas que punição maior para este cesar enfatiado! O spectaculo vai recommear. Os erros, sei que renascerão! Alimpam-se da lama ensanguentada, curam-se das chagas, apagam o sulco das lagrimas; e novamente bellos, apraziveis, convidativos voltarão! E eu sei que voltarão! Oh!...

Meu Deus! sou a mais discutivel das tuas obras-primas!...

Qual! Tudo isso é mentira! fantasia! Sou crónista e escrevo coisa leves. O leitor risque essas linhas que falam de anhangas impossiveis e de reciaros errores. Tudo isso é dominio de lenda. Imaginações! Malazartismo!

Malazartismo? Belazarte me olha e me saúda. Ergue aquele chapuzinho duro de Carlito, que deu para usar. — Mario, um cigarro. — Perdoa Belazarte, ainda não te vira! Ele acende o cigarro. Atira-o fóra, distraído. Queima o dedo e fuma o pau do fosforo. Saúda outra vez. Sacode os ombros. Vai-se embora.

Penso: Belazarte nunca fuma... Porquê agora fumou?...

M a r i o de A N D R A D E

A EUGENIA E O PROBLEMA IMMIGRATORIO

A vida é uma conquista, como a civilização é uma violência. A civilização é o ambiente que a vida tece para viver.

E nem é outra coisa o que se aprende nas eglogas sabias de Virgílio. "Hactenus arvorum cultus, et sidera coeli": Cantando a agricultura, louvou a terra, porque a sementeira antecede a colheita e, antes daquella, está o custoso trabalho de preparação.

E' preciso predispor a terra, é indispensavel seu preparo para que, sob os banhos do sol, amadureçam as espigas. A terra ha de ser boa para que produza o bom trigo, "fractum centuplum", no dizer do sementeiro evangelico.

Na continua movimentação dos povos, os egypcios crearam o Egypto, cultivando-o, como os holandezes crearam a Hollanda. E' sempre assim. Os povos fundam seu paiz. A civilização é o dominio do homem sobre a natureza.

Por isso, parece um contrasenso a formação brasileira.

Ella desnorteia os mais doutos. E' extranha e paradoxal. Num paiz formidavel de riqueza e tamanho perde-se uma população. Tobias Barreto sentia essa disparidade e synthetizava-a num desolante sarcasmo:

"que gloria é essa de mostrar ao mundo em vez de grandes homens, grandes rios."

Emtanto, pôde-se affirmar que o passado garantirá o futuro. E os brasileiros cultivarão o Brasil como um "presente da Terra", na phrase admiravel de Ronald de Carvalho, assim como ha millenios, os egypcios cultivaram o Egypto, como um "presente de Nilo", na phrase conhecida de Herodoto.

Temos, desse modo, um problema em vista a realizar: fixarmos, de modo seguro, a politica nacional de povoamento, evitarmos a imigração absorvente e adoptarmos, como elemento colonizante, aquelle mais adequado e mais amoldavel que, sendo estrangeiro, torne-se gentio, que, sendo immigrado, torne-se nacional.

* *

O caracter especial da vida brasileira tem, como reflexo, o dominio integralizador da terra sobre o homem.

A civilização aqui é uma vencedora vencida.

Auxiliados pela nossa formação originaria possuímos a esperança fortissima de ter na America a primasia da unidade e sanidade racial, desmentindo a Le Bon e a outros sabios da cobra alheia.

Quem avança pelo sertão do Norte do Brasil, pelos seringais da Amazonia, pelas zonas cultivadas do Ceará e Bahia, tem a impressão que todos os habitantes são filhos da terra.

O meio transforma-os, dá-lhes feição unica, uniformiza-os.

Pelas bandas de S. Paulo, a mesma coisa. Percorrendo o interior do Estado, tive o prazer de verificar a perfeita nacionalização dos elementos estrangeiros. Aliás, na vida agricola, isso é communmente observado. Occorre-me o exemplo historico da formação das diversas colonias romanas.

Ha excepções. E com os avisados sabios da Grecia, precisamos ter medo das excepções. Ha raças que, pela sua conformação etiologica, não se deixam vencer. Nunca perdem o caracter proprio. E quando chegam a perder, transformam-se em elemento dispersivo e malsão.

Caracteriza-se, pois, o ponto de vista brasileiro: evitar raças fortes que nos façam fracos, raças que nos hão de levar para a morte ou para a escravidão. Assim, allemães de certas zonas do seu paiz, assim polacos, assim americanos. Para os arredores de Curitiba, como me coube observar, os calones polacos transportaram seus modos de vida, seus costumes, seus methodos de trabalho. Na cidade formosa do Paraná, ao sol dos tropicos, andam carros de rodas enormes, com grandes arcos, puxados por um cavallo e guiados por mulheres de trages de côr viva, como que houvesse um transporte mysterioso de scenarios nos bairros quietos de Varsovia. Os americanos do norte nas diversas cidades do Estado de S. Paulo, não só conservam suas tradições como até o regimen legal do seu paiz. Os

allemães do sul, quasi todos, são desse mesmo quilate. Numa das ruas de Blumenau foi exposto numa "vitrine" um retrato de Floriano Peixoto. Mostrando-o, dizia um pequeno a outro: — "Olha o retrato do Kaiser."

Os japonezes não se misturam com os nacionais. São uma força ethnica insulada. Constituem-se em grupos isolados nas colonias das fazendas e nas cidades, geralmente, tomam conta de um bairro...

Lembram todos estes exemplos a figura symbolica de Lentz que o admiravel estylo de Graça Aranha pintou em "Chanaan": — o colono conquistador e autoritario, o immigrante que traz consigo a arrogancia perigosa da supremacia de sua raça.

O problema eugenico da imigração tem, pois, essa feição magna: — O typo racial, forte, o heróe de Gobineau, é desintegrador e anarchico entre nós. Se mantém a sua força ethnica é elemento intransigente de conquista, se confunde e se mistura com os naturaes da terra, degeneram, retrogradam, tornam-se o typo classico do mestiço ignaro e parvo, o indolente dos grandes centros, o inutil das zonas rurais. Grande numero de ladrões que infestam nossas cidades, uma significante porcentagem dos alcoolicos, de amoraes, idiotas, enfim, perfeitos degenerados, trazem consigo, como factor determinante de seu estado, o elemento racial.

Observe-se, por exemplo, a prostituição. Ella é formada, em sua grande maioria, de elementos raciaes que se não misturam ou da mestiçagem destrembellhada. Isso apparece como uma decorrença fatal, obedecendo a uma ordem logica. Individuos de organização physica especial, inadaptavel ao meio, ou torna-se superior a elle, e nesse caso o domina; ou torna-se-lhe inferior, e então se degenera. Não podendo aceitar o trabalho do campo, como operario, torna-se o factor das greves, o perturbador contumaz da vida agraria. Na cidade dá-se o mesmo:—ou domina, tornando-se proprietario, commerciante ou industrial; ou perverte-se, tornando-se criminoso e viciado.

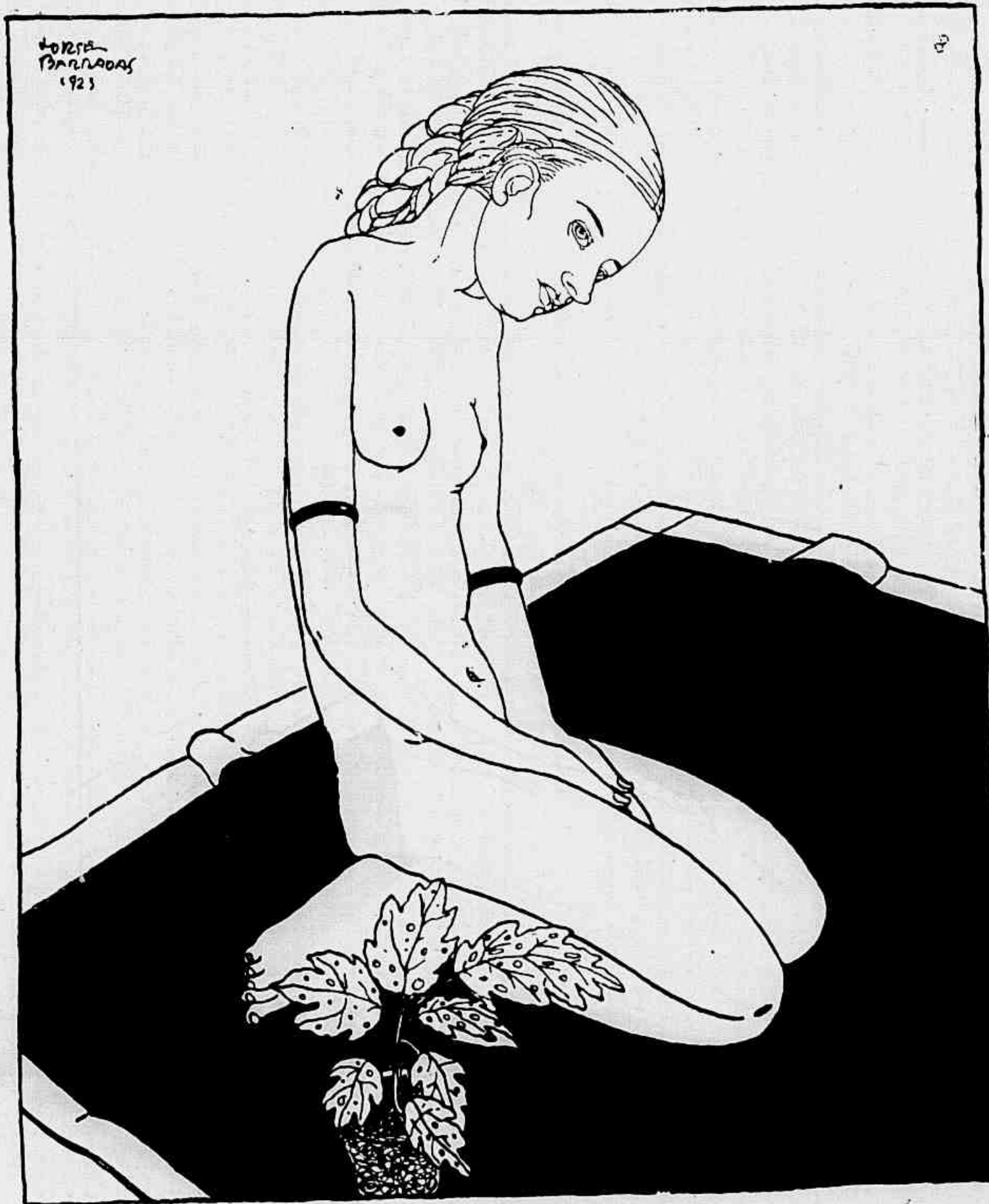
Nos estudos das raças no ultimo seculo, nasceu, naturalmente, muito exaggero e muita confusão de valores. Das experiencias fel-

tas pelo padre Mendel, Brown Secquard e outros, das theorias das gemulas de Darwin, das plastides de Le Dandec, das moneras de Hæckel, das theorias de Roux e Devrie, das theorias complicadas de hereditariedade e dos caracteres adquiridos, resultou por erros de methodo e de interpretação, na exaltação que muitos autores falam, de "um romantico materialismo", um pavor allucinado pelos mestiços. O dogma da "raça pura" nos dytirambos de Nietzsche, na elevação do lyrismo sonoro de Ricardo Wagner, constituiu época. A sciencia poetisava... O mestiço era o estigmatizado pelos criminalistas, era o ser impulsivo e ciumento, rebelde e nomade. Le Bon, imbuido dessas idéas, vaticinou, por isso, a desgraça americana e a morte do Brasil.

Evidenciou-se esse desarrazoado ultimamente.

O mestiço é degenerado physico e moral, cultiva as eclosões criminosas quando, dentro de si, ha o antagonismo ancestral, ha a diversidade somatica, a briga violenta de sangue. Estudando-se bem o assumpto, verifica-se que existe:— 1º, o mestiço com tendencias para o aperfeiçoamento. E, o mestiço com tendencia para a degeneração. A Historia ensina que a população do Brasil foi formada e constituida pelo typo primeiro.

O cruzamento das raças, dispostas pelo paiz a dentro, conforme a importação successiva de, em seus periodos distinctos, uma combinação antropologica que tem garantido, até hoje, a unidade estratificada da nacionalidade. Dado o tamanho desmedido do paiz, com meios diversos, surgiram typos diversos, taes como o sertanejo, o matuto e o gaúcho, os praieros do littoral. Mas, todos esses typos tiveram em quasi sua totalidade, como sedimento originario, como fonte unica, o elemento portuguez, sadio e forte, de afidalgada e nobre estirpe. O elemento aborigem, devido á sua organização anthro-psychoologica, não podendo aguentar a força da raça civilizadora, foi facilmente vencida. A raça negra chamada como uma necessidade para vencer as agruras sertanejas e a manutenção dos latifundios rendosos, não constituiu, como sustentam muitos, um entrave formidavel ao desenvolvimento brasileiro. Em Frei Vicente



Desenho de Jorge Barradas

Salvador e Pedro de Taques, verifica-se o caminhar heroico das bandeiras, semeando a raça de um modo original e sadio, furtando-se, por um natural instinto de conservação, do abastardamento que lhe surgia. Claro está a existência da bastardia, como excepção. Num paiz, cuja população iniciante era feita e dirigida por immigrados, aventureiros livres das leis de sua patria de origem, com uma organização exitante, era evidente a expansões sexuaes e mesmo certa desordem moral. Esse phenomeno emtanto, constituindo uma excepção, é admiravel.

Além disso, como se pôde concluir dos abalizados estudos do Dr. Nina Rodrigues, o elemento negro, não pôde ser encarado de conjuncto, como elemento retrogrado e venenoso. Como explicar a epopéa de Palmares, a "Troya negra", no dizer de Oliveira Martins? Como explicar a influencia benéfica e decisiva de certos mestiços, oriundos da raça negra, na politica e na arte brasileira?

Finalmente, organizada e livre a administração politica do paiz, constituiu-se a immigração collectiva de diversas correntes de povos europeus, principalmente para as zonas praieiras do sul.

No amago do sertão ficou o cerne da raça garantindo o seu predomínio, em reflexos positivos pelo littoral. Perdura na zona rural, o tipo fixo do sertanejo, "senhor do "inferno verde", do matuto, senhor das culturas café-eirãs, e o gaúcho, senhor dos pampas rio-grandenses; typos esses, que de cumplicidade com a terra, com o apoio incondicional do deserto, das matias serradas, das infindaveis savanas, servem de amurada para defesa da nacionalidade. De feição visceralmente conservadora e renitente, são elles a fonte perene da seiva brasileira, contrapondo á fraqueza dos habitantes praieiros, atacados de rijo pela expansão immigradora.

Os elementos mestiços retrogrados que possuímos hoje, não constituem uma sequencia da formação historica. Elles surgem mais da descuidada politica immigratoria destes ultimos tempos, ao sabor de certos exploradores inconscientes...

A diversidade dos componentes ethnicos, o cruzamento de forças antagonicas, é cultivado, dando campo á degeneração. Ora, portanto, ao nosso meio, e contraria aos nossos interesses; ora, o avultado numero de elementos corrosivos, productos cansados e exhaustos das velhas civilizações, typos estranhos, cultivados na "mala vida", "scapatos di galera", os maganões da politica de alfurja, os "sem era nem beira", os "que nada têm a perder"... Essas immigrações então, tornam-se um peso sobre a Sociedade, uma carga de preocupações terríveis sobre a collectividade, um verdadeiro "stock" deleterio de uma população.

No Estado de S. Paulo, onde o serviço de immigração está melhor organizado, verifica-se a adaptação de certas raças, que, favorecendo o serviço da lavoura, normalizando, aos poucos, a crise do braço, integram-se com o elemento nacional, tornando-se um todo uniforme.

Ponham-se de lado os preconceitos e olhe-se o problema de frente. Não precisamos sonhar com os ideaes eugenicos de Galton, com os divinos melhoramentos da especie. Precisamos ajudar o evoluer eugenico da raça na medida da realidade para a garantia do futuro da nação.

E, para tal coisa, é preciso que os estadistas saibam que governar é povoar bem; é fazer guerra violenta aos que olham o Brasil com olhos de cubica ou como um grande estuario dos refugos esbandalhados que vivem a estorvar as civilizações.

Gandido Motta FILHO

GRAMMATICA

A grammatica é, como essas colleções de plantas colladas em albuns, que existem, pelo menos assim me disseram, nas secções de botanica dos museus.

A syntaxe e a grammatica são perfeitamente inúteis. Primeiro nasceu a lingua e depois o cavalheiro calvo que, escondido atraz de um par de olhos, catalogou a lingua e fundou a grammatica. Condemnar uma phrase, porque Bernardes ou Vieira não a teriam escripto, é condemnar as evoluções da lingua.

A lingua e a grammatica variam em funcção do individuo. Duas pessoas que vivem juntas cream uma lingua differente da dos seus patricios. Do convívio de um grupo de amigos nascem expressões oriundas de factos que elles presenciaram, de pilherias que disseram, etc.

A lingua não varia só de um paiz para outro, mas de individuo a individuo. Dahi o facto de certos homens empregarem certas palavras em sentido differente do commun. Dois homens que não se conhecem e são apresentados, nos primeiros minutos sentem uma certa difficuldade em se entenderem. Não dão o mesmo valor ás mesmas palavras e não empregam o mesmo vocabulario.

Os antigos já conheciam essa verdade. Cada escriptor impunha ao leitor seu vocabulario, sua phrase, seu "estyllo".

Ora, o estylo é a época. Os modernos, scientes dessa verdade, ampliaram a noção do estylo. Fizeram mais: transformaram a grammatica. Os mais corajosos supprimiram-na, francamente, como um impecilho inútil, em beneficio da sinceridade.

A phrase moderna, desarticulada, maleavel, salta por cima das barreiras da syntaxe. A pontuação tinha tomado ares de dogma irrefutavel. Perante tal impertinencia alguns modernos supprimiram-na! O leitor colloca-a mentalmente, como entende.

A pureza da lingua é hoje uma cousa impossivel. Outr'ora, nos bons tempos em que o homem sabia no maximo duas linguas, a sua e o latim, era possivel zelar pelo vernaculo. Hoje, que os jornaes e os livros de qualquer paiz são lidos em toda a parte, neste seculo admiravel em que os povos parece que se acotovelam, é impossivel ao homem culto não deixar transparecer no seu falar a influencia da lingua de seus irmãos. Tenho certeza de que o progresso corrente do intercambio entre os povos levar-nos-á á adopção de uma só lingua para todos os homens.

Essa lingua nunca será o Esperanto. A formação de uma lingua obedece a milhares de phenomenos complexos que desconhecia talvez o idealista polyglotta, sentado atraz de uma pilha de dictionarios sonhando com o idioma universal. Uma lingua não se impõe aos povos, como o vicio util de tomar café.

Quando a humanidade falar uma só lingua, com pequenas variações de pronuncia e vocabulario, então o portuguez, o francez, o inglez, tomarão o logar dos dialectos de hoje. Em casa pôde ser que os meninos de amanhã falem a lingua materna, mas nas escolas de então só se ensinará a lingua universal.

Em São Paulo, a lingua esquisita que fala a colonia italiana, mistura de italiano e de brasileiro, está tomando aspecto de verdadeiro idioma. Possui até seu poeta: Juó Bananère.

A linguistica é uma sciencia incompleta, uma blague, nascida do orgulho humano de querer explicar e determinar tudo, quando não podemos conhecer a verdade por falta de elementos.

Hoje o dever de todo homem civilizado é corromper o mais que puder a lingua materna. Essa corrupção voluntaria virá apoiar o desenvolvimento da lingua creança, será uma especie de gymnastica sueca.

Rubens MORAES

(Do Domingo dos seculos, no prelo.)

A ALEGRIA ESPANHOLA

Choramos muito, dizem muitas pessoas que só riem no theatro ou no cinema. A lamentação é esteril: é dos individuos e dos povos decrepitos. Se queremos nos regenerar, devemos voltar á antiga alegria hespanhola.

A alegria hespanhola? mas qual? Não é por certo a dos guerreiros da Reconquista, famintos, descalços, arrastados á luta em rebanhos, para satisfazer aos nobres e aos monges; nem a dos Mouriscos e dos Judeus, expulsos ou queimados em massa; nem a dos tempos de Torquemada, nem a do reinado de Carlos Quinto, perseguidor das municipalidades e enchendo o paiz de estrangeiros famintos; nem a Hespanha de Philippe II, o Rei sombrio sob quem a nação inteira se vestio de luto; e ainda menos a dos seculos em que tudo foi guerra e miseria e durante os quaes as lamentações dos povos foram tão grandes, quanto a frivolidade dos cortezaes. Então, qual é a alegria hespanhola? a do povo do monarcha enfeitado e dos autos de fé? a que acompanhou a queda do imperio da America ou a do tempo dos guerrilheiros e dos cabecilhas? por certo, quando se revê a historia do povo hespanhol, não se encontra em parte nenhuma essa famosa alegria.

Citam-se os nossos classicos. Desde Jorge Manrique até o fim da Renascença não encontramos nelles senão suspiros e lagrimas. Nosso theatro é lugubre e suas situações se resolvem sempre, não pela habilidade, mas pelo corte do aço. Os pais desconfiados, as senhoras hystericas, as aias impertinentes e os aventureiros galantes emprestam á nossa arte dramatica tintas sombrias que o escudeiro apenas se atreve a dissipar de quando em quando com as suas pilherias macabras. Cervantes poderá fazer rir as crianças e os ignorantes; mas elle faz suspirar aquelles que reflectem, pois na sua obra principal se encontram a saudade de um ideal sempre perseguido, jámais alcançado, a amargura da justiça sempre vendida e condemnada a brilhar perpetuamente entre a poeira e a lama.

Resta... a musa anonyma, a que reflecte o sentimento da massa, a que são do espirito do povo e que se conserva no seu seio doloroso. Onde está a alegria do Romancero? Vamos

Os costumes... E' outra cousa. Não ha festa em que não nos fallem em Purgatorio, nem grande alegria que não deva primeiro passar pela caixa de esportulas das pobres almas. Para contemplar o sol nos campos, é preciso antes vêr as Sete-Dores. E a distracção do hespanhol é a arena, a arena onde a fera enterra o chifre na barriga sangrenta do cavallo ou do combatente. Temos além disso as festas da polvora que lembram as lutas passadas e excitam-se os instinctos guerreiros. Afóra isso, só restam os cantos *Mudejores*, que parecem lamentação de queixas e cujas palavras evocam a imagem da mãe morta ou do amor impossivel. A alegria meridional é assim: um phantasma que se esvaece no fumo dos altares e nos perfumes das lorangeiras.

Em quasi todas as festas, alguma cousa rutila ao sol: a *navaja*, a *navaja* tremente e covarde que golpeia sem perigo entre um coxicho amoroso e a cadencia de um estribilho dedicado á Virgem; a *navaja* que leva gravado o nosso grito de alegria: *olé!* como se todas as nossas venturas, todas as nossas alegrias desvessem, para ser hespanhões, se tingirem de sangue.

A alegria hespanhola encontra a sua justa interpretação nos quadros de pesadelo de Ignacio Zuloaga e dos Irmãos Zubiaurre. Tal é o segredo do seu successo.

Ella é bella a alegria, a alegria sadia, a que nasce da tranquillidade da consciencia e da altivez do coração. Por isso é possivel se fallar em alegrias nacionaes nos povos que quebraram o jugo do erro, o peso da tyrannia, os ferros da barbaria. Mas vir fallar-nos da alegria hespanhola tradicional, é esquecer aquillo que fomos e o que somos, repetir um lugar commun desacreditado e não ouvir o gemido da cantora sob o estalar das castanholas.

Antonio ZOZAIA

O GOLPE DE PRIMO DE RIVERA

É indiscutível que, na transição violenta que sacode a Europa, ha uma tendencia clara para a dictadura, ou porque as velhas formas constitucionaes não podem mais moldar as irremessiveis contingencias modernas, ou porque degenerou a sua politica, a ponto de exigir forcas mais imperiosas no exercicio do poder. A dictadura do proletariado, na Russia; a dictadura empolgante de Mussolini e, agora, a dictadura militar de Primo de Rivera, para não falar em outros paizes onde se mascara ainda sob o ritual antigo, são exemplos incisivos e que devem fazer pensar aos sociologos e publicistas, que não encontraram ainda a explicação da hora presente.

O golpe de estado da Hespanha, levado a cabo pelo General Primo de Rivera, na noite de 12 de Setembro findo, teve como motivo a campanha de Marrocos e sua manifestação foi a rebelião das tropas, deixando de cumprir as ordens do governo de Alhucenas, e não partindo para Mellila. É conhecida a entrevista do General Rivera com o então Ministro da Guerra, General Aizpuru, em que este demittiu o chefe insubordinado e teve como resposta que o demittido era elle... Colocado em choque o gabinete, o seu chefe pediu ao Rei a repressão immediata do movimento, mas o soberano, prudentemente disse que ia pensar no caso, ao que respondeu Alhucenas com a demissão collectiva, logo aceita. Chamado Rivera, este, ao invés de organizar gabinete e como Mussolini manter intacta a vida constitucional do paiz, preferiu assumir a dictadura, sob a forma de um directorio militar que preside e de que fazem parte mais oito generaes — Berenguer, Sansurgo, Muñoz Cobos, Saró, Cavalcanti, Dabon; Lossana e o Duque de Tetuan. Prestigiado pelo Rei, que aceitou esse colapso na vida nacional, Primo de Rivera declarou que só deseja preparar o paiz, sacrificado pela politica, para entregal-o de novo ao governo civil. E nessa proclamação explicou ao povo e ao exercito as suas intenções:

Espanoles: Ha llegado para nosotros el momento más temido que esperado.

Hubiéramos querido vivir en la legalidad y que ella rigiera la vida española; recoger ansias para atender el clamoroso requerimiento de cuantos, amando la patria, no ven para ella otra salvación que libertarla de los profesionales de la politica y de los hombres que por una o otra razón nos ofrecen el cuadro de las desdichas e immoralidades que empezaron el año 1898 y amenazan España un próximo fin trágico y deshonoroso.

La tupida red politica de concupiscencias, tomó en sus mallas, secuestrándola, hasta la voluntad real. Con frecuencia repitieron la conocida frase: "Qui gobiernen los que no dejan gobernar", aludiendo a nosotros, que hemos sido su unico aunque debil freno y hemos procurado que las leyes y costumbres de la época tuviesen una ética sana y un tenue tinte de moral y equidad; pero en realidad se avienen contentos al turno y al reparto y se designan luego sucesores.

Pues bien: ahora vamos a recabar todas las responsabilidades y a gobernar nosotros con os hombres civiles que representen nuestra moral y nuestra doctrina. Basta de rebeldias mansas, que sin poner remedio a nada, dañan más la disciplina que esta actitud recia y viril a que nos lanza el amor por España y por su rey.

Este movimiento es de hombres. Viva España! Vivi el rey!

No tememos justificar nuestro acto, que el pueblo sano lo demanda y que lo imponen los asesinatos de prelados, ex gobernadores, agentes de la autoridad, patrones, capataces y obreros; los audaces atracos impunes; la depreciación de la moneda; la francachela de millones, gastos reservados; la sospechosa politica arancelaria y porque con rastreas intrigas politicas, se ha tomado como un pretexto la tragedia de Marruecos.

La incertidumbre ante este gravísimo problema nacional, provoca la indisciplina social y hace que el trabajo sea ineficaz y nulo y precaria y ruínosa la producción agricola e industrial. Por otra parte, la propaganda comunista impone la impiedad y la

incultura. La justicia se halla influida por la politica y se hace cada vez más descarada la propaganda separatista, con sus pasiones tendenciosas.

No venimos a llorar lastimas y miserias, sino a ponerles un pronto y radical remedio. Requerimos el concurso de todos los buenos ciudadanos para ello, en virtud de la confianza y del mandato que en mi han depositado.

Se constituirá en Madrid un directorio con un inspector militar con carácter provisional, encargado de mantener el orden publico y asegurar el funcionamiento normal de los ministerios y de los oficiales, pidiendo que el pais nos ofrezca hombres rectos, sabios, laboriosos y probos que puedan constituir un ministerio bajo nuestro amparo, pero en plena dignidad y con la facultad de ofrecerlos al rey si se digna aceptarlos.

Queremos servir a España. Somos el somatén de la legendaria y honrosa tradición española. Traemos por lema: "Paz, paz, paz!"; pero una paz fundada en un saludable rigor y justo castigo en el interior y sin claudicaciones, ni impunidades. Queremos el somatén de la reserva, hermano del ejercito para todo, inclusive para la defensa y la independencia de la patria si corriera peligro. Pero queremos más que los hombres de bien nos fortalezcan con su adhesión. Tardaran sólo horas para que salga el decreto de la organización del gran somatén nacional.

Nos proponemos evitar el derramamiento de sangre, aunque lógicamente no habra

nadie, si se siente en realidad el patriotismo, que se nos ponga en contra.

Anunciamos que tenemos fé en el ideal, y que no nos llevará animosidad contra nadie, ni emplearemos más rigor del que exijan las circunstancias contra quienes nos combatan.

Queremos vivir en paz con todos los pueblos y merecer para el Español, hoy, consideración y respeto, y mañana, admiración por su cultura y sus virtudes. No somos imperialistas ni estamos obcecados por un terco empeño.

Respecto a Marruecos, el ejercito ha vindicado ya su honor, con su conducta valerosa, y continúa diariamente manteniendo en alto su prestigio. Le buscaremos a este problema una solución pronta, digna y sensata.

Por lo que se refiere á las responsabilidades, estamos convencidos de que el pais no desea estar hablando continuamente de ellas, sino que quiere exigir las con rapidez, y con estricta justicia, y de ello nos encargaremos nosotros, confiando el asunto a tribunales desapasionados y de alta autoridad moral, dandoles un plazo determinado para que se expidan.

A cuantos merecieren la sanción pública del repudio por sus ambiciones, se la aplicamos nosotros con el apartamiento total y los condenamos, aún reconociendo que algunos fueron bien intencionados, pero débiles para purificar y dignificar el medio en que han vivido.



O capitão-general Primo de Rivera, emulo de Mussolini e de Mustapha Kemal



O directorio militar espanhol

Nosotros, queremos, por considerar que ese es nuestro deber, que ante toda denuncia de prevaricación, de cohecho e immoralidad debidamente fundamentada, se abra un proceso, para se castigar implacablemente a aquellos que delinquieron contra la patria corrompiéndola y deshonorándola.

"Garantizamos absoluta reserva para toda clase de denuncias, aunque sean contra los de nuestra profesión y casta, y aunque sea contra nosotros mismos. Hay acusaciones que honran.

"Queda abierto el proceso contra Santiago Alba, porque lo denuncia unánime el voto del país, y queda procesado también el jefe del gobierno por haber sucumbido a su influencia funesta, ya que no puede excusarlo la carencia de energía y carácter para apartarlo del gobierno.

Nuestra labor será pronto conocida por el país, y a su fallo y el de la historia nos sometemos. Nuestra conciencia está tranquila, porque son leales nuestras intenciones y nuestros propósitos.

PARTE DISPOSITIVA

Al declarar-se cada región en estado de guerra, el capitán general o el que haga sus veces destituirá a todos los gobernadores civiles y encomendará sus funciones a los gobernadores y a los comandantes militares.

Se incautará de todos las oficinas centrales de comunicaciones, y no permitirán, aparte de los despachos familiares y comerciales, los de ninguna otra autoridad que no sirva lealmente al nuevo régimen.

De todas las novedades importantes que vayan ocurriendo darán conocimiento rápidamente, para subsanar las dificultades que se presentaran.

Se ocuparán los sitios más indicados, tales como los centros de carácter comunista y revolucionarios, las estaciones, las cárceles, los bancos centrales, las empresas de iluminación, los depósitos de agua, etcétera, y se procederá a la detención de los elementos sospechosos y de mala conducta.

En todo lo demás se procurará dar sensación de vida normal y tranquila.

Mientras el orden no esté asegurado por el régimen naciente y triunfante, serán de su preferente atención los militares de todos los grados, los planes de los servicios de organización y la vigilancia del orden pública, debiéndose suspender toda instrucción o acto que entorpezca su fin y sin que ello signifique entregar las tropas a la molición ni abandonar la misión profesional.

Por encima de toda advertencia están las medidas que el patriotismo, la inteligencia y el entusiasmo por la causa sugiera a cada uno en momentos que no son de vacilar, sino de jugarse el todo por el todo, es decir, dar la vida por la patria.

Unas palabras más solamente. No hemos conspirado; hemos recogido a plena luz el ambiente y el ansia popular. Hemos dado algo de organización para encauzarla a un fin patriótico, exento completamente de ambiciones.

Creemos que nadie se atreverá con nosotros, y por eso hemos omitido solicitar uno a uno el concurso de nuestros compañeros subordinados en esta noble empresa, y hemos asociado en primer lugar al pueblo trabajador honrado en todas sus clases con el ejército y nuestra gloriosa marina, aun

en sus más modestas categorías a los que no habíamos de haber consultado previamente sin relajar los lazos y la disciplina, porque es bien conocida su fidelidad al mando y su sensibilidad a los anhelos patrióticos que nos aseguran su valioso y eficaz concurso.

Estamos representados por la verdadera disciplina, es decir, la debida a nuestro dogma: el amor a la patria, y así lo hemos de practicar y exigir, no olvidando que como no nos estimula la ambición, sino por el contrario, el espíritu de sacrificio, tenemos la máxima autoridad. Y ahora, nuevamente: ¡ Viva España! ¡ Viva el rey!

Recibid todos el cordial saludo de un viejo soldado que os pide disciplina y unión fraternal, recordándoos los días que compartió con vosotros su vida de militar en paz y en guerra, y pide al pueblo español su confianza en nombre de los desvelos dedicados a la gloria de la patria. — (Firmado): Miguel Primo de Rivera, capitán general.

Como recebeu o povo essa transformação? Para explicar-o seria preciso fazer um quadro fiel de Hespanha, descrever as suas dificuldades, o problema de Marrocos, o separatismo da Catalunha, os excessos partidários, a desorganização política, cousas de que já tivemos, aliás, ensejo de fallar nesta revista, mas não podemos agora nos deter nesses assumptos. O certo é que parece ter sido de espanto e expectativa a attitude da nação. Naturalmente cada grupo busca primeiro sentir esse estranho governo e vê o partido que lhe será possível tirar da transformação operada. Ninguém sabe ao certo o que fazer e talvez nem o próprio General Rivera, como se verá desta sua declaração:

"O nosso programma consiste em trabalhar muitas horas para não termos de renovar uma letra aceite a noventa dias de vista. O directorio é constituído por nove homens de boa vontade, que se dispõem a trabalhar dez horas por dia, durante tres mezes. Se depois de cada um de nós ter trabalhado essas novecentas horas, virmos que conseguimos renovar a vida publica hespanhola, aconselharemos o regresso á normalidade, a não ser que o povo signifique o seu desejo de nos ter á frente dos negocios publicos."

Sabem que é preciso renovar, sentem a necessidade premente que os levou á revolução, mas parecem que ainda apalpm o terreno e procedem a verificação inicial. Dahi o silencio dos proprios jornaes, obrigando o General Primo de Rivera a procural-os, afim de não perder o contacto com a opinião publica, de resto enigmatica e talvez desconfiada. Os politicos, duramente accusados, levantam o seu protesto e o do Conde de Romanones já tivemos ensejo de lêr, transcripto num dos nossos matutinos.

Ha um gesto do Directorio, ou, mais propriamente, do General Rivera que merece especial destaque. Foi a nomeação do General Aizpuru, Ministro da Guerra do Gabinete Alhucenas e perante quem Rivera se insubordinou, para alto commissario em Marrocos, como justiça ás suas altas qualidades de militar, reveladas nessa mesma campanha de Marrocos, onde se distingue desde o seu inicio em 1909. Não precisamos insistir na organização militar nacional, á guisa de fascismo, e que será o "somatens", pois delle trata a proclamação acima, esperando Rivera que, quando estiver organizado, "será muito difficil que a má semente volte a apparecer na terra hespanhola".

GUERRA JUNQUEIRO

O Poeta evolucionou. A crise não foi até erguer á luz da sua Consciencia os postulados implicados na sua interpretação da Vida.

Continuará a ser optimista, mas o seu optimismo será agora temperado e dirigido pelo criterio da evolução.

Esse criterio da evolução dá-lhe, apenas e por agora, um maior contacto, uma maior convivencia com toda a Natureza.

A Natureza (a Ana Tereza de Camilo) deixa de ser omnipotente em acto, para apenas o ser em virtualidade a realizar por um "incessante" esforço.

E, assim, tudo aspira e se eleva, e, assim, uma grande humildade nos vai unir com todo o esforço espalhado, em metafisicos pontos de ser, pelo infinito.

O deista fez-se panteista — o que já foi alguma coisa.

Deus passou duma abstracção vasia para um esforço emanente; a Natureza desdobrou-se, á Espinoza, em natureza naturada e naturante.

E' esse esforço criador, atração por um Ideal, que será a verdade, de que o pensamento cristão é o simbolo nos "Simples".

O Poeta dirá em nota final que continua cada vez mais irreductivel com o "catolicismo", mas nós bem o vemos a aceitar o "cristianismo" como uma grande verdade simbolica: está, portanto mais proximo a despeito dos seus proprios juizos.

"Os Simples" eis uma obra eterna.

O Junqueiro de "Os Simples" é o mesmo Junqueiro de eternidade, aumentado das novas luzes da doença e da morte.

Imortal em relação aos homens, porque será um livro lido e amado por eles, emquanto no planeta existir vida humana.

Eterno; porque, pela sua bondade comunicativa, pela sondagem até ao intimo de cada alma, até ao ponto onde começa o "outro mundo," ele atingiu a pura vida espiritual.

Quem veio esperar Junqueiro ao porto onde desembarcam as almas?

Por certo que a Virgem das "brancas ermidinhas" lhe mandou ao encontro os "Cavadores", a "Moleirinha", o "Ti Zé-Senhor" e em romaria de bengãos grandes bandos de "Pobresinhos"...

Sim; logo ao receber a noticia da sua Morte se me ofereceu a visão dum Junqueiro, de bordão e sacola, a dobrar, lá ao longe a ultima montanha de terra e vendo do "outro lado" o bando de pobresinhos que o esperam, cantando.

Junqueiro atinge aqui, "pelo favor dos humildes", um naturalismo transcendente.

Ele pelo pensamento intelectual é ainda um homem da Renascença; mas, pela simpatia humana e cosmica com que se une a todos os seres, recebe dos humildes o amor duma Natureza, purificada pela redenção cristã.

Aquelas romarias d'almas que visitam as ermidas são mais presenças espirituais que meras abstracções artisticas.

E até as estrelas vão pelo Ceu abrindo ao som da rude frauta de Pastor.

A Natureza é outra vez edenica, de amigo acordo com o homem, porque este homem é uma pura alma cristã.

O "Ti Zé-Senhor" liberto das "ilusões do mundo" é, no além, um anjo branco, ainda outra vez pastor.

Não deixaríamos "Os Simples" se tivessemos tempo e espaço; mas a eles voltaremos em artigo especial.

Conclusão: "Os Simples" é um livro eterno, não é melhor nem pior que os outros livros de eternidade.

E' a palavra humana saindo dum coração, que "contactou" Deus.

Eis porque Junqueiro não é o maior Poeta, porque o criterio de quantidade se não applica ao espirito, mas é um Poeta, na alta e completa significação da palavra.

Um Poeta como Eschylo, Dante, Shakespeare, Camões e todos que uma onda de amor divino subiu, por momentos, até á pura visão espiritual.

Os livros anteriores são como a escoria saída da fusão espiritualista da sua alma.

A escoria sobrenadou e, por isso, foi vista primeiro; mas o liquido já referendo na profundidade.

E já nos livros anteriores pelos intervalos das escorias a limpidez do liquido se tinha revelado.

Leonardo COIMBRA

F. 1

Todo o mundo sabe quem foi o professor Smith. Ainda se não passaram os sete dias regulamentares, desde que uma alma deixou este mundo e ninguém se esqueceu das ironias em letras maiúsculas que os jornais publicaram a seu respeito. Quem não via nas entrelinhas das notícias tudo quanto os cronistas pensavam e não escreviam?... etc... Mas é possível que algumas vezes alguém houvesse suscitado da verdade. "Eu... um canalha... um bandido... terminei mantido para salvar a minha reputação, já duvidosa, eu não teria escrúpulos em negar um facto de que fôra testemunha. Tudo isso é verdade. Mas hoje, venho livrar-me de um compromisso de honra que eu tomei commigo mesmo. Ninguém acreditará no que eu vou dizer. Passarei por um pateta tal qual o prof. Smith. Pouco importa. Mas ao menos ficarei livre deste pezo que ha não sei quanto tempo está sobre os meus hombros. Vou contar a miúdo toda a historia desde as suas origens. O professor Alberto Smith, um dos 350.000 Smiths de Inglaterra, velho empregado da Light, derrubou durante quarenta e sete annos prateleiras e prateleiras de livros sem perder tempo. Uma idéa fixa guardara-se no seu cerebro como uma gota de tinta num matta borrão. "Hei de chegar lá haja o que houver, custe o que custar", repetia elle centenas de vezes por dia. Conhecia as equações de Lorentz, sabia de cor e salteado as experiencias de J. J. Thomson e metter a cabeça na theoria do espaço-tempo de Ninkowski. Havia de sahir alguma cousa. Sahu. Depois de vinte annos de trabalho insano e de esforços aparentemente inuteis, uma idéa foi coroada de exito. Um dia um jornal da tarde estampava um retrato na primeira pagina e uma reportagem sensacional trazia titulos provocantes: *Novas revelações no mundo da sciencia* — Um novo Edison em terras Sul-Americanas — O sonho de Wells que se realiza.

No dia seguinte todos os matutinos estampavam o retrato do novo Edison, seguido de interessantes reportagens e entrevistas muitas das quaes authenticas. Além disso corrigiam o nome do autor (Smith e não Smyth como dissera o vespertino do "furo"). Um jornal celebre pelos seus elogios discretos e cujo secretario recommendava infallivelmente todas as noites aos redactores economia de adjectivos, chegara mesmo a dizer do novo invento: "que era uma descoberta assaz engenhosa, fructo de um ingente esforço que honra sobremaneira seu intelligente autor."

Nas "manchetes" dos jornaes, nos cantos dos cafés, nas portas das padarias e dos agougues, Smith era o assumpto do dia.

— Você leu o "Tempo" hoje?

— O Magalhães falou-me. "Descoberta assaz engenhosa...", "intelligente autor..." Fantastico!

Nas aulas de litteratura, quando as professoras declamavam com solemnidade "Diogenes, philosopho cynico...", "as meninas indagavam curiosas: "elle era mais intelligente que Smith?"

Emfim, Smith era um "caso": o "caso Smith".

Mas para fallar a verdade, o caso Smith devia dar razões a controversias. Nem os secretarios dos jornaes nem as possuidoras de autographos, nem as professoras do grupo escolar, nem o povo, sabiam de que se tratava o "caso".

No fundo, nós todos somos mais ou menos metaphysicos. Quando se perguntava a alguém porque considerava genial o invento de Smith esse "alguem", homem ou mulher respondia invariavelmente: "negal-o, seria procurar tapar o sol com uma peneira", na mesma inconsciencia com que uma criança responde na aula de catecismo:

— Sou christão, pela graça de Deus.

Mas Smith valia essa popularidade, infelizmente passageira. O povo, como já disse, detesta o "facto concreto". Quando appareceu o seu invento, quando todos ficaram certos de que não se tratava de uma nova geometria não enclidean e nem de uma nova theoria sobre o ether, a decepção, pode-se dizer, foi geral. Dizia-se ainda "descoberta

assaz engenhosa" na feliz expressão do "Tempo", mas a celebridade do autor decahia a olhos vistos. E, no entanto, quão aquiem do que elle acabava de descobrir não estavam todas as geometrias, não inclididas a todas as theorias sobre o ether! !

O primeiro appparelho para viajar no tempo só exploraria o futuro e por esse motivo Smith denominou-o F. 1. Estava em

UM PINTOR GAUCHO

Foi uma nota agradável a que nos deu a Galeria Jorge expondo duas paizagens do Sr. Libindo Ferrás, distincto pintor que dirige a Escola de Bellas Artes de Porto Alegre. São dous aspectos da natureza riograndense, feitos na estação invernal, com uma característica admiravel da natureza, differente da que estamos habituados a admirar. E' a terra gaucha dos immensos ermos, das campinas que a perspectiva alonga e dos verdes humidos, o que se vê com emoção nas duas telas sem modernismos affoutos, sem impetos e audacias, mas fixando dous trechos da terra dos pampas com a alma enamorada de artista, com honestidade e sentimento. Afastado dos grandes centros ha seguramente vinte annos, sem influencia que dê melhor ou peor feição á sua arte, o Sr. Libindo Ferrás tem no seio da natureza sentido melhor o seu encantamento, interpretando-a com beleza e sem pieguismos, antes com desembaraço e fulgor. E' disso são provas *Manhã de Nevoas* e *Depois do aguaceiro*. Neste a natureza é languida e de amanhecendo alegria no ar calmo. No primeiro plano uma elevação petrea, verdejante de limo que o aguaceiro humedeceu e avelludou, depois as arvores frescas, cheios de volume e naturalidade, nos planos seguintes estendendo-se a campina rasa e enorme, até os montes azulados lá longe. Uma clariidade suave, pronunciando o dia que vai ser limpo, banha os descampados verdes. E' um quadro feito com muita naturalidade e sentimento das coisas. Ha nella largueza, perspectiva technica desenvolta e modesta, boa distribuição de valores. E acima de tudo uma sadia belleza campezina e uma característica local digna de relevo. No outro quadro, *Manhã de brumas*, admiram-se as mesmas qualidades picturaes, sendo outra a emoção da natureza, que é mais fria, de verdura humida e enevoados céos de luz baça. No primeiro plano pedregos, vendo-se á esquerda uma estrada que desaparece numa curva breve e á direita o vão de um riacho que passa. Depois um arvoredó que se afunila para o horizonte, sob a massa da nevoa que envolve o ambiente, sob o céu plumbeo e carregado. Ha nesse quadro trechos encantadores, pedaços feitos com maestria pictorica, como por exemplo as arvores cheias de graça e frescor, finas na folhagem verdoenga. A luminosidade diz bem com a expressão athmospherica e revela uma paleta costumada a todos os estados da natureza. A Galeria Jorge expondo *Manhã de brumas* e *Depois do aguaceiro*, mostrou ao Rio um novo aspecto da paizagem brasheira, ao mesmo tempo que o poz em contacto com o Sr. Libindo Ferrás, um artista consciencioso, modesto e de qualidades incontesteis.

R

construção na Inglaterra e devia demorar-se por lá uns tres mezes. O Governo brasileiro dera-lhe uma subvencão, os jornaes fizeram subscrições, etc.... De modo que isso tudo parecia cobrir o orçamento. Mas não cobriu. Smith resolveu pôr um annun-

cio nos jornaes. Isto mais ou menos: "faltando ainda precisamente 118:600\$ afim de que se complete a quantia necessaria para a projectada viagem ao anno 3.024, da Era Christã, o professor Smith acceta um passageiro para o acompanhar desde que disponha daquela quantia, tenha bons costumes e saude perfeita."

Mais uma decepção. A cidade leu o annuncio com um "Oh!" em que se misturavam em iguaes porções descontentamento, ironia, piedade e desconfiança. Smith desceira mais um degrau no conceito de todos. De todos, bem não, porque duas pessoas, ues commigo, se offereceram prontamente. Os outros eram, um senhor calvo, de olhos pequeninos, azues ou esverdeados, não me recordo bem, sem bigode nem cavaignac — antipathico; e um de cabellos negros, olhos inexpressivos, bigodes fartos e cavaignac, — sympathico.

Devo confessar que eu, de minha parte fiz verdadeiro sacrificio para auxiliar Smith, desde que soube ter sido o escolhido. Vendi as minhas acções do Banco do Brasil, dois terrenos em S. Paulo e a casa onde moro, quer dizer, pouco mais do que os 118:000\$ do annuncio — toda a minha fortuna.

Os preparativos para a viagem foram rapidos. Smith contractou um negro para gritar o nome das estações mais importantes. Por exemplo: 1928, 2714, etc.... O appparelho que nos conduzia a 3.024 era bastante simples. Smith complica-o mais, isto é, para lhe dar mais importancia aos olhos do povo munio-o de diversos mecanismos cujo unico papel era fazer barulho nas occasiões opportunas. Feito isso foi marcado o dia da viagem. Posso dizer que a cidade toda compareceu ao nosso embarque. Representantes do Governo, officiaes de destaque no Exército e na Armada, chefes da missão militar franceza, embaixadores estrangeiros...

Os mais curiosos eram sem duvida o homem de cavaignac e o homem calvo, que foram os primeiros a comparecer ao local. O embarque correu na maior harmonia, não faltando nem os discursos, nem os presentes, nem as flôres.

E' impossivel descrever a impressão da viagem até 3.024. Nada do que conhecemos neste mundo, se pode comparar, mesmo de longe, á sensação que eu experimentei. Não posso dizer que fosse má ou boa, foi simplesmente isto, differente de tudo quanto á nossa mente é dado imaginar. Smith contou-me então reservadamente que aquella era a decima sexta viagem que elle fazia ao futuro. As primeiras, feitas em appparelhos rudimentares, nunca sonharam chegar, é verdade, á época tão afastada. Em outra occasião eu rir-me-hia de semelhante affirmacão. Naquelle momento, porém, diante do que eu via, fui obrigado a acreditar.

André, o negro chamava-se André, gritava o nome das estações tão solemnemente como se fallasse para multidões. E não perdeu a linha nem quando nos vimos em uma avenida apinnada de homens e de andaimes, cercados como se fossemos animaes raros. Estavamos em 19 de Janeiro de 3.024 da era Christã. Os homens, na sua maioria andavam completamente nus. A quantidade de corpos que nos expremiam por todos os lados era invencivel. Homens e mulheres, crianças e velhos, nasciam em todos os cantos com uma rapidez difficil de se imaginar. Ensandwichado entre André e Smith eu mal continha o instincto de conservação que me berrava: não se mova!

Smith, porém, que já conseguira ficar livre da multidão embarafustando-se por dentro do primeiro edificio que encontrou, gritava precisamente o contrario: siga-me!

Segui-o, no que fui secundado pelo negro. Por felicidade tinhamos ido parar a um hotel. Não foi difficil a Smith entender com o porteiro em esperanto. Soubemos mais tarde que todos os paizes a não ser a Inglaterra e algumas ilhas da Oceania, haviam adoptado officialmente a lingua de Zamenhoff. Foi-nos indicado um dos ascensores composto de uma serie de apartamentos, bibliotheca, sala de leitura, "fumoír", etc. Dahi a um nada um empregado trouxe-nos tres baldes de oxygenio que nos foram applicados. Temendo alguma gaffe sujeitamo-nos prudentemente á operação. O ascensor deixou-nos no andar 812 onde um guia, avisado por telephones, conduziu-nos aos novos apartamentos sem dizer uma palavra e sem nos responder a nenhuma das perguntas que lhe fizemos.

A fadiga era enorme e resolvemos repousar da viagem. Mal, porém tivemos essa

idéa, chegam as primeiras visitas. Alguns homens cujas intenções não compreendemos imediatamente, vinham nos propor negócios. Suppunham-nos representantes de fabricas de tecidos — o vestuario era então, simplesmente, um distinctivo dos fabricantes de tecidos. Dissipado o primeiro engano vieram os jornalistas que queriam saber de onde vinhamos e a que vinhamos. Respondermos-lhe pacientemente contando a verdade, o que suscitou entre elles gargalhadas tempestuosas. A novidade de que não eramos agentes commerciaes de fabricas de tecidos aguçou ainda mais a curiosidade do povo. Desejava-se a todo o preço saber quem eramos. Os numeros especiaes dos jornaes e revistas diarias traziam a novidade sensacional e reproduziam o cartão de Smith:

O Governo resolveu então tomar elle proprio informações sobre o nosso objectivo, o nosso modo de encarar a vida, etc.... Foi organizada uma commissão, da qual fazia parte o sabio Pontapud, o homem do momento, celebre por ter inventado um aparelho complicadissimo destinado a lembrar de que se deve fechar a janella durante a chuva.

Pontapud logo que nos avistou perguntou num sorriso mal disfarçado:

- São os senhores que vieram de 1923?
- Precisamente, respondeu Smith.
- E' uma novidade para nós.

Até ha pouco tempo a existencia de uma época tão afastada ainda era discutidissima. Hoje sabemos afinal que não só a Terra já era habitada, como que as fabricas de tecidos não faltavam. Isso é simplesmente maravilhoso, senhores.

E ao mesmo tempo que dava gostosas palmadas nas coxas soltava uma tremenda gargalhada. Tres soberbos "Ah!" "Ah!" echoaram sonoros em toda a extensão do enorme apartamento. Diante disso achei prudente não intervir. Smith, mais calmo, teve a ingenuidade de fazer uma prelecção da qual guardei algumas palavras:

— Senhor, disse elle, não se trata aqui nem de fabricantes de tecidos nem de agentes commerciaes de qualquer especie. Nada disso. Nós somos simplesmente tudo isto: dois sabios, "é preciso ser mais modesto", dois curiosos, digo, que conseguiram achar a solução de um problema que durante muito tempo preocupou os scientistas da nossa época, essa época que lhe parece tão obscura. Falo-lhe o mais seriamente possível. A descoberta de um aparelho destinado a explorar o tempo veio revolucionar profundamente os conhecimentos que a humanidade, á custa de tantos esforços, conseguira adquirir. E é por isso que essa descoberta, posso dizer sem vaidade, não faz má figura ao lado das de Copernico, Newton, Gallileu e Einstein...

Esses nomes nos são desconhecidos, disse Pontapud, cujo olhar tomava a fôrma das palavras de Smith. "O senhor é um personagem deveras curioso", continuou elle "o senhor é tão mysterioso em suas palavras como se falasse consigo mesmo. Eu não pude comprehender nada do que o senhor disse. Se o senhores não são fabricantes de tecidos nem agentes commerciaes de qualquer especie, porque razão usam esses vestuarios que me parecem tão incommodos?"

— Por muitas razões, respondi-lhe eu. Por muitas razões, o pudor, por exemplo, ...O senhor não sabe o que é o pudor?

— Essa palavra não tem nenhum sentido para nós.

Dito isso, Pontapud voltou-se para Smith, fez-lhe algumas perguntas absurdas e em seguida despediu-se.

Infelizmente, Pontapud apesar de toda a boa vontade, não soube encontrar argumentos para provar a authenticidade das nossas affirmações e os geologos tomaram a dianteira. Os jornaes estavam cheios de artigos a nosso respeito, assignados pelos sabios mais competentes da época. Para alguns de accôrdo com a espessura das rochas sedimentares a terra não teria mais de trezentos milhões de annos. Outros, baseados nos mesmos calculos, davam-lhe cem a cento e cinquenta milhões. Outros ainda, examinando certos rochedos pelo methodo radactivo, chegavam á dar de seiscentos milhões a dez bilhões de annos. Todos porém concordaram em que em 1913 a terra se era habitada por homens, esses homens não poderiam ter attingido a uma civilisação tal, que fosse possível a existencia de fabricas de tecidos. Passamos assim de homens celebres a impostores com uma rapidez incrível.

Esse e outros desgostos que soffremos, cuja relação poderia parecer inverosimil, o que não convém aqui, decidiram Smith a voltar para este bom anno de 1923.

A volta foi desastrosa. A falta de André que fôra internado num Jardim Zoológico, Smith decidiu que eu gritasse o nome das estações mais importantes até que ficasse fatigado. Então elle proprio me substituiria. E assim se deu.

A chegada um facto extranho excitou-me a curiosidade. As pessoas que nos tinham acompanhado estavam alli e o que é mais interessante, nenhuma havia sahido do seu lugar. Smith explicou-me que esse facto era devido a termos voltado para o momento de nossa partida.

Mas alguma coisa de anormal havia acontecido. Ninguém pronunciou uma palavra ao deixarmos o aparelho. O que seria?

Alberto Smith

INVENTOR

Rio de Janeiro, 1923

Smith imprudentemente começou a dar as suas impressões de viagem ao primeiro reporter que encontrou. Foi então que a bomba explodiu. Ninguém acreditava. Todos se riam.

— Eu bem dizia. Esses estrangeiros vêm aqui só para nos explorar, — mastigava um.

E outro que sabia francez:

— "Faire l'Amerique"...

O homem de cavaignac, o unico que não rira, exclamou:

— Mas o aparelho não sahiu do lugar!

— Os se...nho...res...res não compre...hen...dem! gaguejava Smith. Nós não viajamos no Espaço e sim no Tempo. A prova é que André ficou lá pelo futuro, internado num jardim zoológico.

As risadas não se faziam esperar.

— O negro sahiu para comprar os jornaes, informou um.

Amedrontados com os risos e as ameaças do povo, tive um momento de covardia de que terei remorsos por toda a vida:

— Os senhores tem razão, disse eu. André foi comprar jornaes e ainda não voltou. Os senhores têm razão, nós não saímos deste feliz anno de 1923. Os senhores têm razão. Viva a Republica.

O povo delirou alguns momentos. E, como as cousas perdessem o seu desenho, e eu não enxergasse mais que os meus sapatos, resolvemos voltar para casa.

Nas trevas ainda se ouviam algumas vozes retardatarias:

- Viva a Republica.
- Pobre doido.
- Explorador.
- Impostor.

Duas horas depois, ás 10 horas da noite um amigo telephonava-me avisando que Smith morrera de um ataque de angina pectoris. E só hoje, depois de quasi sete dias de silencio venho fazer uma confissão que é ao mesmo tempo uma homenagem, ainda que tardia, a um dos sabios que mais alto elevaram o engenho humano.. E de hoje em diante saberei sustentar isso de cabeça erguida até que me falem as forças para tanto.

Sergio Buarque de HOLLANDA



NOTAS & COMMENTARIOS

Zeballos

Zeballos era sem duvida uma das figuras de grande relevo na America. Não é o elogio fingido dos necrologios, e a prova de que assim sempre o reconhecemos, está no facto de julgarmos a sua acção perigosa e de encontrarmos nelle um serio e temeroso adversario. São qualidades estas que não se podem attribuir aos mediocres, senão aos grandes homens, aquelles que pelo seu espirito e pela firmeza do seu temperamento, são capazes de exercer uma influencia decisiva no seu paiz e na mentalidade do seu tempo. Julgamos Zeballos lealmente, vendo nelle um adversario, cuja politica tendenciosa falhou, em boa hora, vencida pelo nosso grande Rio Branco, mas que representava um ideal forte de imperialismo do seu paiz. E' certo que tudo isso perturbou os horizontes da politica sul-americana e Zeballos teve que ceder, deixar o primeiro plano da politica de seu paiz, actuando, contudo, e poderosamente, sobre o meio que nelle via um men-



Zeballos

tor. Fomos dos que nunca acreditaram nas suas tardias demonstrações de amizade pelo Brasil, que, aliás, estavam fóra do âmbito de sua actuação. Além disso, admiramos em Zeballos um jurista do mais alto merito, um jornalista vibrante e um homem de grande saber. Ao adversario que desaparece deve-se prestar a homenagem sincera e essa consiste em reconhecê-lo tal como era.

Não falsearemos a sua acção, para este louvor. Ajuntamos, a titulo de gratidão, que Zeballos, quando foi do apparecimento da "America Brasileira", lhe dedicou um longo ensaio na sua conceituada "Revista de Derecho, Historia y Letras", estudando os seus fins moraes, polit'cos e sociaes, no qual apesar de algumas considerações erroneas, attribuindo-lhe intuitos de propaganda contra a sua Patria, trata esta revista com a mais alta consideração e o maximo interesse.

O momento inquietante

Em face da situação actual do paiz, afastada qualquer idéa partidaria, que nunca abraçamos, é inquestionavel que um forte temor deve perturbar o espirito brasileiro, pois, mais do que nunca, se lhe offerece á vista um quadro sombrio, mesmo olhado sem pessimismo algum. E' uma questão simples de algarismos, não manejados com essa habilidade moderna, que indica saldos em caixas vazias e cria *superavit* onde apenas existe *deficit*. O Governo, sem reservas, confessa a penuria

das finanças nacionaes; sabemos que o credito está exgotado, as reservas são nullas, a crise cambial intensa e perturbadora, sem que mais possamos recorrer aos expedientes habituaes dos empréstimos. Resta a emissão, mas seria injusto attribuir aos nossos dirigentes a insensatez de nellas ainda pensar, o que, de resto, apressaria a derrocada, que é mister evitar. Diante de taes difficuldades, não sabemos de certo o programma do Governo, a não ser o annuciado rigor nos orçamentos. Não será tudo, nem mesmo muito, mas já é alguma cousa e devemos nos alegrar com ella. E' preciso, porém, antes dos applausos, certificarmos-nos da verdade. De ha muito, ouvimos todos os annos, todos os Governos prometterem essa "politica de rigorosa economia", annunciando pelos jornaes officiosos, e todos os annos, todos os Governos faltarem aos seus propositos. Já se diz que desta vez não se abrirá a almejada excepção. Todavia, seja-nos licito, confiar ainda.

Esperamos que o Presidente da Republica, senhor da gravidade da situação e divisan-do os escolhos por onde navega, tenha a energia necessaria para contrariar interesses e pretensões, exigindo do Congresso orçamentos serios e rijos, moldados dentro da mais severa economia, de sorte que possamos nos apparellhar para resolver as difficuldades antevistas para 1927, quando teremos de retomar o serviço da divida externa, interrompidos pelo ultimo *funding*, de 1914. Essa perspectiva deve preoccupar seriamente o Governo e só uma severa economia, impiedosa se fôr preciso, poderá contribuir para resolver a situação, apparellhando o Thesouro a retomar o pagamento dos seus compromissos, honrando o nome nacional. Por outro lado, esse equilibrio orçamentario viria reflectir beneficemente sobre toda a economia do paiz, jungido a essa crise financeira, cada dia mais forte e mais intensa. Precisamos encarar frente a frente esse momento, não para continuas lamentações, senão para adoptar uma vez por todas a politica severa e precisa, acabando com essas leis de emergencia e recursos que taes, que longe de resolver, complicam e mais atrapalham as cousas. Sentimos é certo, que o Governo ainda não indicou á nação o seu programma financeiro, que, de um lado, deve procurar amparar e defender o Thesouro e, do outro, proporcionar a riqueza do paiz, permittindo-lhe um surto animador e progressivo.

Não parece que tenha adiantado muito a esse respeito a nota official do Governo, que contém poucas idéas precisas quanto á sua acção, afora as ditas promessas de rigorosa economia, insufficiente, todavia, nas medidas apresentadas para cortar o "deficit", permanente embaraço ao equilibrio financeiro e, portanto, á estabilidade economica. Appellando para o patriotismo do Congresso, mas sem lhe indicar os meios para "a debellação das difficuldades que nos atormentam" não é de crêr que surjam dahi iniciativas proveitosas; fazendo economia nos gastos e velando pela arrecadação dos impostos, o que aliás é dever elementar do Governo, não resolveremos tambem a situação, que exige uma medicina mais radical e esses são simples preceitos de hygiene administrativa; pugnando pela verdade orçamentaria e organizando a contabilidade, tambem não teremos adiantado muito, uma vez que, com essa moralisação necessaria, apenas poderemos melhor ajuizar de um estado de cousas, mas não remedial-o. Vemos, portanto, que por ahi não encontramos como resolver a crise, que exige uma acção energica e decisiva, orientada no mais alto descortínio. O fomento das actividades economicas, de que falla a nota presidencial, comquanto util e benefico, não poderá produzir resultados sensiveis, persistindo a crise financeira, que avilta a moeda e desvaloriza os productos nacionaes, além de

estabelecer a desconfiança, portanto retrahir o credito, sem o que é impossivel haver surto economico.

Neste momento inquietante, de embaraços e difficuldades, seja-nos licito esperar que os homens de responsabilidade no paiz, appellando o seu patriotismo, encontrem um meio effectivo de solver o grande problema nacional, o que sendo possivel saber começar, pela pratica de uma politica financeira de violenta economia dos dinheiros publicos, cortando o *deficit*, á custa de qualquer sacrificio, pois desse inicio depende toda a acção futura. Em 1927 não poderemos humilhar o paiz e comprometter a sua honorabilidade.

O ensino primario

Entre as promessas do Governo figura a solução do problema do ensino primario, mediante accôrdo com os Estados, á guisa do que se fez com a Saude Publica, afim de ser estabelecido com unidade um programma benefico e efficiente de acção. Não é preciso relembrar a humilhante percentagem de analphabets, que tanto nos envergonha ao lado dos paizes civilizados, para nos obrigar a um trabalho severo e pertinaz, em beneficio do ensino primario no Brasil. Foram, ultimamente, apresentados á Academia de Letras varios trabalhos sobre o meio de diffundir o ensino primario entre nós, entre os quaes ha varios conclusões judiciosas de pessoas competentes no assumpto e que o versam de ha muito. Não basta que se decrete a instrucção obrigatoria, mas é preciso tentar a systematização da campanha contra o analphabetismo, de accôrdo com as contingencias locaes, de densidade de população, de riqueza e desenvolvimento, tão diversos no nosso paiz. Por exemplo — Alagôas e Pará são dous Estados de população quasi igual, pois aquelle tem 978.748 e este, 985.502, mas, como a superficie do primeiro é de 58.491 kilometros quadrados e a do segundo, de 1.149.712, ha uma differença notavel de densidade, que, em Alagôas, é de 16.733 habitantes por kilometros quadrados, e, no Pará, de 0.855. Mas, como outros tem uma população escolar (de 8 a 11 annos completos) quasi igual, de 82.615 para o Pará e de 82.215 para Alagôas, o numero de escolas tem que ser differente, como differente será a sua frequencia, devido á disseminação diversa da população. Temos depois tambem de attender ao genero dessas escolas. Não se trata apenas de collocar a cartilha na mão do alumno, mas de lhe ministrar a instrucção util, devendo ser as escolas primarias ruraes, profissionais, etc. para que a sua utilidade seja comprovada e efficiente. O que precisamos é estudar pormenorizadamente e *in loco* o problema, evitando pressas injustificaveis e de longas inuteis, afim de que possamos dar ao Brasil a garantia essencial de sua grandeza.

O ensino do latim

Andou com muito acerto o Presidente da Republica vétando a resolução do Congresso Nacional que permite aos candidatos á matricula na Escola Polytechnica e estabelecimentos equiparados, no anno de 1924, prestar o exame vestibular, independente do certificado de approvação em latim. São tres as considerações que motivaram o vétó e que foram devidamente apreciados nas razões com que o Presidente o expoz ao Congresso. Primeiro, o Governo está autorizado a reformar o ensino e uma medida parcial dessa ordem, seria uma perturbação, pois o ensino deve ser uniforme e seguir um criterio inflexivel, fóra do qual todas as iniciativas fracassarão. Por esses abusos inominaveis, de que o exemplo mais humilhante foram os escandalosos exames por de-

creto, temos prejudicado enormemente a instrução, resultando, não raro, o facto de alumnos de escolas secundarias e superiores receberem os titulos respectivos, sem terem cursado todas as disciplinas exigidas por lei e de que são dispensados por favores e concessões especiaes. Segundo, o descuido do estudo do latim, que se não comprehende, na formação de cultura, como é indispensavel, frisam as razões do véto, na "preparação para o bom conhecimento da lingua vernacula". Em paiz nenhum isso acontece, mesmo naquelles em que o estudo de linguas vivas é inteiramente relevado ao segundo plano. Não é necessario adduzir razões que o justifiquem e nos rejubilamos em ver o Governo declarar a importancia desse estudo, que não será esquecido ou menosprezado na reforma a fazer dos cursos secundarios. Terceiro, a uniformidade do curso preparatorio, que deve ser ministrado "integral e igualmente", sem indagar da futura carreira do estudante. Os estudos de humanidades visam a formação basica de cultura, devendo se evitar essa mania muito nossa de fazer especializações para essa ou aquella profissão e "não se comprehende que se dispense ao engenheiro ou ao pharmaceutico e se o exija ao medico e ao advogado, tanto mais que organizado o ensino secundario, não pôde, nem deve o Estado se preocupar com o uso ulterior que delle façam os estudantes, mas tão sómente em ministrá-lo a todos". Temos muita alegria em louvar o gesto e as palavras do Presidente da Republica, menos pelo que representam no caso concreto, mas porque revelam um nobre empenho em moralizar o ensino, com o que prestará ao paiz um dos mais inestimaveis serviços. Ha pouco o Ministro da Justiça, respondendo á critica de um de nossos mais prestigiosos jornaes, declarava que a demora na reforma do ensino era motivado pelo empenho do Governo de estudar e pesar devidamente todas as idéas e suggestões que lhe foram feitas, afim de que a obra futura pudesse realmente satisfazer aos altos interesses da nação nella envolvidos. Oxalá, assim aconteça, para o que o véto a que nos referimos, só constitue indicio animador.

Os conflitos de dupla nacionalidade

O illustre Deputado Adolpho Konder, em notavel discurso proferido na Camara Federal, discutio com proficiencia e brilho, a extranha e absurda doutrina consubstanciada pelo Itamaraty, no Governo passado, em dous tratados de dupla nacionalidade, concluidos com a Inglaterra e Portugal. Não se poderia imaginar maior erro e mais infeliz iniciativa do que a desses accórdos, que violentam os principios de nacionalidade, taxados no art. 69 da Constituição, facilita a obra dos transfugas de nossa Patria, perturba a acção do Estado para com subditos seus e estabelece uma doutrina imprudente, sobretudo para um paiz de imigração. Essa materia, que tem sido tão detidamente estudada pelas chancellarias e cujo accórdio só se poderia fazer por um entendimento entre todos os paizes, possibilidade aliás remotissima, dadas as condições actuaes, quizemos nós resolver por um golpe audacioso e desastrado. O Sr. Azevedo Marques reclamou a gloria de ter cortado o nó gordio, mas não se lhe negará também a de ter concluido os mais funestos tratados a esse respeito, os quaes, como bem disse o Deputado Konder, devem ficar nas pastas das commissões e jamais apparecer em plenario, pois o Congresso não os poderia ractificar.

A politica brasileira, nesse particular, é a do *jus soli*, como convém á sua condição de paiz novo e para cuja formação ethnica têm contribuido varias raças, attrahidas pelas correntes immigratorias, portanto as prerogativas, direitos e deveres de brasileiro não podem ser perdidas senão nos casos restrictivos da Constituição. Pelos tratados de Julho a Setembro do anno passado, esse principio fica derogado, pois os brasileiros podem prestar obediencia a outra soberania (o que aliás contraria o proprio Código Penal, que no art. 103

pune com pena de prisão de 4 mezes a um anno, o cidadão brasileiro que reconhecer algum superior fóra do paiz, prestando-lhe obediencia) bem como permittindo-lhes adquirir a nacionalidade dos pais. Ora, o art. 69 da Constituição chrisma e insophismavelmente, brasileiros, todos os nascidos no territorio nacional, ainda que de pai estrangeiro, salvo se este fôr agente official do seti paiz. Portanto, a intempestiva innovação fere de frente a Carta nacional, facilitando a desnacionalização de brasileiros, absurdo que não merece maiores commentarios. O simples enunciação descobre toda a sua monstruosidade. O discurso do Deputado Adolpho Konder, foi uma analyse serena e logica, á luz da Constituição, dos principios dominantes e tradicionaes do nosso direito no attinente ao assumpto e serve como aviso á leviandade de accórdos dessa ordem. O final dessa importante oração, que transcrevemos, crystalisa bem o protesto de todos quantos se interessam pelos destinos nacionaes, comprometidos por esses tratados.

"A iniciativa do Itamaraty foi, portanto, disse o Deputado por Santa Catharina, infeliz e inopportuna, tentando resolver, fóra de tempo e parcialmente, um problema cuja solução unica, na autorizada opinião de Weiss, só poderá ser obtida mediante um entendimento perfeito entre todos os povos civilizados.

Promovendo e facilitando a desnacionalização dos filhos de estrangeiros, nascidos em territorio nacional, os Tratados de Julho e de Outubro contrariam os mais sagrados direitos da nacionalidade brasileira.

São, pois, actos que não merecem vir a plenario, devendo morrer, archivados, no seio da Comissão de Diplomacia, e ninguém (S. S. está disso seguro) verá nessa attitude do Congresso um gesto de descortezia para com povos amigos que tudo nos merecem, e sim o desejo muito nobre e muito legitimo de não abandonar imprudentemente uma politica ne-



Deputado Federal Dr. Adolpho Konder

cessaria e que os nossos maiores, num Brasil pequeno e fraco, souberam sempre manter, com galhardia e firmeza, repellindo as exigencias em contrario das chancellarias estrangeiras; e sim a obrigação de salvaguardar interesses cujo sacrificio importaria em perigo para a nossa existencia collectiva: e sim a conveniencia, e sim o dever e sim a necessidade indeclinavel de defender principios que constituem patrimonio commum de todas as nações da America".

Não precisamos salientar a oração do illustre Deputado Adolpho Konder. Trazendo á Camara assumpto de tão alta relevancia e versando-o com grande competencia e brilho visou uma excepção no commum dos nossos trabalhos parlamentares, por ultimo tão pouco interessantes e sobremaneira banaes. Se, em outros ensejos, o Sr. Adolpho Konder não tivesse revelado no seio do Congresso, o seu espirito de escol e suas qualidades excepcionaes de patriota e de orador, bastaria esse discurso para lhe cercar o nome de brilho inconfundivel.

"America Brasileira"

Tivemos ensejo de referir no numero passado, á nova orientação desta revista, no sentido de desenvolver sempre e cada vez mais, a sua actuação intellectual no paiz, para o que organisou um corpo de colaboradores especiaes, no qual se salientam os nomes de Francis de Miomandré, cujo primeiro artigo publicamos neste numero, e é um interessante estudo de psychologia sobre a questão Shakespeare; de Ramon Gomez de la Serna, o poderoso e forte escriptor hespanhol, que é um renovador nas letras modernas do seu paiz e cuja collaboração iniciaremos no proximo numero; de Fidelino de Figueiredo, o illustre critico portuguez, a cuja nomeada não precisamos juntar mais fulgor; de Capistrano de Abreu, mestre da nossa historia, e de Celso Vieira, o brilhante estylista do "Endymião". Assim, esta revista correspondendo ao apoio que sempre lhe dispensou o publico e na qualidade de órgão de cultura, reúne em suas paginas alguns nomes de grande relevo, nas letras nacionaes e nas dos demais paizes, como Camille Mauclair, La Serna, Miomandré, Blanco Fombona, Fidelino de Figueiredo, Aarão de Lacerda, dentre muitos outros dos quaes aguardamos respostas aos nossos convites, para annuncial-os aos leitores.

No empenho constante de bem servir, é justo registrar o acolhimento admiravel que tem tido a *America Brasileira*, o que tem sido o melhor estimulo aos que nella trabalham.

A riqueza paulista

A maior riqueza de S. Paulo e do Brasil é o café. S. Paulo possui hoje cerca de 826.000.000 de cafeeiros, os quaes produziram, em média, 10.202.482 saccas de 60 kilos, no decennio de 1910 a 1919. No quinquennio de 1905-1910 a média annual da produção no mundo foi de cerca de 16.000.000 de saccas de 60 kilos. Deste total, 13.000.000 de saccas correspondem ao Brasil e 3.000.000 apenas ao resto do mundo, e da produção brasileira attribuida ao Brasil 10.000.000 de saccas sahiram de S. Paulo. Pelo porto de Santos, em 1922 foram despachadas 8.827.384 saccas de café, das quaes pertenciam ao Estado 7.779.922 saccas. Nesse anno, pois, o café concorreu para a fortuna paulista para os recursos fiscaes, para o desenvolvimento economico de São Paulo e para a riqueza do Brasil, com a quantia de 913.191.043\$400. Depois do café, vem a pecuaria, que conforme o ultimo censo, apresentava em 1919 o seguinte resultado: bovinos, 3.108.205; equinos, 551.005; asininos, 428.348; suínos, 4.989.574; ovinos, 106.061; caprinos, 362.048, sendo que o total das seis especies attinge a 9.545.241 cabeças. Pelo referido censo, o numero das propriedades de criação é de 86.979, occupando uma área de 2.032.933 alqueires de 2,5 hectares, a qual extensão representa 19,45 % da área total do Estado, computada em 252.886 kilometros quadrados. O valor das propriedades agricolas, que occupam cerca de 681.712 trabalhadores, foi avaliada em 1919 em 1.539.316:000\$, e o valor da produção agricola, na safra de 1919-1920, attingio a 818.377:628\$, sendo que essa safra fôra prejudicada pelas geadas e pela baixa dos preços. Na produção agricola de São Paulo, em 1919-1920, o café figura com 4.154.700 saccas, no valor de 378.908:640\$; o milho com 15.963.900 saccos, no valor de 183.584:850\$; o arroz com 4.686.015 saccos, no valor de 82.605:262\$; a aguardente e alcool com 95.388.042 litros, no valor de réis 49.406:877\$; o algodão com 4.588.299 arrobas, no valor de 43.588:840\$; o assucar com 528.821 saccos, no valor de 33.971:161\$; o feijão com 2.856.377 saccos, no valor de 40.031:278\$, etc. No Estado existem quatro grandes Emprezas frigorificas, com o capital de 36.000:000\$ e 2.497 operarios, tendo sido de 42.144:000\$ o valor da produção em 1921. A industria fabril, em 1921, possuia 2.715 estabelecimentos industriaes, com o capital de 464.689:000\$ e cerca de 82.221 operarios, excluidos destes totaes numerosas pequenas officinas, e o valor da sua produção, no mesmo anno, foi de 804.378:000\$. Por fim, quanto ao seu commercio exterior, a sua exportação para o estrangeiro attingio a 1.106.396:440\$000.

Portugal

Henrique Lopes de Mendonça

A Academia Brasileira de Letras elegeu o escriptor portuguez Henrique Lopes de Mendonça, para seu socio correspondente, na vaga do grande Guerra Junqueiro. O novo membro do nosso mais alto cenaculo literario é um dos mais fortes dramaturgos portuguezes e a sua figura literaria tem especial relevo, bem merecendo mais essa consagração justissima. Estréou, como autor theatral, em 1884, no Theatro Dona Maria representando com exito a comedia em 1 acto "A noiva". Dois annos depois publicou a peça historica "O duque de Vizeu", em verso, que lhe valeu um justo renome. São ainda de sua lavra: "A estatua", representada no theatro Dona Maria; "A morta", drama historico em 5 actos, tendo por thema a morte de D. Ignez. "O salto mortal", em 1 acto; "Joanna", drama em 4 actos; "As cores da bandeira", quadro maritimo, representado no theatro da rua dos Condes; "Amor louco", em 3 actos; "Nô cégo", representado, em 1905, no theatro Dona Maria; "Affonso de Albuquerque", drama, e a letra do hymno "A Portuguesa". O theatro lyrico tambem não lhe é estranho. Deve-se-lhe o libreto da opera "Tigão Negro", musica de Augusto Machado, representada, com grande exito, no Theatro Avenida, pela Companhia Souza Bastos. De sua lavra é ainda a novella "Alma que volta". Trata-se, pois, um illustre homem de letras, digno, por todos os titulos, de occupar a cadeira que pertenceu a Guerra Junqueiro. Foi o seguinte o parecer academico, unanimemente approvedo, recomendando a sua eleição: "A commissão encarregada de examinar as propostas indicativas de um nome de escriptor portuguez que deva occupar na Academia Brasileira de Letras a cadeira de socio correspondente vaga pelo fallecimento de Guerra Junqueiro, tendo estudado as obras dos escriptores que lhe foram indicados. Anthero de Figueredo, Aquilino Ribeiro, Raul Brandão, Augusto de Castro e Henrique Lopes de Mendonça, considerando-as todas trabalhos de sub do valor e os seus autores homens eminentes que muito honrariam a nossa Academia, opina que seja suffragado o nome do decano das letras lusitanas Henrique Lopes de Mendonça, no qual concorrem maior numero de condições exigidas pelo nosso regulamento. — (aa) Alberto de Oliveira, Constancio Alves, Silva Ramos."

O Papa aos Prelados Portuguezes

Em resposta á carta que os Prelados Portuguezes dirigiram ao Pontifice em 17 de abril ultimo por occasião da sua reunião annual, mandou Sua Santidade a seguinte, agora inserta nas "Acta Apostolicae Sedis":

A Sua Eminencia D. Antonio, do Titulo dos Santos Marcelino e Pedro, Presbytero da Santa Egreja Romana, Cardeal Mendes Bello, Patriarcha de Lisboa, e aos outros Arcebispos e Bispos de Portugal: respondendo á sua carta collectiva.

Amado filho Nosso e veneraveis irmãos: saude e benção apostolica.

Com verdadeiro agrado recebemos a carta, datada de 17 de abril passado, que, reunidos em Lisboa, Nos enviastes; pois n'ella perfectamente reconhecemos não só a vossa manifesta solicitude em procurar o bem da Egreja e da sociedade, mas tambem um novo documento de pedade para Connosco e para com a Sé Apostolica.

Já na pastoral commum, que no dia 29 de setembro do anno findo d'estes aos vossos fieis, vós prestastes não pequeno serviço á causa catholica em Portugal, seguindo verdadeiramente as normas d'esta Sé Apostolica. Porquanto se estas normas forem postas em pratica sob a direcção dos Bispos, com fiel e sincero animo, abundantissimos fructos ha que esperar, não só para bem da Egreja, mas para firmar no animo dos portuguezes a verdadeira paz. E Nós acima de tudo confiamos — e é esse o Nosso mais ardente desejo — que n'aquellas coisas que dizem respeito á religião, os catholicos portuguezes, pondo de parte quaesquer causas de divisão, se juntem felizmente na maior união e concordia. Animados com esta esperanza, como auspicio dos dons divinos e em signal da Nossa paternal benevolencia, Nós vos damos affectuosissima-

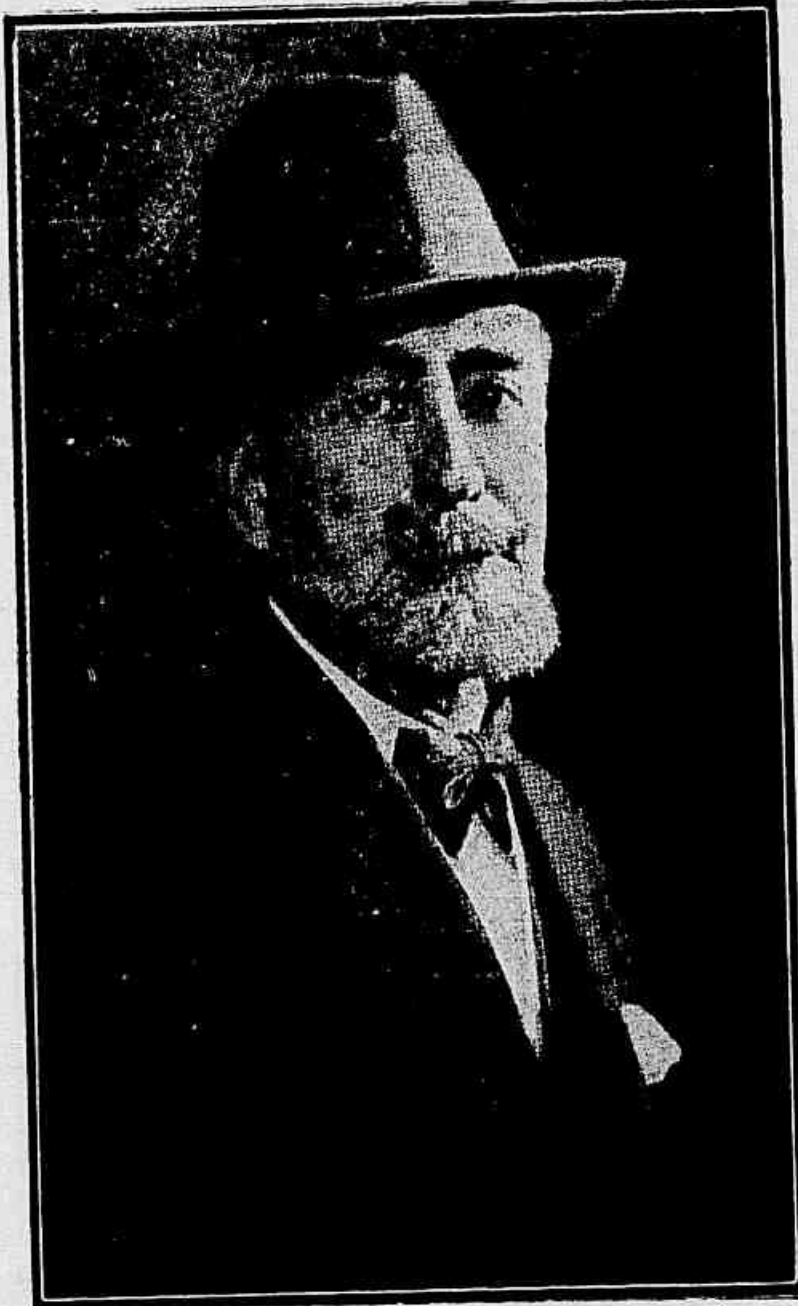
mente a benção apostolica, a vós, amado filho Nosso e veneraveis irmãos e a todo o clero e povo a cada um de vós confiado.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 14 do mez de maio, do anno de 1923, segundo do Nosso Pontificado.

PIO PAPA XI.

Homenagem ao Dr. Ricardo Severo

Foi uma formosa e significativa consagração, a que fizeram, portuguezes e brasileiros, ao illustre publicista Dr. Ricardo Severo, offerecendo-lhe a salva "A Batalha", da Ourivesaria Reis, do Porto. Foi saudado o "sincero republicano, o grande cidadão, o insigne artista e o leal patriota, pois essa obra d'arte, que nos recorda o mais bello monumento arch tectonico portuguez, evocação feliz de todo o nosso grandioso passado; synthese maravilhosa dos nossos melhores feitos, nave grandiosa onde se abrigam as conquistas realizadas e onde ha espaço para as aspirações que hoje norTEAM o povo portuguez, ancioso de recuperar todo o antigo prestigio com que



Dr. Ricardo Severo

Portugal se affirmou das mais heroicas e progressistas nações, não poderia ter melhor e mais fiel depositario", nas palavras brillhantes do interprete dessa manifestação, o Sr. Dr. José Augusto de Magalhães, consul de Portugal. Essa homenagem de justiça e de entusiasmo, visando uma das personalidades portuguezas de maior relevo, modernamente, e das que mais se têm distinguido no nosso paiz, foi tambem ensejo feliz de uma festa de confraternização, em que brasileiros e portuguezes applaudiram a conducta de um esforçado paladino desse credo, que tem ensinado "com o exemplo e com a palavra", como os filhos dos dois paizes "se devem amar para o engrandecimento da raça commum e das suas Patrias distinctas".

O discurso com que o Dr. Ricardo Severo agradeceu essa homenagem, é uma oração formosa e brillante, de vibração, de entusiasmo e de crença. Honramo-nos em transcrevel-o:

"Devia estar agora numa outra reunião de portuguezes, a fallar de Portugal. Quer,

porém, a vossa gentileza trazer-me até aqui, para enredar-me em um amplexo de estima e prender-me cada vez mais á vossa amizade.

Aqui me tendes, pois, escravo duma gratidão sem limite, prestando-me a ser o idolo duma homenagem, que tanto a fazeis pessoal, na forma, quanto ella é, na essencia impessoal — como o póde ser uma ideologia ou uma crença.

Enfeitaes-me com adornos de brilho e riqueza como a um feitiço, attribuindo-me virtudes que não têm formas humanas, excelsas pela santidade, e proprias de espiritualizações, que apenas são mythos ou symbolos.

São tambem "centenas de amigos" que o vosso primoroso interprete, melhor burlesco com finas delicadezas de affectuosa estima

Prestar-me-hei a ser essa momentanea encarnação da vossa festiva e honrosa homenagem, symbolo de acaso, eleita pela vossa generosa admiração, que é céga, porque é cordealmente sincera.

E tão céga que não enxerga a inanidade do proprio idolo, o qual, a sumir-se do centro deste ceremonial pagão, deixaria apenas, suspenso nos ares perfumados destas salas, o resplendor das vossas homenagens.

Ficará no espaço a mesma allegoria, sem corpo, como um arco irisado com todos os matizes da luz — aureola translucida, só vista pelos olhos da vossa imaginação e da vossa crença.

Deixarei apenas no foco dessa paveia de irradiações luminosas, o meu simples coração, pulsando com os vossos corações na harmonia da mais perfeita fraternidade, na expressão sentimental do mesmo amor. Amor de um lyrismo melancolico, profundo como a saudade, que não é só preto d'alma á pequena lareira de Portugal, mas que é para nós sagrado, uma veneração abstracta pela patria infinita da nossa raça.

E disse-me agora se não são estes os sentimentos que animam a nossa festa, perguntae ás donas que aqui vieram, portuguezas e brasileiras, amorosas crystalizações das primicias da raça.

Perguntae-o a ellas — mulheres da nossa grei — cuja formosura gerou uma nacionalidade gloriosa, cujos encantos espalharam pelo mundo, em epopeias cavalleirescas, um povo errante de heroes e de poetas.

Evocae essas mulheres sedutoras da nossa terra — fados do nosso destino — as da beira-mar, dos valles e das montanhas; de formas ondeantes como as vagas do oceano ou os areaes das nossas praias; com linhas de esquivia graça, serpenteantes, como as ribeiras em devaneios bucolicos pelos jardins dos nossos valles; de perfis hieraticos de elegante nobreza, como os alcantins e as serras são as torres de menagem dos solares ancestraes da nossa raça.

Se ellas todas formam com os pedaços feminis do seu espirito e da sua belleza a grinalda florida que é o esplendor desta festa, em seu seio bemdito, deixemos acalentar o nosso coração como em um berço de infantis recordações; o seu amor divinal nos inspira e ensina o mysterio das origens, a crença no lar natal e da tradição, a religião da patria.

Pode bem ser um devaneio esta evocação; e se, porque assim devaneamos, a vida da nacionalidade é ainda um sonho, continuemos esse sonho que nos levou antigamente ao dominio do mundo, e que nos levará hoje em feitos de heroismo a dilatar a nossa fé na patria da nossa raça.

Desappareceu de vez o vosso idolo, diluiu-se na aureola irisada desta consagração.

Porque o dia é uma gloria do nosso povo, conservae ainda suspensa no espaço, a allegoria principal desta commemoração patriótica, triumpho da democracia; mas, de democracia que não é dos dogmas, dos governos, das leis, e sim da alma popular — do povo de Portugal e do Brasil, cuja intima união racional é a mais brillante das consagrações deste sarau.

Sendo esta a expressão moral da nossa reunião, amigos meus, acceitae os parabens

de um velho combatente e os protestos de inexprimível gratidão, latente no coração de um humilde democrata, sempre inspirado na alma do nosso povo, no espirito de nossa raça.

O seu resurgimento glorioso deve ser o ideal colectivo da democracia portugueza que é o ideal de cada um de nós, correligionários e patrióticos.

A reconstituição tradicional de democracia, será a obra final do renascimento da nossa patria."

Intercambio artistico Portugal-Brasil

O artigo abaixo, da autoria do nosso companheiro, Sr. Carlos Rubens, foi publicado na "A Capital" de Lisboa e estuda as condições de intercambio artistico entre o Brasil e Portugal, que devem merecer o maior carinho nos dois paizes:

"Sempre que no Brasil se fala em intercambio intellectual com paizes americanos ou europeus, eu accentuo a necessidade que entre nós mesmos, brasileiros, temos de um reciproco entendimento de idéas e de acção em prol dos pensamentos que elevem e dignifiquem a nacionalidade. Porque não se comprehende intercambios com estrangeiros, quando de nós mesmos não podemos falar com desembaraço e entusiasmo, visto como nos desconhecemos a nós mesmos, quando de Estado a Estado somos ignorados mutuamente. Acresce que o intercambio só deve ser feito havendo de lado a lado uma retribuição compensadora de interesses, uma troca igual de beneficios e favores... o que nem sempre tem acontecido com o Brasil. O nosso intercambio artistico, com a Argentina, por exemplo, tem sido uma "blague" encantadora. Recebemos os artistas argentinos que nos visitam com a mesma frieza com que elles recebem os nossos. Isso porque não cuidamos antes de uma troca amistosa de correspondencia com as associações e institutos de arte dos paizes com os quaes desejamos amizade. Nestas condições têm fallido todos os nossos propositos de intercambio. Com Portugal, ao contrario do que acontece com os outros paizes, o caso deveria ser outro. Tem sido peor, para o Brasil. Nós vivemos a par do movimento intellectual da velha nação luitana, aqui têm vindo Souza Pinto, Malhóa, João Vaz, Carlos Reis, Antonio Carneiro, dos ultimos, dos demais os brasileiros lendo o que diz a critica portugueza. Dos nossos pintores nada se sabe em Portugal. Ignora-se tudo. Um extraordinario Pedro Americo e um maravilhoso Almeida Junior, Amosó e Baptista da Costa. A viagem de um artista luitano ao Rio é sempre um successo certo. E' uma viagem de victoria. O mesmo merece que se dê com um artista brasileiro que vá a Portugal. Não se dará, porém, o caso de Fausto Gonçalves, que em poucos dias viu vendidos quasi todos os sessenta e tantos quadros da sua exposição.

Acha o pintor coimbrão que isso é falta de um intercambio, de um mutuo, effective conhecimento entre artistas portuguezes e brasileiros. Daí tentar Fausto Gonçalves, que tantos applausos aqui conquistou com a sua arte joven e delicada, uma permanente troca de correspondencia não só entre artistas como entre criticos de arte de um e outro paiz, afim de melhor se conhecerem e se identificarem com o publico das duas nações.

A esse ideal generoso e amavel do joven pintor do "Trindades" não ha como applau-

dir, na esperança de que seja bem comprehendido em Portugal, onde os nossos artistas podem ser recebidos da maneira como acolhem os a quantos de lá nos chegam — poetas, prosadores, scientistas, politicos ou artistas. E' o que é mister aconteça."

Archivo de Simancas

Existe neste Archivo documentação riquissima referente a Portugal e que sem o estudo della não se poderá escrever uma historia do paiz que satisfaça as exigencias modernas da critica. Para facilitar o estudo destes documentos, pela maior parte desconhecidos entre nós, não ha outro caminho a seguir senão mandar lá pessoa competente que os leia e indique quaes devem ser copiados.

Na ultima metade do século XIX o Governo Inglez mantinha em Simancas varios eruditos para transcrever os documentos que interessavam á historia de Inglaterra e mandou publicar estes documentos depois de traduzidos.

Em 1862 e 1899 imprimiram-se em Londres 21 grossos volumes cujo conteúdo abrange o periodo de 1485 até 1603, sendo os coordenadores Bergenroth, Pascual de Gayangos, Royall Taylor e Martin Hume. A collecção é intitulada "Calendar of Letters and State Papers relating to English affairs preserved principally in the Archives of Simancas" e incluye papeis de outros archivos, taes como os de Vienna d'Austria. Ora, nestes volumes ha muito que toca a historia portugueza e elles podem ser consultados com proveito para a historia diplomatica. Por exemplo, o volume III do reinado da Rainha Izabel, que abrange os annos de 1580 a 1586, têm muitas referencias ao embaixador Antonio de Castilho, e a pag. 113 ha uma curiosa descripção do seu caracter, capacidade e conhecimentos. Os volumes têm optimos indices.

Congresso Medico Luso-Brasileiro

A proposito deste Congresso, a que já tivemos ensejo de nos referir, disse o iniciador, o Dr. José Monjardino, illustre medico portuguez e que, ha annos exerce entre nós a sua profissão, tendo assento na Academia Nacional de Medicina, o seguinte, que merece a mais ampla divulgação, por encerrarem essas palavras as solidas e fecundas idéas sobre as quaes poderemos assentar confiantes a obra de aproximação dos dois povos irmãos. Assim se expressou o Dr. Monjardino aos nossos collegas de "A Noticia".

"Temos de nos approximar, trabalhando. Eis porque este congresso medico se realiza, será, sob tal aspecto, um exemplo e um incentivo. Os medicos brasileiros e os medicos portuguezes apresentarão, sobre lados assumptos, as suas theses, e assim, terão, de parte a parte, uma noção da cultura, do interesse scientifico, do indiscutivel adiantamento existentes nos dois meios. Assim se olharão com respeito, com mais confiança e sem recatada admiração. De tal sorte, abre-se o caminho, alargam-se os horizontes, para os ensaios e pesquisas experimentaes, pois da confiança das conclusões adduzidas pelos investigadores que se preocupam, tantas vezes em resolver os mesmos ou differentes aspectos de uma dada questão. E depois é necessaria, na lingua portugueza, a homologação dos termos medicos; é justo arrancar de um indesculpavel esquecimento os nomes, e houve-os tão interessantes, dos naturalistas e medicos portuguezes ou brasileiros, mas por-

tuguezes de lei, que, em todo o periodo colonial desenvolveram a sua actividade e a sua sciencia nos vastos sertões brasileiros; é conveniente a permuta intensa de idéas, da imprensa medica, das conclusões laboratorias, das observações clinicas, de lições e optimo seria, de vez em quando, a ida dos professores brasileiros a Portugal e a vinda dos portuguezes ao Brasil."

Edgar Prestage

O Sr. Edgar Prestage é um typo completo de erudito. Pela sua vasta cultura, pelo seu estylo simples, colorido e expressivo, pelo extremado escrupulo como trata todos os assumptos e pelo seu alto senso critico, conquistou elle desde muito tempo a estima e o apreço de quantos conhecem os seus trabalhos, entre os quaes destacamos o ensaio biographico sobre D. Francisco Manuel de Mello, que é, no genero, obra definitiva, ácerca de um dos maiores mestres das letras lusitanas. Inglez de nascimento, mas portuguez de coração, e ligado á familia luso-brasileira pelo seu matrimonio com uma filha da illustre escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e do dedicado poeta brasileiro Gonçalves Crespo, do estudo da literatura e da historia de Portugal tem dado o melhor da sua energia. Agora mesmo foi encarregado de um curso sobre a literatura portugueza na Universidade de Londres, no qual não será esquecida a nossa, que elle conhece com vantagem e estima sinceramente. O Sr. Edgar Prestage, que é um dos membros mais acatados da Academia das Sciencias de Lisboa, conta no nosso meio innumerados admiradores e dedicações.

Uma carta de Alberto Rangel

A proposito do livro "Viagens Aventureiras de Felicio e Felizardo, recebeu D. Anna de Castro Ozorio, a seguinte e muito honrosa carta do Sr. Alberto Rangel:

"Por me haver distraído em Eu, onde summamente me preocupava a ordenação do archivo da Casa Imperial do Brasil, venho turdamente, do que me desculpo, agradecer a V. Exa. as noticias de sua chegada a Lisboa e bem assim o envio dos seus dous volumes de viagens infantis ao morgadozinho e seu amigo. O Bêtnio interessou-se immenso á excursão dos pirralhos de sua maternal invenção, sendo-lhe naturalmente sublinhado o interesse pelo sopro da brisa salina do Tréport, vizinho d'Eu a aplastrar as velas dos barcos que poderiam na occasião conduzir ao Polo ou ao Brasil o par de aventureirozinhos ozorianos. Suas impressões do Brasil approximado não o diminuir á sympathia dos olhos de transeunte! Ora, inda bem. Que a terra é grande e pode-se topar no que tem de peor. Explica-se a critica de certos anõesinhos tombados, numa verruga do gigante, julgam-no logo todo uma só excrecencia. E' verdade que ás vezes se julga de uma metropole pela primeira attitudo de um cocheiro na estação. Somos todos pelos preliminares. A mim me impressiona em geral não a aspecto do automedonte, mas as suas opiniões. Lembro-me que em Napoles deu-me elle um resumo de impressões que me dispensavam de ir mais por deante. Apontando ao casario o typo me exclamou: Sporca ma bella! Um volume de impressões com dous adjectivos de boléa... Meus respeitos á V. Exa. e ao senhor seu filho, a quem muito agradeço a attenção de me enviar o seu magnifico jornal. Sou com os protestos de todo o reconhecimento e admiração seu confrade mui attento. (a) Alberto Rangel.

OFFERECEMOS AOS HOMENS:

Uma Alfaiataria que talha e coze com perfeição e rapidez, e por preços ao alcance de todos.

Uma secção de roupas brancas com todos os artigos, desde o mais fino ao mais vulgar, desde o mais dispendioso ao mais barato.

CHAPÉOS, CALÇADOS, ETC.

VISITEM TODOS O PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

NOTULAS

— Segundo o *Catholic Press Year Book*, que acaba de apparecer em Chicago, ha nos Estados Unidos 20.103.761 catholicos. Contam-se, na grande Republica, 59.347 religiosas; 21 seminarios, collegios e universidades catholicas; 207 abbas, mosteiros e escolas apostolicas; 586 conventos e noviciados; 608 escolas livres e pensionatos; 599 escolas superiores; 559 hospitaes e sanatorios; e 594 estabelecimentos medicos. Tal é a forca catholica nos Estados Unidos.

*
* *

— Annuncia o *Exchange Telegraph* que os commissarios dos Soviets preparam um grande film, representando a revolução russa, no qual representarão Trotsky, Sinouwieff e outros proceres maximalistas. Quanto a Lenine, devido ao seu estado de saude precario, será substituido por um sosio.

*
* *

— O preço barato dos automoveis nos Estados Unidos vai pondo de lado a motocyclette, cujo uso decresce, pois em 1º Julho ultimo havia no territorio norte-americano apenas 127.035 destas machinas contra 150.000 no anno precedente. Na Inglaterra, porém, onde os autos são ainda caros, o numero de motocyclettes augmentou de 337.796 em Maio de 1922 para 387.274 em Maio deste anno.

*
* *

— A Sociedade dos Autores de Roma, sociedade que acaba de se fundar na capital italiana, concedeu o premio de romance para 1922 a Achille Jermicca, pelo livro, *Os Fantasmas de minha vida* e a Alfredo Petrucci, pelo livro — *A Casa da Sabedoria*. Os laureados são nomes novos nas letras italianas, onde estream com o melhor exito.

*
* *

— O multi-millionario norte-americano Barnes, grande fabricante de productos chimicos, fez construir nos arredores de Philadelphia um grande edificio, para Museu de arte franceza. Adquiriu na França, a peso do ouro, as pedras para a construcção e comprou obras preciosas, no meio das quaes, porém, lhe foram impingidas como arte franceza, muita mercadoria negra e russa, pelos expertos vendedores de Montparnasse.

*
* *

— Lucien Dubeck, criticando na *Revue Universelle* o theatro de Pirandello, a proposito de *Seis Personagens em busca de um autor*, pega que não julga bem feita, mas bizarra e construida sobre uma confusão entre a vida real e a vida das personagens imaginarias, reconhece uma sensibilidade forte no dramaturgo italiano, que diz ser um autor que procura patheticamente o seu eu.

*
* *

— Sabe-se agora que os famosos "Bertha" que bombardearam Paris em 1918, eram canhões electricos, construidos por Krupp, em numero de 7, dos quaes 3 foram para o "front", ficando os outros 4 em Essen. Como estes não pudessem mais ser utilizados contra Paris, por causa da retirada allemã, 2 foram destruidos e os outros 2 transformados em canhões pequenos. Os 3 do "front" foram carregados na retirada e destruidos em 1919.

— O Ministerio da Marinha dos Estados Unidos annunciou que um motor de aeroplano Wright, modelo E-4, funcionou durante 573 horas, numa prova feita na estação aerea naval de Anacostica e, durante esse espaço de tempo, nenhuma de suas peças essenciaes soffreu avaria. O chefe do Bureau of Aeronautic ajuntou que, no tempo que durou a prova, esse motor teria feito cerca de 108.000 kilometros, ou sejam duas voltas e meia do globo no Equador, num periodo de mais de tres annos.

MIGUEL COUTO

Se assim é, como penso, esse homem, do qual hoje a Cidade commemora em festa, o jubileu scientifico, o Dr. Miguel Couto, é verdadeiramente, um thaumaturgo.

O que elle vale como sabio apregoam-no, em louvores, as vozes dos seus pares e hontem soou em coro no sodalicio dos seus alumnos. O genio teve a merecida apothose com as laureas e os hymnos, cabe-me a vez de falar e falarei, como se tivesse mandato da Pobreza, do coração do santo.

Quem vê esse homem, culminando no ácupe da gloria, mestre consagrado pelos que, com elle, cultivam a flor benefica de Hygia, pensará, de certo, como aquella mãe que, solicitada pelo filho enfermo, que desejava a presença de Jesus, que não descera aos baixos da miseria quem assiste nas alturas. Engano.

Como os rios que, nascendo nos pincaros, descem precipitadamente e ageis para abeberar as terras rasas e nellas se fazem brandos, fertilisando leiras e dessedentando rusticos e rebanhos, elle baixa a todos os reclamamos.

A maneira dos deuses e da luz aonde o invocam acode, onde encontra sombra dissipa-a: desce a escaleira do palacio, onde esteve á cabeceira do leito nobre e outra no tugurio abeirando-se do estreme.

Se ao cliente rico, ao qual não falta conforto, fala como amigo, ao pobresinho dirige-se como pai e, quanta vez, na indigencia de um lar, ao retirar-se, como a luz deixa o calor, á receita que faz ajunta o custo do aviamento e ainda sobras que dêem para a dieta.

Quanta vez, na tristeza de uma pobre mãe, que chora, deixa elle ficar uma lagrima do seu coração piedoso, bolsa da caridade!

Quando elle entra no casebre humilde os corações levantam-se: elle é o *Sursum corda!* dos desventurados.

COELHO NETTO.

*
* *

— No ultimo trimestre de 1922, os bondes e automnibus de Paris, percorreram 34.333.339 kilometros, conduzindo 239.385.297 passageiros, sendo 48.054.452 de primeira classe e 191.339.845 de segunda. A venda das passagens foi de 76.356.292 francos.

*
* *

— O capital da *United States Steel Corporation*, o grande syndicato fundado por

John Pierpont Morgan e Andrew Carnegie, representa mais de metade da riqueza de todos os Estados Unidos. Dirige hoje essa formidavel empreza o filho de Pierpont Morgan, que tem o mesmo nome do rei do ago.

*
* *

— Mme. Marie Laparcerie accusou Victor Marguerite de se ter aproveitado de ideias e planos seus, que lhe communicara sob reserva, para escrever os seus dois ultimos e formosissimos livros. A resposta do autor de *La Garçonne*, foi a seguinte: — Sr. Director. — Não estou disposto a acompanhar Madame Marie Laparcerie, na sua ancia de publicidade, mas não me dispenso — e faço-o com muito gosto — de por V. Ex. ao corrente duma reflexão que a carta della me suggere: — Devemos evitar, com todo o cuidado, que os monomanos se sentem á nosa mesa. — De v., etc., Victor Marguerite.

*
* *

De 1821 a 1921 entraram no territorio brasileiro 3.700.166 immigrants, das seguintes nacionalidades: italianos, 1.899.660; portugueses, 1.075.135; hespanhões, 520.037; allemães, 139.356; russos, 106.996; austriacos, 80.819; turco-arabes, 60.816; francezes, 31.136; inglezes, 19.948; suissos, 12.225; suecos, 5.572, belgas, 5.538, e diversos, 251.928.

*
* *

— O consumo de algodão nos Estados Unidos está avaliado em mais de 13 milhões de fardos de 227 kilos. A producção deste anno está estimada em 11 milhões de fardos. Acresce a circumstancia de que o *boll-weevil* está damnificando as plantações, reduzindo as colheitas e provocando o exodo dos trabalhadores. E a *ving-ball-worm* foi observada novamente no sudoeste e no Texas. O Departamento da Agricultura dos Estados Unidos annunciou que a producção de algodão do corrente anno é calculada em fardos 11.516.000, o que corresponde a 67.3 por cento da producção normal.

*
* *

— Em 29 de Janeiro de 1923, foi calculado que as despesas dos Estados Unidos excederiam a receita por cerca de \$92.000.000. No entanto, em uma reunião dos chefes do Departamento do Governo e seus auxiliares e pessoas interessadas na direcção financeira dos Estados Unidos, effectuada em Washington em 18 de Junho, o ex-presidente Harding declarou ao seu auditorio que haveria um excesso de \$200.000.000 no fim do anno fiscal em 30 de Junho de 1923. Houve uma redução effectiva de cerca de..... \$256.000.000 das despesas correspondentes ao anno fiscal anterior. Espera-se que no anno proximo haja novas economias com effiecia igual, de maneira que o "deficit" indicado de \$30.000.000 terá desaparecido. O orçamento das despesas para 1923-1924 é de a redução da divida publica.

*
* *

— Segundo um communicado do Sr. Stefani, a politica do Governo Mussolini já obteve que 190.000 italianos emigrassem durante os seis ultimos mezes, sendo que 61.171 passaram os mares e 125.000 ficaram no continente. Os tres quintos destes ultimos 43.225, dirigiram-se para a America do Sul. A America do Norte só pôde receber 42.075 italianos, por anno. O melhor mercado é o da Republica Argentina. Diz o communicado que o Brasil offerece empregos nas fazendas, mas poucos italianos aceitam as condições. O commissariado collocou durante esses seis mezes cem mil operarios no estrangeiro e forneceu mais de 50 milhões de liras ouro a emprezas de construcções.

REPERTORIO

HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

Mauricio Jókai

Emquanto a imaginação de Kemeny, seu antagonista litterario, se comprazia no mundo dos levantes nacionaes que agitaram a Hungria numa certa época, a imaginação de Mauricio Jókai (1825-1904) percorria toda a terra, do Leste fabuloso e do Sul resplandesciente ao polo Norte, da antiguidade longinqua ao futuro remoto. Se por alguns vinculos frageis, Kemeny se liga a Walter Scott e a Balzac, Jókai, por seu lado, está mais perto de Dumas, o pai, e de Eugenio Sue, mas a sua imaginação é incomparavelmente mais rica que a desses dous autores. Suas experiencias, suas recordações e suas leituras amontoavam na sua alma uma vastissima materia, que o ajudava depois a compôr com uma facilidade maravilhosa, contos deliciosos, phantasistas e brilhantes. Sua invenção é inexgotavel, em seus cento e cincoenta volumes nunca se repete. Cada uma das suas historias é nova e original. Como verdadeiro poeta romantico, o seu unico fito é fazer-se apreciar, sem a menor preocupação de verosimilhança. Tem romances que não são senão um tecido de aventuras incriveis, outros são mais reaes, porém tornados maravilhosos pela composição. O facto é que a rapidez na successão dos acontecimentos, a habilidade no emmanhar dos fios do enredo são taes que o leitor, interessado ao mais alto ponto até o fim do romance, não percebe a varinha do magico. Esta illusão, só pôde ser mantida com excellentes personagens do segundo plano, com typos bem desenhados das aldéas e das pequenas cidades hungaras; as personagens principaes, pelo contrario, para serem dignas do vertiginoso conto romantico, são typos do bom e do máo, do bello ou do feio sempre exaggerados, personificações da virtude e do vicio, homens dotados das mais brilhantes e temiveis qualidades do corpo e da alma. Elles entendem de tudo, conseguem tudo, porque possuem ao mesmo tempo a coragem de Ricardo sem Medo (coração de Leão), o espirito de Voltaire, a sciencia de Leibnitz e a força de Sansão. Não se trata, pois, na obra de Jókai, de uma exposição dos motivos, de uma analyse psychologica, mas a inegualavel arte de contar supprime a tudo. Jókai é o melhor narrador da Hungria. Sua palavra corre como uma fonte, com uma facilidade, uma expontaneidade maravilhosas; o autor traduz o prazer ingenuo, commum aos narradores populares, de gosar da sua propria voz. Seu "humour" um tanto singular, meigo e empotigante, sua serenidade privada de qualquer amargura, accrescentam tambem alguma coisa, ao encanto da narrativa. Sob o ponto de vista da arte, suas novellas são superiores aos seus romances. São mais simples e mais verosimeis e lembram o quadro de genero, emquanto que os seus romances, concepções fabulosas de uma rica imaginação, são mais deliciosos, principalmente essas obras gigantes que pintam a transformação da nação, o estabelecimento da nova Hungria sobre as ruínas da Hungria feudal. Taes são, na ordem

historica: "Um Nabob magyar", "Karpatti Zoltan", "Deus é unico", "Os filhos do homem de coração duro", "O novo Senhor" e a "Rosa Amarella", cujos assumptos são tirados da vida popular moderna. O quadro historico serve apenas para divertir e fazer effeito, como as brilhantes imagens da natureza. Se o tempo decorrido desde o apparecimento desses romances não apagou os protestos justificados da critica, elle não conseguiu tão pouco diminuir a sua popularidade. Ainda hoje, Jókai é o romancista mais querido na Hungria e o mais conhecido no estrangeiro.

Os romancistas húngaros contemporaneos gruparam-se em torno de Jókai, todos elles soffrendo mais ou menos a sua influencia. Foi elle quem lhes ensinou a arte do conto, os meios de captivar o interesse. Sua acção sobre elles mostrou-se por vezes muito profunda. Se nos seus contos fantasticos, sobre assumptos orientaes, Jókai recebeu a influencia de Pedro Yajda, foi sob a influencia de Jókai que se multiplicaram obras analogas. Jókai creou uma segunda escola para os seus quadros do passado longinquo, quadros romanticos, brilhantes, mais bellos que verdadeiros.

Siegmund Bosel

A proposito dessa interessante personalidade, o sr. Ferdinand C. M. John escreve: Siegmund Bosel, o Hugo Stinnes da Austria e que sustenta financeiramente o partido socialista anti-capitalista, representa, certamente, o typo mais extraordinario de "profiteur" que o mundo conhece.

Ha sete annos atraz, o joven Bosel, que contava apenas 25 annos de idade e recém-chegava da Galicia, era o pobre empregado de uma loja de roupas de Vienna. Em 1916 a capital austriaca regorgitava de judeus da Galicia, que haviam fugido ante a invasão russa. A proposta de Bosel, para fornecer vestes a esses refugiados, seus conterraneos e correligionarios, foi aceita pelo governo, visto que elle pedia tres por cento de lucro para si, ao passo que os seus concorrentes exigiam percentagem muito mais elevada. E' verdade que o gabinete, a principio, mostrou alguma hesitação, pelo facto de ser o nome de Bosel completamente desconhecido no mundo dos negocios: mas ambas as partes afinal, portaram-se a contento reciproco, tendo o governo poupado muitos milhões, em um momento em que os meios já começavam a lhe escassar, e Bosel realisado o lucro liquido de dois milhões de coróas — que então ainda valiam 350.000 dollars.

Depois desse começo propicio, Bosel não tardou a obter encomendas para fornecer ao exercito calçado e outros artigos de vestuario. Quando veio o armistício, a sua situação de fortuna era conispua. O seu capital, entretanto, parecia seriamente ameaçado pelo governo socialista extremado, que substituiria a Monarchia e que ameaçava proceder á confiscação dos lucros de guerra.

Nessa emergencia, Bosel adoptou alvitre habil e intelligentissimo, o qual lhe valeu uma posição de grande vantagem sobre os seus competidores. Procurando o inimigo dentro dos seus proprios arraaes, elle offereceu aos socialistas o seu auxilio financeiro, e teve a satisfação de ver aceitos os seus serviços de forma captivante. A "Arbeiter eitung", o órgão central do partido socialista, então em situação financeira bem difficil, foi muito especialmente auxiliada por Bosel, e de tal forma que hoje o maior capitalista da Austria é praticamente, o dono desse jornal radicalmente anti-capitalista.

Como consequencia logica dessa união hybrida, Bosel nunca é atacado, nem mesmo mencionado pelos socialistas no Parlamento e na imprensa, que, ao mesmo tempo troyejam contra outros capitalistas e aproveitadores, especialmente contra Castiglione, o filho do rabino de Trieste, que conquistou a sua fortuna por processos analogos aos de Bosel, e é o mais perigoso rival de negocios deste ultimo.

Perfeitamente consciente do valor da imprensa como arma de propaganda em geral, Bosel não se limita aos jornaes socialistas, mais fundou dois jornaes burguezes em Vienna: "Der Tag" e "Die Stunds"; comprou ou fundou varios órgãos na Hungria, Yugo-Slavia, Tcheco-Slovaquia, enfim, em todos os lugares em que elle tinha interesses mercantis, e ultimamente se annunciou haver elle adquirido um novo jornal em Berlim, o "Montag Morgan".

O ultimo golpe desse homem astucioso foi a aquisição da maioria das acções do Union Bank, que é um dos mais importantes bancos da Austria e com isso elle conquistou uma posição dominante em grande numero de empresas financeiras e industriaes. Fez-se immediatamente, eleger presidente do Banco, e, tres dias depois, o antigo presidente destornado, Minkus, que dirigira o Union Bank durante um periodo de mais de quarenta annos morria repentinamente, de uma syncope cardíaca determinada pelo golpe, segundo correu na Bolsa.

Os facistas austriacos consideram Bosel como inimigo, e por duas razões — porque sustenta os socialistas e por ser judeu. Descobriu-se, recentemente, em Vienna, um complot fascista cujo objectivo principal era o assassinio de Bosel e de Deutsch, ex-ministro da Guerra, socialista e chefe da ala esquerda do partido.

Bosel é solteiro. Pouca attenção, ou nenhuma dá elle ás mulheres, pois ellas, segundo a sua opinião, só servem para perturbar as idéas dos homens e tornal-os imprestaveis para os negocios "serios".

Como Stinnes elle é um espirito reservado. Não gosta de ser visto nem ser ouvido em publico. Seus jornaes têm estricta ordem de não mencionar o seu nome tanto quanto for possivel.



A Cidade de Patagonia

Afim de reparar a injustiça historica, que riscou do mappa da Argentina o nome de Patagonia, foi apresentado á Camara dos Deputados desse paiz, um projecto de lei, criando uma cidade, que será situada no territorio em que Fernando de Magalhães pisou pela primeira vez e que terá o nome de "Patagonia". O projecto parece que conta com o apoio da opinião do paiz visinho, não só pelo lado historico, como pelo economico, pois irá concentrar os multiplos interesses mercantis da zona meridional argentina, hoje disseminados, como praça central de ricos e extensos territorios. Ao mesmo tempo que evoca o passado dos navegantes maravilhosos, serve ao futuro do paiz, sendo um grande emporio de actividade e força que se estabelece no sul da Argentina. Era de facto, indicio de desamor á tradição o desapparecimento da denominação de Patagonia, evocadora da descoberta de Magalhães, a quem só essa região parecia um continente inteiro. Por taes e justissimas considerações, o projecto foi acolhido numa atmosphera de sympathia, que lhe assegura desde logo a approvação.

Box e nacionalismo

Levantaram-se em Buenos-Aires varias vozes de protesto contra o que se chamou o "symbolismo de Firpo". E' que se pretendeu fazer desse possante pugilista um representante do paiz, nelle se fixaram as qualidades do

povo e se quiz fazer de seus musculos de ferro uma garantia de renome e de prestigio da nação. A multidão, que recebeu contristada, na Avenida de Mayo, em 14 de Setembro ultimo, a noticia do "Knock-out" de Firpo, dava a impressão de ter sahido de um agravo á soberania nacional, como se os seus anhelos de triumpho de "boxeur" fossem ardores de lidismo patriotismo, esmagados no "rink" de Polo Grounds. Não nos espanta. Temos assistido, e ainda vimos no anno passado, partidas de "foot-ball" do campeonato sul-americano, nos quaes se symbolizam as côres nacionaes nos valentes ponta-pés dos "players" de cada paiz. E esses encontros desportivos, ao invéz de ensejo de amigavel competição, se transformaram em aggressivas e irritantes disputas, que devem findar. Por isso, se explica o entusiasmo argentino pelo "touro dos pampas" e a desolação pela derrota. Mas, é preciso reagir contra essa ingenuidade do povo, evitando esses excessos, como se as nações fossem grandes pelos musculos ou agilidade de alguns individuos excepcionaes, mas cuja força e dextreza apenas lhes favorecem ensejo de grossas fortunas. Ninguém contesta as vantagens da educação physica e do amor pelo desporto, mas entre a obsessão, hoje dominando todo o mundo, e a medida vai um abysmo. Se não fosse uma anomalia da época, seria ridiculo fazer de pugilistas e atletas symbolos do vigor de um povo.



A solidariedade feminina na America

E' do teor seguinte a carta que a Sra. Charles Evans Hughes, esposa do Secretario de Estado dos Estados Unidos, dirigio á Comissão Auxiliar de Senhoras do Segundo Congresso Scientifico Pan-Americano, a proposito dessa data memoravel:

"Considero um verdadeiro privilegio, trazer, na qualidade de Presidente da Comissão Auxiliar Feminina, cumprimentos a todas vós que hoje commemoraes, não obstante as diferenças da lingua e da raça, uma data que irmana os corações femininos de toda a America.

Esta bella iniciativa faz desaparecer as diferenças que nos separam. Inspiradas as mulheres de todos os paizes amigos a reunirem-se simultaneamente nas capitães dos mesmos, pela primeira vez nos annos da historia da America, equivale á celebração desta data ao primeiro passo do advento da mulher no estreitamento da amizade continental.

Faço votos mui sinceros para que da solidariedade feminina ora estabelecida, surja o desejo de auxilio mutuo e de coordenação continua do labor.

Unidas, elevemos bem alto as nossas aspirações, descortinemos horizontes vastos aos nossos ideaes, levemos a fructificação abundante ás novas oportunidades offerecidas á mulher.

Saudo-vos, irmãs. (A) Mers. Charles Evans Hughes, Presidente da Comissão Auxiliar Feminina dos Estados Unidos, no Segundo Congresso Scientifico Pan-Americano".



Como a França encara os problemas internacionais

Falando em Evresse, em dias do mez passado, o presidente Millerand proferiu um importantissimo discurso, em que fez uma exposição completa dos diversos problemas de ordem internacional que occupam, neste momento, a attenção dos homens de Estado e entendidos, principalmente a posição actual da França, tanto no que respeita ás questões de ordem interna, como no que concerne aos assumptos de caracter internacional.

A guerra — disse Millerand — transformou a face da Europa, e creou situações extremamente delicadas a que é preciso dar, quanto antes, solução justa e equitativa.

Referindo-se á Russia, o chefe do Estado lamentou a situação em que se encontra, presentemente, o referido paiz, e declarou que o mundo inteiro e o povo francez em particular desejavam, ardentemente, que a grande potencia, que no principio da conflagração tão efficaç auxilio prestou á França e aos alliados, saia, o mais rapidamente possivel do chãos em que se encontra.

A proposito da dissolução do imperio austro-hungaro, disse o presidente:

"O objectivo primordial dos alliados, ao entrarem na luta preparada e provocada pela Alemanha, era a reincorporação da Alsacia-Lorena no seio da mãe-patria, a reconstituição da Polónia e a libertação das nacionalidades opprimidas pelos Habsburgos. Nunca a idéa de nacionalidade pareceu mais forte do que então, e nunca os politicos deverlam desprezal-a, nos seus sonhos de um futuro melhor. Em vista da amplitude que vem tomando a cooperação internacional — accrescentou o Sr. Millerand — essa idéa não constitue apenas uma promessa: está plenamente justificada pelos beneficios que a sua realização trará a todas as nações. A primeira necessidade dos novos Estados é a sua segurança externa. Esses Estados sabem perfeitamente que a França, respeitadora, como é, dos tratados que firmou, nunca permitiria que a ordem de coisas creada por esses pactos seja modificada ou perturbada. A França, ao demais, não reclama senão aquillo que lhe é devido, e o seu mais ardente desejo é tornar cada vez mais estreitos e intimos os laços de amizade e alliança com os povos cujos sacrificios jamais esquecerá. Respeitando o direito e a vontade dos povos, a França levou os seus escrupulos até ao pon-

to de sacrificar as garantias mais importantes da sua segurança. Esperou durante tres annos e talvez tivesse ultrapassado os limites das concessões, antes de se resolver a lançar mão, juntamente com a Belgica do direito de compressão que o Tratado de Versailles lhe reconhecia.

A França adeantou mais de com billões, por conta do devedor contumaz, e por isso foi obrigada a crear novas fontes de renda para fazer face aos seus espantosos encargos."

O presidente lembra, a seguir, a obra do Parlamento, e exalta o patriotismo do contribuinte francez, que acceitou com satisfação novos e pesados impostos, consolidando assim, os resultados da victoria.

Passando ás questões de caracter particular, o chefe do Estado faz um estudo aprofundado da politica interna da França, e salienta, sobretudo, o restabelecimento das relações com o Vaticano, a terminação das desordens economicas de 1919 e 1920; frisa a grande importancia dos numerosos projectos governamentais, de ordem social discutidos e votados pelas Camaras, o restabelecimento do equilibrio orçamentario e declara que a mais segura garantia do Tratado de Paz é que ninguém possa nem sequer abalar a ordem de coisas estabelecida.

"A Nação Franceza — proseguir o presidente — comprehendeu, depois da lição de agosto de 1914, que as esperanças pacifistas tinham sido radicalmente desmentidas com a apologia da propriedade privada, offerecida pela Russia, inaugurando a dictadura." O Sr. Millerand faz votos para que todos os francezes collaborassem na ampla politica social que se propõe edificar e não destruir, na mais intima solidariedade de todas as classes.

"Orgulhos, da victoria, com tantos sacrificios obtida, resolvida a não deixar escapar nenhum dos seus fructos legitimos, a França sabe que a paz civil como a paz externa, a concordia dos cidadãos, como a "entende" com os outros povos, são as condições primordiales do trabalho fecundo e do progresso social. Nada prevalecerá contra a sua vontade clarividente e avisada."

O custo da vida

As estatisticas mundiaes sobre o custo da vida, baseadas nos preços por atacado e a varejo, mostram pelo menos uma tendencia decididamente favoravel á baixa. Essas estatisticas que foram colhidas mensal e trimestralmente nos principaes paizes do mundo pelo "Bureau" Internacional do Trabalho, ainda continuavam a demonstrar no primeiro trimestre deste anno a mesma tendencia ascendente do custo da vida observada desde a terminação da guerra. Sómente durante o segundo trimestre de 1923 é que se começou a notar a baixa, que continuou nos dou primeiros mezes do terceiro trimestre. Os peritos do "Bureau" Internacional do Trabalho, julgam, portanto, ter-se definitivamente affirmado a tendencia descendente até chegar á base normal. Os principaes paizes onde os preços se inclinaram para a baixa no correr dos ultimos cinco mezes, são: Sul Africa, Austria, Belgica, Egypto, Estados Unidos, India, Hollanda, Inglaterra, Suecia, Suissa e Tcheco-Slovaquia. As nações que não experimentaram alteração especial, mas onde em todo o caso os preços dos generos ficaram estacionarios, são a Hespanha, o Japão e a Nova Zelandia. Nos unicos paizes onde ainda se ob-



A VICTOR VICTROLA

RÉPRESENTA UM THEATRO

Adquirindo um destes instrumentos fechará um contracto permanente com os mais afamados artistas do mundo. Peça uma demonstração pratica.

UNICOS REPRESENTANTES PARA O BRASIL

PAUL J. CHRISTOPH & C^{IA}

98, RUA DO OUVIDOR, 98.

RIO DE JANEIRO

serva a alta nos preços são a Alemanha, França, Australia e Dinamarca. Nos dous primeiros acredita-se ser devido á situação do Rhur. No Canadá, Finlândia e no Reino Unido, desde ha muito mezes que os preços dos generos de consumo vêm melhorando. A baixa nos preços nos Estados Unidos, segundo se affirma, é devida á grande actividade industrial que predomina nesse paiz. Na Russia, entretanto, ainda sobem as cotações dos generos, mesmo nesta época, na proporção de 50 por cento por mez.



Ariel

O primeiro numero desta revista musical, que appareceu em S. Paulo, é uma admiravel tentativa do maestro Sá Pereira, para dotar as nossas letras musicas com um vehiculo de cultura e divulgação, de que tanto necessitamos. A revista, como apresentação, é uma obra de arte, trazendo uma capa suggestiva de Palm e outras illustrações do mesmo, feitas como se fossem sobre madeira. O texto tem artigos firmados por A. de Sá Pereira, Mario de Andrade, Serge Milliet e outros, afóra notas interessantes de commentario e divulgação. Ha uma pagina com idéas de Busoni sobre a musica moderna, cujo merito não precisamos encarecer. Em summa, *Ariel*, que se apresenta com a pagina de Rodó sobre a figura ideal será, entre nós, uma força de cultura e de ascensão espiritual.



Antonio Muniz: **A BAHIA E OS SEUS GOVERNADORES NA REPUBLICA.** Bahia, 1923. Nesse alentado volume, o ex-governador da Bahia faz um retrospecto de toda a vida politica do Estado, na qual tem tido, ultimamente, papel preponderante, procurando descrevel-a com notas e documentos interessantes. E' esse um subsidio valioso, para a historia da Bahia e, posto rege o inevitavel parcialismo no tratar as campanhas em que tomou parte salientissima ás vezes, o livro offerece um repertorio consideravel de documentos, mesmo de seus adversarios, o que orientará sobremaneira os que delle se servirem. Estudando desde a nomeação do grande Manoel Victorino, na proclamação da Republica, para governar o Estado, até os successos que occorreram na ultima eleição do Dr. Seabra, abrange até os nossos dias, essa estimavel noticia historica, do melhor merito.

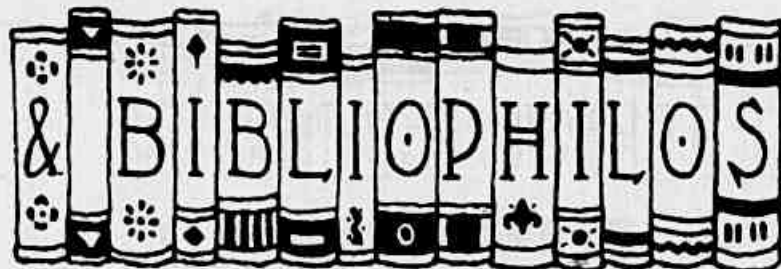
Marques Pinheiro: **CONTRA O ANALPHABETISMO.** Rio, 1923. Esta é a these que o Sr. Marques Pinheiro enviou á Academia Brasileira de Letras, sobre o melhor meio de divulgar o ensino primario no Brasil. Versando o assumpto com competencia e procurando o lado pratico de resolver o grande problema, o A. se revela um estudioso attento e lucido; propondo o ensino obrigatorio, decretado pelo governo, que manterá escolas, por um lado, e favorecerá a manutenção del'as por terceiros, do outro, de sorte a entrarmos no "caminho das realidades". Este trabalho merece o estudo attento de quantos se interessam pela benemerita cruzada, de que depende a grandeza nacional.

Honorio de Souza Sylvestre: **ASPECTO PHYSICO E BACIAS HYDROGRAPHICAS DOS RIOS AMAZONAS E PRATA.** Rio, 1923. São separatas que o Sr. Honorio Sylvestre, nosso distincto collaborador, fez de sua collaboração na grande Geographia do Brasil, que edita a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, commemorativa do Centenario da nossa independencia. Professor dessa disciplina no Collegio Pedro II, o A. é sem duvida uma das nossas mais conspicuas autoridades no assumpto, sendo esses trabalhos por varios aspectos do maior valor. Registrando o seu apparecimento, chamamos a attenção aos leitores para os mesmos, pois são dignos de grande apreço.

General Moreira Guimarães: **BATALHA DE TUYUTY,** (Rio-1923). E' uma conferencia que o Auctor proferiu no Instituto Historico e Geographico, em 24 de Maio ultimo, a proposito da batalha de Tuyuty, estudando o seu desenvolvimento e as suas consequencias, que julga, e de modo muito razoavel, se revestir apenas "de simples physionomia tactica". posto pudesse assignalar o termo da guerra. Seja como fôr, essa batalha deu novo rumo á campanha, neutralizando a offensiva de Lopes e o reduzindo á resistencia, que foi, todavia longa e formidavel. O trabalho do general Moreira Guimarães, feito com criterio e segurança, está pontado de considerações de mais alto interesse para o estudo da guerra contra Lopez.

Dyonelio Machado: **POLITICA CONTEMPORANEA,** Porto-Alegre, 1923. Neste livro, estuda o Auctor tres aspectos da politica contemporanea, a saber: Relações Economicas da Paz, Posição Militar do Brasil e sua repercussão na Vida Continental Americana. A Revolução, esta ultima parte a proposito dos acontecimentos politicos e militares da ultima campanha presidencial. Esses ensaios são feitos com vivacidade e suggestivos, mostrando o Auctor empenho de sujeitar á analyse sociologica os diversos factores da politica moderna que fixa. Registrando o apparecimento deste livro, é auspicioso observar o interesse crescente que vão despertando nos estudiosos os phenomenos politicos e sociaes, vistos sob uma analyse superior e no ponto de vista das idéas geraes.

GEOGRAPHIA DO BRASIL: Commemorativa ao 1º Centenario da Independencia. Vol. X — O volume X, segundo apparecido desta grande obra, a que já nos referimos pormenorizadamente, e que é publicada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, é a chorographia do Estado de Minas Geraes e que foi elaborado pelo Sr. deputado Nelson de Sena. E' um trabalho notavel, em que se estuda o sólo, o homem e o estado, ou seja o triplice aspecto da geographia — o elemento physico, o ethico e o politico. Pela sua documentação, pela maneira perfunctoria com que aborda e discute os problemas e pela clareza na exposição, este livro merecerá dos estudiosos o melhor apreço. Do seu alto merito, dirão os entendidos no assumpto, sendo este trabalho digno da obra em que figura. E é esse o maior louvor que se lhe pôde fazer.



Letras francezas

Francis de Miomandre, o notavel romanista cujo delicioso "Ecr't sur de leau" foi co-rodado ha annos pela Academia Goncourt, e que contamos agora como nosso collaborador effectivo, acaba de publicar um novo romance: "Le Greluchon sentimental". Francis de Miomandre como que condensou o que cada uma das suas obras anteriores tinha de particular, fina ironia, senso subtil dos homens e da vida, sentimento delicado, neste bello livro, vivo, alerta, elegante, aprazível. E como elle conhece o coração humano de hoje! Dizemos hoje porque se se admite que elle é eternamente o mesmo na sua essencia, é preciso concluir que a vida actual, a civilização, as transformações sociaes, o modificaram e so-

bretudo o complicaram. Francis de Miomandre soube, com arte verdadeiramente magistral, mostrar-nos esses seres a um tempo complexos e superficiaes, ferozmente egoistas e loutamente despendedores delles mesmos e, no fundo, muitas vezes realmente e delicadamente sensiveis, movendo-se nessa vida "tão parisiense", que é tanta coisa e é tão pouca coisa.

A ironia de Francis de Miomandre é amavel. Embora pinte na sua realidade desalentadora os vícios, as fraquezas e as torpezas dos homens, a sua visão é optimista. No meio das hypocrisias e baixezas de um meio decadente, florescem puros e singelos sentimentos; no brejo lodoso rutila a flôr do amor, coroadada de sol. E isto nos faz esquecer, como Miomandre, a fealdade da vida em cujo estrume putrido medram por vezes os sentimentos que fazem o homem grande.

Desse livro captivante, de uma amentia leitura, escripto ao que parece unicamente para agradar e divertir, desprende-se uma doce philosophia da vida, indulgente, humana, bem franceza. Talvez se possa dizer que esse romance não é mais da nossa época atormentada e sombria e cujo espirito se afasta cada vez mais da medida para os excessos de toda especie. D'ga-se mesmo que é um livro passadista. Mas deixae-nos descansar um pouco na sua amavel singeleza, saboreando-lhe o frescor juvenil, revivendo o que fomos, talvez levianos, superficiaes, instaveis, sybaritas da vida, mas felizes e despreoccupados, e desvencilhar-mos um momento da ancia terrificante que surgiu do grande incendio de 1914 para o nosso tormento infinito.

França

Livros a sahir:

De Helene du Taillis um romance na livraria Flammarion: *Enterrons L'Adultère*, que pelo menos revela boas intenções. Jean Dor-senne prepara á sombra das palmeiras de Haiti um livro *Le Mariage de Rarahu*, que dizem não é senão o *Mariage de Lote* encarado de ponto de vista indigena. Camido prepara um romance: *L'escalier des sept femmes*. De Jacques Boulenger, o *Saint Graal* e a *Mort d'Austrus*. De Pierre de Nolhac: *Versailles*, em que o autor não fala (felizmente) no tratado. De Ch. H. Hirsh *Eva Tumarche et ses amis*. De Maurice Barrès: *Une enquête au Pays du Levant*.



A moeda

Um dos maiores obstaculos para a reconstrução economica da Europa — escreve o sr. Georges Valois, — é a espantosa desordem monetaria, em que se encontram as nações europeas em sua maioria. Não é preciso mais explicar como a avaria das principaes moedas constitue um entrave a todas as trocas internacionaes e um embaraço constante para a produção de cada paiz. Poder-se-hia pensar que os homens de dinheiro, que se apresentam como restauradores da Europa, dedicariam o melhor da sua attenção á restauração das moedas. Mas é exactamente o contrario o que acontece. Salvo raras excepções, os grande homens de negocios e os financeiros, patrocinam nos varios paizes em que têm influencia uma politica de inflação. Isso não precisa ser demonstrado para a Alemanha. São dos meios de negocios e de finanças que têm vindo, de um anno a esta parte, todas as propostas tendentes á inflação mais ou menos encoberta. Desses mesmos meios vieram os golpes contra o crédito do Estado (redução dos reembolsos do Estado ao Banco de França em particular). Emfim, são os chefes da finança internacional que ameaçam, ha um anno, essa offensiva contra a moeda franceza fazendo-a baixar de o franco de 0fr. 40 a 0fr. 25 ouro.

Assim os campeões da Economia unem os seus esforços contra as moedas aggravando dali as difficuldades economicas das nações europeas, multiplicando as causas dos conflictos sociaes e internacionaes. Não se comprehenderia uma tal loucura, que deixa a Europa em perigo extremo, se não se pensasse que essa gente tem vista curta para o que concerne os interesses da civilização e dos paizes, e que consideram as guerras e as revoluções como ensejo propicio ao crescimento do seu poder e da sua fortuna. Têm as perturbacões monetarias como abençoadas, porque fueram muito com as inflações, que fazem passar pelas suas mãos uma grande parte da fortuna movel e imobiliaria dos varios paizes da Europa.

ACABA DE APPARECER:

Elysio de Carvalho
**PRÍNCIPES DEL ESPÍRITU
AMERICANO**

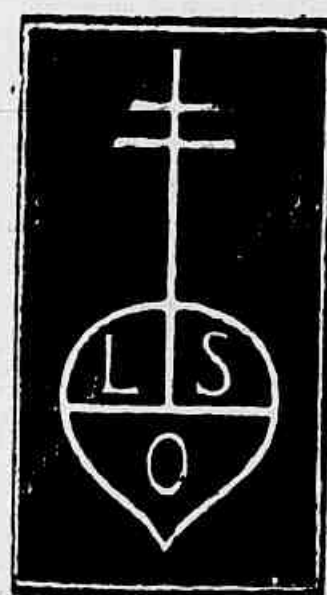
Traducción del portugués y prologo
de César A. Comet

Volumen de la "Biblioteca de Autores Célebres"

Ed. 'Editorial-America', Madrid.

1 Vol. de 257 paginas . 6\$000

Pedidos á **LIBRERIA ESPAÑOLA,**
Alfandega, 47—Rio de Janeiro



LEO S. OLSCHKI

Publisher, Antiquarian

Book & Printseller

Large stock of Incunabula, early Americana, Illuminated Mss., Aldines, Dante & Petrarch editions, Books on fencing, old Music, Bindings, original Drawings by old Masters, Engravings, etc.

CATALOGUES ON APPLICATION

Books not in stock sought & reported
free of any charge.

FLORENCE

4, Lungarno Acciaiuoli, 4

For telegrams: OLSCHKI—Florence
Branch-house at Roma: Fontanella Borghese, 22

MAGGS BROTHERS

34 & 35, Conduit Street

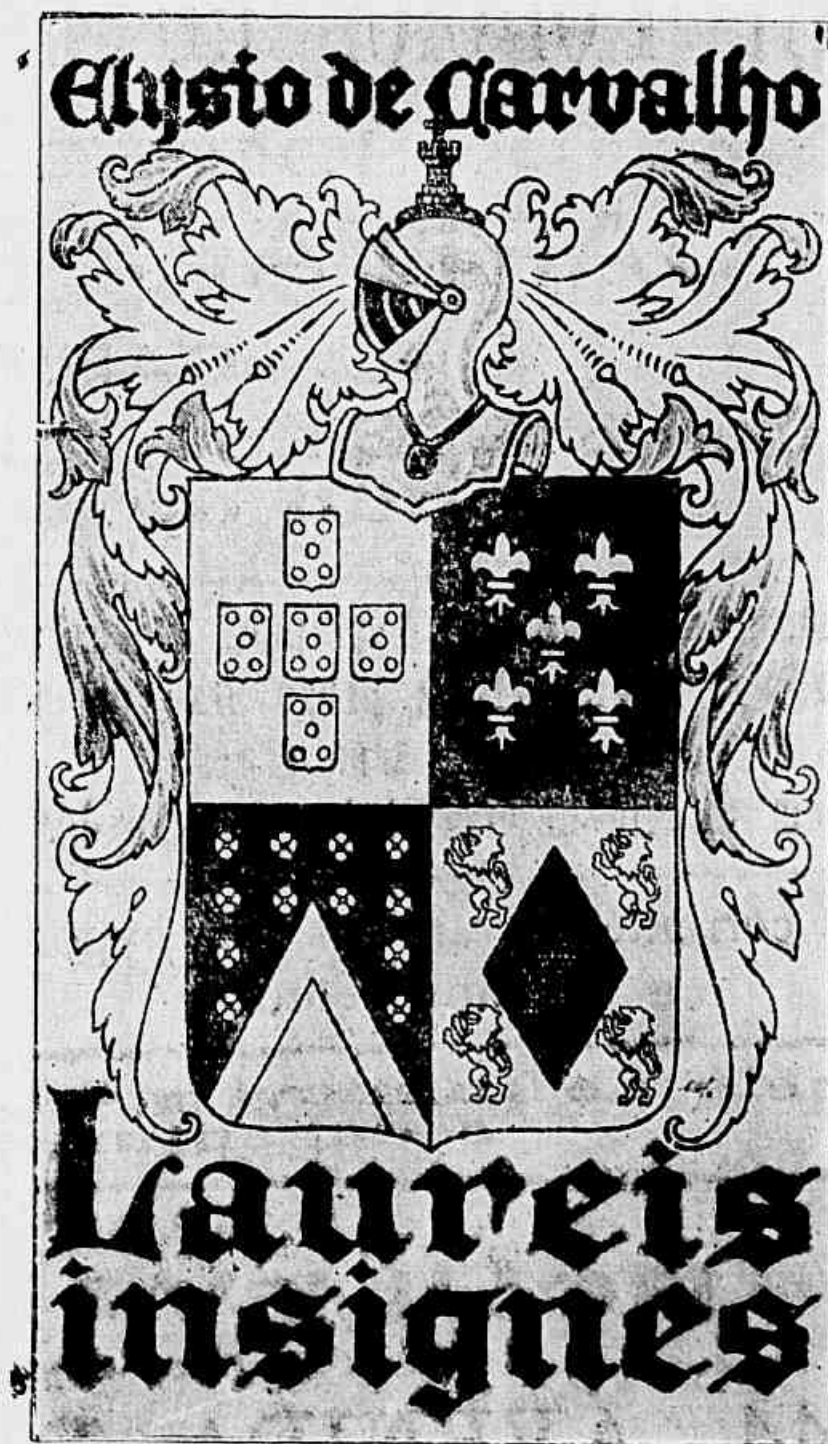
Neue Bond Street—LONDON. W.

Endereço Telegráfico: BIBLIOLITE, Londres

Compra e pede ofertas de livros raros, com ou sem gravuras em madeira, livros antigos sobre a América do Norte, o Japão, a China, as Indias, História das Missões, Califórnia, Austrália; relações de Colombo, Vespúcio, Cortez, etc.; e livros impressos no México, Perú, etc.

Vende livros raros novos de todos os géneros, e boas gravuras e autógrafos

A APPARECER BREVEMENTE



Edição do "Annuario do Brasil"

RIO DE JANEIRO

BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

Casa Matriz: AMSTERDAM

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.
Na Allemanha --- HAMBURGO.

Capital autorizado..... Florins 50.080.000

Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging
Amsteraam -- Rotterdam -- Haya*

Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

11, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL: FRs. 50.000.000

CAPITAL REALISADO:

Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000
Fundo de reserva: Frs. 12.500.000

Empréstimo sobre primeira hypotheca a curto e longo
prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por
amortisações semestraes
com direito de reembolso antecipado.

DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES
Abertura de credito para construcções de predios
até 50 % do valor dos mesmos
e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas
e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias
e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações
e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

39 BOULEVARD HAUSSMANN 39

Séde de Operações e Direcção Geral:

44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 -- RIO DE JANEIRO

Endereço: Telegraphico-BRESIFONCI
CAIXA POSTAL, 307

TELEPHONES

Directoria N. 4.116
Secretaria N. 2.085
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

24, RUA S. BENTO, 24 -- S. PAULO